

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
QUINTA-FEIRA, 7 DE NOVEMBRO DE 1968 N.º 16 482 ANO 48.º UM ESCUDO



NIXON CHAMARÁ DEMOCRÁTICOS AO SEU GOVERNO

WASHINGTON, 7 — (R.) — Julga-se que o Nixon acentuou durante toda a sua campanha presidente eleito Richard Nixon está ansioso por eleitoral que estava interessado no apoio bipartidar um ou mais democráticos de «grande nome» dário e no seu discurso da vitória vitória, proferido para incluir no seu Governo republicano quando a noite passada, afirmou que o seu Governo incluirá assumir o mandato dentro de dois meses e meio. ria democráticos.



Antes de seguir, de avião, para Key Biscayne, a ilha na Florida, onde vai passar umas curtas férias com a família, Nixon declarou que o seu Governo seria «um Governo aberto, aberto a novas ideias, aos homens e mulheres de ambos os partidos».

Na sua viagem para a Florida, o novo presidente fez uma breve escala nesta capital para efectuar uma rápida visita ao homem a quem serviu como vice-presidente, o general Dwight Eisenhower. O interesse de Nixon no apoio bi-partidário assume grande importância por causa do malogro do Partido Republicano em conseguir a maioria no Senado e na Câmara dos representantes.

Será o primeiro chefe do executivo dos tempos modernos a ser investido sem que o seu partido domine a colina do Capitólio. Outros presidentes enfrentaram o mesmo problema, mas não no início dos seus Governos.

Nixon sabe perfeitamente que a sua escassa vitória sobre o democrático Hubert Humphrey o deixa sem um mandato claro do povo americano.

(Continua na 11.ª página)

HOJE 32 PÁGINAS
VISADO
PELA CENSURA



O dr. Adriano de Carvalho falando na reunião do Ministério dos Negócios Estrangeiros

COOPERAÇÃO PORTUGUESA PARA O DESENVOLVIMENTO DE ESTADOS AMERICANOS

As modalidades que poderá revestir a cooperação portuguesa em projectos de desenvolvimento em que são interessados alguns membros da O. E. A. (Organização dos Estados Americanos) foram estudadas esta manhã, no decorrer de uma reunião efectuada no Ministério dos Negócios Estrangeiros, entre especialistas portugueses e uma missão daquela organização internacional.

A missão da O. E. A., que ontem chegou a Lisboa para uma estada de três dias, em seguimento de uma visita efectuada o ano passado (então chefiada pelo dr. Gonçalves de Sousa, antigo ministro do Desenvolvimento para o Interior no Gabinete Castelo Branco), é presidida pelo dr. Javier Malagon, assistente do director-adjunto do

Departamento de Cooperação Técnica, e dela fazem parte a sr.ª D. Marian Losi, assistente de cooperação técnica do Departamento de Genebra da O. E. A., e os srs. Julio Castro, especialista de projectos integrados, e Beryl Frank, do Departamento de Assuntos Sociais.

Do lado português, participaram na reunião o dr. Adriano de Carvalho, adjunto do director-geral dos Negócios Económicos, que presidiu, e, além de outros funcionários do Ministério, os srs. dr. Marujo Lopes, subdirector do Centro de Economia e Finanças da Fundação Calouste Gulbenkian; dr. Edgar dos Santos Matos, secretário do Instituto de Alta Cultura, e eng.º Mário Gonçalves Ferreira, chefe do serviço administrativo do Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

VOTAÇÃO NA O. N. U. SOBRE O PEDIDO DE SANÇÕES

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 7 — (R.) — Um novo apelo à Grã-Bretanha para empregar a força a fim de acabar com o regime rodesiano poderá ser ratificado hoje, por grande maioria na Assembleia Geral, que se reúne em sessão às 20 horas, T. M. G.

Uma moção perante a Assembleia pede, também, ao Conselho de Segurança que imponha sanções económicas contra a África do Sul e Portugal, que têm continuado o comércio com a Rodesia, a despeito do embargo da O. N. U.

A resolução da Comissão de Curadorias da Assembleia pede ainda «assistência material e moral» de todo o Mundo aos guerrilheiros africanos que lutam para derrubar o regime de Salisbury.

Fontes diplomáticas disseram que lordes Caradon, o principal delegado da Grã-Bretanha na O. N. U., denunciaria a moção como extremista e não realista.

A Grã-Bretanha votou contra a proposta da comissão e espera-se que

(Continua na 11.ª pág.)



Sean Bourke (ao centro, entre dois advogados), aguarda em Dublin, que seja apreciado o pedido britânico de extradição. Bourke, que afirma ter auxiliado o espião George Blake a fugir da prisão de Wormwood Scrubs, foi detido após ter chegado, há alguns dias, à Irlanda

Descoberto em Cabinda um dos maiores depósitos petrolíferos do Mundo

LOURENÇO MARQUES, 7 — (L.) — Foi descoberto no dia 28 de Outubro, em Cabinda, um dos maiores depósitos petrolíferos do Mundo, quer em quantidade, quer em qualidade — anuncia o «Diário», de Lourenço Marques, através do seu enviado especial a Angola, T. Santos Gil. O depósito foi encontrado em terra firme.

NOVO ACESSO (NO AREEIRO) À ALAMEDA AFONSO HENRIQUES

Quem passar junto da Praça do Areeiro verificará que estão ali a realizar-se obras de abertura de uma nova rua. Há já muito tempo, provavelmente desde que se construíram os imóveis que formam a Praça do Areeiro, que essa via estava desenhada e em parte começada, embora encoberta com um tapume. Esse

rasgar os montes que constituem a Azinhaga da Fonte do Louro.

A abertura deste novo arruamento, que obrigará à remoção de grandes quantidades de terra, para o que se encontram a trabalhar no local vários «bulldozers», custará dois mil e quinhentos contos.

rápida e eficiente com o bairro de Chelas, atravessando uma vasta zona de barracas, conhecida por Quinta do Bacalhau. Esta zona, muito pobre e primitiva, construída à semelhança de outras implantadas em várias zonas da capital, possui muitas dezenas, talvez centenas, dessas pequenas e improvisadas casas, onde habitam alguns milhares de pessoas.



O novo arruamento de acesso à Alameda D. Afonso Henriques vai rasgar os montes que constituem a Azinhaga da Fonte do Louro

ESTACIONARÃO NO AREEIRO CAMIONETAS DE CARREIRA

pequeno troço foi agora aberto, possibilitando um outro acesso à Alameda D. Afonso Henriques, pelo topo do nascente.

Atravessando, porém, essa pequena rua verifica-se que está a abrir-se ali um outro novo arruamento, que vai

O preço da obra será, aliás, muito bem compensado com as novas zonas de construção que se criam, permitindo a implantação de muitos novos prédios de rendimento.

O curioso é que este novo arruamento vai permitir fazer uma ligação muito mais

Deslocação de 60 barracas

Para esta primeira fase da obra a C. M. L. fez deslocar cerca de 60 das barracas existentes no trajecto da nova via, tarefa para cumprimentada da qual deslocou técnicos, funcionários e polícias camarários.

Essa meia centena e tal de barracas foi colocada um pouco mais adiante em terrenos vagos da azinhaga, que parece ainda um bocado da Lisboa das hortas.

Pensa-se que estes traba-

lhos sejam os primeiros a empreender pela C. M. L., para desanuviar a zona pobre do Casal Vistoso.

Os prédios de rendimento vão crescendo à volta do bairro da lata, enquanto este cada vez se comprime mais envolto pelos vistosos edifícios e jardins que vão sendo construídos e devem certamente constituir um regalo para a vista daqueles municípios pobres.

Demolido este monte de 16 metros de altura e gastos no trabalho os citados 2500 contos a C. M. L. retirará dos seus orçamentos mais 1800 contos para as obras de pavimentação e esgotos que constituem a 2.ª fase deste empreendimento.

As centrais de camionagens

A zona da Praça do Areeiro deverá também sofrer em breve outras obras, de certo modo relacionadas com aquelas que agora se iniciam. Com efeito, não longe desta nova artéria, ficarão os

parques de estacionamento de veículos ligeiros e pesados, que ficarão a servir a futura central de camionagens do Areeiro.

Por iniciativa do Município foram proibidas de estacionar entre a Rua da Alfandega e a Doca da Marinha as

camionetas de carreira que até agora ali estacionavam. De acordo com os planos estabelecidos, este improvisado parque de camionagens deverá exactamente passar para a citada zona do Areeiro, desafogando assim o centro da cidade.

DE ONTEM PARA HOJE

«CONVERSA» A MANTER

E' falando que os homens se entendem. E não apenas a Imprensa precisa da liberdade de expressão, essencial para o desempenho da sua missão, mas todos os sectores da vida publica precisam de ver agitados os seus problemas. Só a troca de impressões, o diálogo, nos dá a medida da identificação dos serviços publicos com o comum das gentes. Elas os pagam. No sector industrial, a voz mais alta ergueu-se ontem na IV Jornada de Produtividade da Corporação da Indústria, em que participaram os grêmios e sindicatos do distrito de Setúbal, para instar por essa livre expressão de opinião. Disse o presidente da Corporação da Indústria, dr. Augusto de Sá Viana Rebelo, que a Corporação «procura não se limitar aos estudos de ordem técnica sectorial, porque tem outras missões a desempenhar e cumprir, designadamente estar atenta aos problemas que preocupam e afectam a industria em todo o seu conjunto sócio-económico, expor lealmente ao Governo não só essas preocupações, mas ainda as soluções eventuais que admita e preveja para as resolver, e colaborar com o Governo para que se prossiga efectivamente o bem de todos que se integram na industria». E depois acrescentou estas palavras do mais puro cristal: «Esta missão pressupõe uma livre e inequívoca expressão de opinião, a par de uma «conversa» que o Governo e o sector deverão manter para esclarecimento do pensamento sectorial e formação da decisão do Governo que melhor satisfação ao País. Importa que se esclareça a industria — as empresas e os que nelas trabalham — e a Nação de que o caminho próprio para se «conversar» com o Governo é através dos organismos representativos que a Constituição consagra». E foi ainda mais longe o dr. Sá Viana Rebelo: «A validade destes organismos representativos que parece, por vezes, ser posta em causa talvez não na legitimidade da sua formação, mas na verdade da sua representatividade, está mais do que na sua organica e institucionalização, nos homens que as comandam e no entusiasmo que eles põem na defesa dos interesses que lhes são confiados e no respeito do Governo pelas opiniões que expendem. Isto significa que nas duvidas que são postas, ou os homens chamados a servir não servem, ou o Governo que os deve atender não atende. Se os homens não satisfazem nas missões que lhes são confiadas há um caminho — substituí-los». Só as claras se pode governar dignamente, e não apenas no sector industrial. Só informando-se, só ouvindo e deixando falar, se podem tomar conscientemente os caminhos mais uteis à comunidade. Há que conversar, dialogar, discutir francamente. E se os dirigentes não servem, como disse o dr. Augusto Sá Viana Rebelo, há um caminho — substituí-los».

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da Republica recebeu ontem em audiência os srs. embaixador dr. António de Faria, António Medeiros e Almeida, José Félix Mira D. José Seizal e o comendador Félix Pimenta, director-secrário do Liceu Literário Português do Rio de Janeiro, que entregou ao Chefe do Estado a medalha e diploma comemorativos do centenário daquela prestigiosa instituição portuguesa do Brasil.

UNIÃO NACIONAL

Sob a presidência do dr. Castro Fernandes e estando presentes os vogais conselheiro Armando Cândido, Francisco do Casal-Ribeiro e capitão Francisco Soares da Cunha, reuniu-se ontem à tarde a Comissão Executiva da União Nacional, que tratou de assuntos relativos à actividade normal da organização.

Julgamento no Plenário de Lisboa

No Tribunal Plenário de Lisboa, em sexta audiência, prosseguiu o julgamento dos srs. Rui Lopes Cardoso, estudante liceal; Jorge Manuel Sênica Galamba Marques, quintanista de Direito; José Manuel Serra Picão de Abreu, aluno de Direito; Fernando António Bredere de Rodrigues dos Santos, jornalista; António Maria de Sousa Almeida, estudante e delegado de propaganda médica; Alexandre José Alinhão Martins de Oliveira, quintanista de Direito; e Carlos Alberto Quintas Cardoso Furtado, vendedor de automóveis e estudante, todos acusados de terem feito parte da Frente da Acção Popular (F. A. P.) e desenvolvido actividades contra a segurança do Estado.

Na audiência anterior, iniciaram-se os debates, com uma breve intervenção do ajudante do procurador da Republica, sr. dr. Costa Saraiva, que se limitou a pedir justiça, e as alegações dos srs. drs. Joaquim Mestre e António Carqueijeiro, defensores dos dois primeiros réus.

A audiência de hoje foi preenchida pelas alegações dos restantes advogados, esperando-se que a sentença seja proferida na próxima semana.

EM MADRID, A 29 DE MARÇO:

Festival da Eurovisão

A Espanha prepara a recepção aos cançonetistas que vão representar os diversos

países concorrentes ao Festival da Eurovisão. Depois de ser relegada para segundo plano a candidatura de Palma de Maiorca (onde era difícil instalar toda a aparelhagem requerida pela transmissão televisiva) o desfile de melodias ficou definitivamente marcado para Madrid.

Assim, o Festival da Eurovisão efectuar-se-á em 29 de Março de 1969, no Teatro Real. Como apresentador, a R. T. E. escolheu o popular locutor Joaquim Prat, mantendo-se latente a dúvida sobre o cançonetista que interpretará a canção espanhola, tudo levando a crer que seja Salomé ou Julio Iglesias, a «cançonetista do ano» ou o ex-guarda-redes do Real Madrid, que Benidorm «lançou» no mundo da música ligeira.

O GENERAL COSTA E ALMEIDA NO SUPREMO TRIBUNAL MILITAR

O antigo governador geral de Moçambique, general da Força Aérea José Augusto da Costa e Almeida, foi nomeado vogal do Supremo Tribunal Militar. A nomeação é feita em portaria conjunta dos ministérios da Defesa, do Exército e da Marinha. O general Costa e Almeida vai substituir o general Frederico da Conceição Costa que, por ter passado à reforma, deixou aquelas funções.

O prof. Bello de Moraes deu uma lição integrada no II Curso de Pneumologia

Prosseguiu hoje o II Curso de Pneumologia para Pós-Graduados, organizado pela Clínica de Doenças Pulmonares da Faculdade de Medicina de Lisboa, onde estão a decorrer os respectivos trabalhos.

De manhã a sr.ª dr.ª Maria de Lourdes Fonseca Santos apresentou uma comunicação sobre «Tratamento médico da tuberculose», seguindo-se uma

sessão com apresentação de casos clínicos e filmes. Depois o prof. dr. Bello de Moraes deu uma lição subordinada ao título «Tratamento cirúrgico da tuberculose».

O programa da tarde foi preenchido por demonstrações práticas e à noite efectua-se uma mesa-redonda sobre «Cavidades bolhosas do pulmão na tuberculose sob quimioterapia», presidida pelo prof. dr. Cortez Pimentel.

CONVENÇÃO LUSO-ALEMÃ

No Ministério dos Negócios Estrangeiros efectuou-se ontem ao fim da tarde a cerimónia da troca dos instrumentos de ratificação da Convenção sobre Segurança Social entre Portugal e a Alemanha Ocidental, assinada em Bonn em 6 de Novembro de 1964 do Acordo Complementar para a execução e complemento da Convenção Geral e do Protocolo Complementar, ambos assinados em Bonn, aos 8 de Dezembro de 1966. Assinaram os dr. Francisco Nogueira, ministro dos Negócios Estrangeiros, e o dr. Rudolf Jestaedt, en-

carregado de Negócios da Republica Federal da Alemanha.



Durante a assinatura da convenção luso-alemã

CHAMAS E DESTRUÇÃO

No curto espaço de mês e meio, verificou-se ontem o 5.º

incêndio em algodão e sisal no porto de Leixões. As 21 horas, as chammas irromperam violentas, mesmo em frente da Quinta da Conceição. O guarda fiscal José da Costa Guedes, em serviço no cais, verificou que largava fumo uma pilha de fardos pouco antes descarregados do navio «Bornherten». E logo o incêndio irrompeu. Acorreram os bombeiros de Leixões, Matosinhos-Leça, S. Mamede e Leça do Balio. O incêndio foi debelado cerca das 23 horas. Os prejuízos são calculados em dois mil contos e atribuído o sinistro a ponta de cigarro atirada para o chão.

COZINHA VELHA

QUELUZ — TELEFONE 95 02 32

Informamos os nossos Ex.ªs Clientes que, amanhã, sexta-feira, dia 8, a nossa Sala «COZINHA VELHA» e o «TER-RACÓ», se encontram reservados para um LANCHE DE CASAMENTO, servindo-se no entanto na «SALA DE BANQUETES» os nossos habituais Almoços, Chás e Jantares.

A DIRECÇÃO

Agradecemos que as mesas para os Jantares sejam reservadas até às 19 horas.

FALAR CLARO

pelo DR. JOSÉ MAGALHÃES GODINHO

É COM O FALAR que os homens se entendem.

Mas a fala deve ser simples, clara, sem arranjos nem reticências, para que o entendimento resulte claro.

Deve ser simples porque, destinada ao maior número, se não deve esquecer que esse não conhece as palavras complicadas, as que não são de todos; deve ser clara porque nem todos os ouvintes têm as mesmas facilidades de compreensão; deve estar despidida de arranjos, para ser mais directa, mais sincera, e porque se dirige a homens comuns e não a génios; finalmente, não deve ter reticências para poder expor com lealdade o pensamento de que a usa.

Teve estes méritos a fala do Presidente do Conselho em 27 de Setembro último. Ele falou claro, e creio que a grande maioria o entendeu.

Pelo menos no que toca àqueles que, como eu, se situam desde sempre no sector dos que têm

discordado da orientação política do Governo e se consideram democratas, a fala foi compreendida, e não causou estranheza.

Ela marcou o desejo de continuidade de orientação com o emprego de métodos diferentes.

Ora, essa continuidade de orientação não exclui,

nem poderia excluir, aquilo que, não sei bem porque, se vem chamando de liberalização do regime.

A verdade é que o Presidente do Conselho manifestou o desejo de restaurar certas liberdades, e de que se criasse o clima de convivência que torne possível o desaparecimento de ódios e malquerenças, e pediu um crédito de confiança para a sua acção, porque tudo o que há a realizar tem de levar algum tempo, não poderá fazer-se de uma vez.

Nada implica com a continuidade do regime institucionalizado pela Constituição Política de 1933, antes torna efectivas as liberdades e direitos que nela se proclamam.

Estado de Direito

O Presidente do Conselho, professor de Direito,

teve sempre presente que o Estado Corporativo tinha de ser um Estado de Direito. Por isso, escreveu ele, no seu trabalho «O Sistema Corporativo»: «O Estado Corporativo é um regime de Direito e, mais ainda, um regime de legalidade.»

As leis gerais e as leis corporativas definem e garantem os direitos e deveres das pessoas singulares e das pessoas morais. Cumprir negar enérgicamente que a ideia de organização corporativa esteja ligada a de regime de polícia. O respeito pelos direitos pessoais e o procedimento em conformidade com a lei, são essenciais na moral política do Estado orgânico; um poder arbitrário é uma anomalia forçosamente transitória. Por isso, é preciso que haja garantias jurídicas do exercício dos direitos conformemente com as leis e os fins sociais, e do cumprimento das funções; para que a força não domine a justiça, para que o egoísmo não perverta a solidariedade. O Estado corporativo deve, pois, acolher e rebustecer o direito de petição, a fiscalização nas assembleias políticas, a crítica honesta pela imprensa, o recurso contencioso aos tribunais.

Estes princípios, acrescentamos nós, não devem ser exclusivos, não devem nor-tear apenas o Estado Corporativo, mas sim devem ser proclamados e respeitados, qualquer que seja a orgânica do Estado.

Todo o homem tem o direito que todas as Constituições lhe conferem, de expressar livremente, ainda que com a correlativa responsabilidade, o seu pensamento; de se reunir e de se associar com outros homens para debater os graves problemas políticos nacionais, para concordar e para discordar, para aplaudir e para criticar.

Quando, pois, ele advoga a restauração de liberdades, defende e mantém a continuidade do seu pensamento político; não altera instituições, não liberaliza o regime. Limita-se a fazê-lo integrar-se dentro do Estado de Direito que a Constituição lhe assina.

Isto compreenderam os democratas portugueses, que bem sabem que o Presidente do Conselho vem para o Governo não para fazer a política dos democratas, mas sim a sua própria.

(Continua na pág. seguinte)

A comissão central do P.C. russo deve estudar em breve as consequências da invasão checa

MOSCOVO — Novembro — A comissão central do Partido Comunista Soviético reunir-se-ia em sessão plenária no princípio de Novembro. No entanto, não pôde ainda obter-se qualquer confirmação desta notícia. Outros observadores pensam, por sua vez, que esta sessão só se efectuará no fim do mês corrente. No entanto parece plausível a eventualidade duma reunião próxima.

Com efeito, o momento parece favorável à realização duma sessão plenária adiada já por diversas vezes. As reuniões anteriores (Abril e Julho) foram consagradas aos problemas ideológicos. Concluiu-se então pela necessidade de defender a pureza do marxismo-leninismo na sua versão moscovita, de reforçar a campanha de vigilância e de conduzir uma luta intransigente contra a ideologia adversa. Hoje é tempo de fazer o balanço deste combate travado no interior como no exterior contra os que se afastam da estrita ortodoxia.

Segundo todas as informações que se podem obter quanto ao estado de espírito dos quadros do partido, não existem divergências sérias relativamente ao objectivo, ou seja a necessidade de enfrentar o perigo contra-revolucionário. Mas subsistem

duvidas acerca da maneira como foi conduzida a operação de intervenção na Checoslováquia. Ter-se-ia previsto suficientemente a reacção nacional dos checoslovacos, a impossibilidade de encontrar elementos «sãos» prontos a tomar imediatamente a rendição do poder no mesmo dia da entrada das tropas aliadas? Pesou-se bem as reacções negativas prováveis de diversos grandes partidos comunistas em relação à acção militar?

Tais são as perguntas que numerosos elementos, que se podem classificar como «liberais», fazem a si próprios.

Do correspondente
HENRI PIERRE

prios, e de que acharão sem dúvida eco na comissão central. Mas é provável que os dirigentes oçam também outro som de sino. Ter-se-ia feito bem em aceitar o regresso de Dubcek e dos seus próximos colaboradores, quando são «objectivamente» responsáveis por um desvio tão grave que teria podido levar ao êxito da contra-revolução e à passagem da Checoslováquia para o outro campo? Estes censuram a direcção colectiva o facto de ter de certo modo cedido às posições do presidente Svoboda.

A direcção colectiva corre assim o risco de ser submetida a uma dupla crítica,

esquerda e da direita. Mas o tratado assinado em Praga consolidou e reforçou os dirigentes supremos, que se encontram em melhor posição para explicar e justificar uma iniciativa considerada como uma necessidade lamentável mas inevitável. Aos «liberais» dir-se-á: «Em Cierna, é verdade, os dirigentes de Praga fizeram promessas solenes, mas mostraram-se incapazes de mantê-las. Por outro lado, não se trata agora de regressar ao novotismo nem de exigir dos dirigentes de Praga que tomem medidas de represália. Aos outros explicar-se-á que a sensatez consistia em ter em conta os dados de facto, isto é o da popularidade da equipa do poder e em especial da atitude firme do presidente Svoboda. Mas o resultado é satisfatório para o Kremlin, pois no final das contas são os próprios dirigentes checoslovacos que rectificam os seus «erros» e tomam sobre si a responsabilidade das medidas impopulares.

Os observadores esperam deste modo um debate animado e que ultrapassará o caso checoslovaco para abordar o problema das relações com os partidos irmãos. Mas a discussão terminará certamente pela aprovação da iniciativa tomada em 21 de Agosto.

Nota
do dia

RETOMA-SE DO DISCURSO pronunciado ontem pelo Prof. Marcello Caetano, durante o seu encontro no Ministério das Corporações com os delegados do Instituto Nacional do Trabalho, uma fase usada para ilustrar um raciocínio produzido: «Os benefícios do trabalho não-de resultar do aumento da produtividade dos trabalhadores.» E retoma-se esse fragmento precisamente para tentarmos a sua ligação a alguma coisa que ontem se dizia neste mesmo lugar e a algumas outras coisas que, aqui também, têm sido ditas de outras vezes.

Dizíamos nós, comentando declarações do ministro das Corporações, que «produtividade e rendimento são sinais que só alguns estão em condições de entender», ao passo que «as oscilações de preços de consumo são directamente sentidas por toda a gente». Isto referia-se aos factores a ter em linha de conta, conforme o esquema anunciado, para a fixação da política de salários. Vamos a ver em que medida é possível encontrar o conceito prático de produtividade.

A **escala Internacional**, a luta que se trava é a de qualidades e preços. Quem produzir melhor e mais barato é quem ganha. Quantos factores intervêm nesta competição? Muitas vezes se propõe o argumento de que estamos em condições de vantagem porque praticamos um nível de salários abaixo do que se verifica na maior parte dos países, designadamente naqueles fortemente industrializados. Não obstante, haverá a certeza de que em todas as ocasiões o nosso produto esteja em condições de sofrer a concorrência do produto similar no mercado internacional?

Poderíamos deixar a questão como simples hipótese para ilustração de um juízo. Mas não deixamos porque todos sabemos que a hipótese é colhida no domínio do concreto. Produto igual (ou supostamente igual) fabricado cá, com salários mais baixos, aparece com frequência marcado a preços mais caros. Que se passa, então? Defeitos de organização, subequipamento, exagero de lucro? Infelizmente, nem umas nem outras dessas explicações, pois qualquer delas talvez pudesse sanar-se com recurso a intervenções rápidas e corajosas que poderiam revelar-se eficientes.

O **que se passa é pior**. Passa-se que, na maior parte dos casos, a mão-de-obra de que dispomos não recebeu a tempo a devida preparação e, aplicando-se, embora devotadamente, naquilo que mal sabe, encaixa o trabalho não em volume de salários-hora, mas em volume de horas de trabalho. Isto é, cada hora de trabalho poderá custar menos dinheiro, mas para se obter um produto consome-se, aplica-se nele uma quantidade de tempo muito mais elevada do que correntemente onde a indústria é servida por mão-de-obra de qualidade.

É o **cavalo-de-batalha**. Do que mais precisamos é de ensinar e aprender. Quando se fala em ensino, quando se diz que é preciso elevar-se o nível do nosso ensino, algumas pessoas concluem apressadamente que se trata de distribuir títulos e diplomas universitários, o que seria apenas mais uma forma de inflação. Não. Do que se trata é de ganhar consciência bastante da importância do que nos cabe fazer: que o estudante estude, que o cortador corte, que o operário opere. Até lá, muito senhores de nós próprios que sejamos nos nossos talentos improvisadores, teremos de nos sujeitar à mediania. E é isso que todos nós, que cada um de nós haverá por si próprio que evitar.

RECTÂNGULOS DA VIDA

A REVOLTA DAS PALAVRAS

Neste ano em que vivemos, as transplantações são de corações e não de flores, e a botânica cedeu o primeiro lugar à zoologia. Pensando bem, ainda se transplantarão cravos e rosas? Pode mesmo perguntar-se. É verdade que continua a haver jardins e jardineiros e jardinagem, portanto... O certo, porém, é que ninguém perde tempo a falar de coisas tão comezinhas. E quando se diz «transplantação» sem mais nada, transplantação assim solta, sem raízes, é de um coração que se trata e não de uma rosa. Também se fala muito de «rejeições» e já nunca nos ocorre que é, por

exemplo, de rejeição de ideias que se fala, mas sempre dos supracitados corações. Ouvimos a palavra e logo

por
**MARIA
JUDITE
DE
CARVALHO**



pensamos em longos corredores silenciosos e em marquises e no dr. Barnard da bata branca.

Outra velha palavra que este ano fez o seu último tratamento de beleza surgindo-nos fresca e nova é a «integração». As pessoas já não estão integradas no ambiente. Qual ambiente? Participam é na estrutura dum sistema com o qual se sentem satisfeitas. Claro que não me refiro à «desintegração» (do átomo) que já passou — passou? Quem dera! — à história. Eis as palavras (haverá mais mas não me recorde), que este ano gritante e revoltaram contra os seus velhos lugares e partiram a borda dos jornais, em busca de novidade, da actualidade, de uma certa fantasia.

CURSO LICEAL

DIURNO E NOCTURNO

Inscrições nas secretarias das 10 às 23 horas

- Rua do Paraíso, 28 (entre a Graça e St. Apolónia) Telefone 865904 — agora com ampliação e remodelação das suas instalações, incluindo modernos e bem apetrechados laboratórios.
- Rua Carrilho Videira, 10 (ao Chile) Telefone 834658

Externatos:

LISBOA, DE 23 DE NOVEMBRO A 4 DE DEZEMBRO

ora diga-nos...

— Já votou alguma vez?

Os jornais publicam largamente notícias relativas às eleições americanas. Oito milhões de contos gastos na campanha. Não é brincadeira nenhuma! Só candidatos com muita «massa» é que podem meter-se nestas andanças.

No entanto, para além dessas eleições a alto nível, outras há noutros escalões menores. Em lugar dos oito milhões de contos gastam-se aí uns oito escudos — ou nem isso. Como vamos ver a seguir...



da imediata da sr.^a D. Claudina Wilbraham, professora de solfejo no Conservatório Nacional — com mais regularidade, as votações de que participei referem-se, por exemplo, à escolha deste ou daquele elemento, deste ou daquele colega, para determinado cargo. Aliás, considero a eleição um processo indispensável na vida regular de uma colectividade. Se há várias personalidades ou tendências, a escolha por voto ainda é a que me parece mais certa.



● Domingos Augusto Neves Jorge é um jovem empregado de escritório que, no respeitante a estudos, lamenta não ter ido além da 4.^a classe. Teria, decerto, alguma coisa de interessante a dizer-nos sobre o assunto:

● — De culpe não responder — disse-nos o sr. Manuel Giraldes da Silva, regente agrícola reformado — mas não gosto de falar de política...

— Nem só na «política» há eleições...

— Ah, bem, nesse caso já votei, sim senhor. Faço parte do Grupo Musical Alfredo Keil, do Montijo, e da Tertulia Tauromáquica, também do Montijo.

— Aí, fazem-se eleições.

— Todos os anos. Tem de ser. Lá, como em qualquer outro sector da vida, é preciso escolher as pessoas que nos merecem mais confiança.

● — Sim, por acaso já votei — foi a respos-

— Acha então que as mulheres devem participar dessa escolha...

— Evidentemente. E olhe que em certas questões (económicas, por exemplo) a mulher tem mais voto na matéria...



— Já votou alguma vez?

— Não.

— Mas sabe o que são eleições.

— Não sei, não.

— Já ouviu falar.

— Não, nunca ouvi.

— Então não lê os jornais?

— Às vezes.

— E o que é que lê?

— Leio a bola. Jogo no Oeiras Futebol Clube.

FALAR CLARO

(Continuação da pág. anterior)

pria política, que é a do Estado Corporativo, mas com métodos mais modernos, do nosso tempo, e mais consentâneos com a própria legalidade que para si mesmo, na Constituição, o Estado marcou, ao estabelecer como limites da sua soberania o direito e a moral. Poderão, pois, conceder o crédito pedido, se os actos vierem, como se espera, a confirmar a fala.

Liberalização e convivência

Parece, porém, que em certos sectores não compreenderam o Presidente do Conselho e que muitos dos que choram e se indignam com os obstáculos que são postos à liberalização da Checoslováquia, que protestam por não ser possível instaurar naquele país a liberdade de imprensa, a liberdade de reunião, e até de constituição de partidos políticos, defendem a conservação da censura em Portugal, que se dificulta ao máximo o direito de

reunião e de associação, não querem ver instaurados os direitos e liberdades que a Constituição consigna!

E querem que, longe de se estabelecer um clima de convivência política, se tratem os que discordam como cidadãos diminuídos, inimigos que devem ser escoraçados, e maus portugueses, perigosos elementos subversivos, porque, para esses, não dizer a tudo que sim, não bater palmas por tudo e por nada, não aceitar, sem discutir, é tomar uma atitude subversiva que está mesmo a pedir que se faça calar, seja por que meio seja, os atrevidos que ousam pensar pela sua própria cabeça. Como se o patriotismo fosse um exclusivo seu e como se não devéssemos todos nós, portugueses, ter o direito de saber o que se passa no nosso próprio País, pelos nossos meios de informação, e não como tantas vezes acontece pela imprensa estrangeira, o que dá lugar ao boato e ao avolumar de cousas que podem não ter gravidade, mas que o simples facto de se não deixar falar nelas as aparenta gravíssimas.

Como se não devéssemos todos nós, portugueses, ter o direito de participar na vida nacional, de expor com objectividade, com espírito construtivo, o nosso ponto de vista sobre os problemas nacionais, todos eles, até porque ninguém pode ter a veleidade de ser o detentor exclusivo da verdade, e só ouvindo, sabendo

do ouvir, deixando falar, não querendo só o aplauso que tantas vezes nada significa e é até enganador, antes ansiando pela crítica, para poder encontrar a solução mais justa, mais equilibrada, mais necessária.

Que todos falemos claro

Não se pretende apenas denegrir, criticar a torto e a direito.

Mas não se quer possuir só o direito de aplaudir, ainda que não se negue o aplauso quando seja caso dele.

Quer-se ser um cidadão, ter o direito de cidade, participar na vida nacional, conhecer os seus problemas em toda a sua profundidade, trabalhar para a sua solução.

Só com o respeito pela cidadania de todos e dos direitos e liberdades de cada um, se pode estabelecer o diálogo necessário e indispensável, se podem eliminar ódios e malquerenças, e passar-se a viver num clima de convivência política, de compreensão e de respeito, que são indispensáveis para que Portugal possa caminhar pela estrada do progresso, resolver os seus problemas, que são de todos nós, viver a sua própria vida com o esforço, a contribuição de todos os seus filhos. Para tanto, é preciso que todos falemos claro.

JOSÉ DE MAGALHÃES GODINHO

I Bienal Luso-Espanhola dos Publicitários — Artes e Letras

O Clube Português dos Publicitários, com a total colaboração do Club de La Publicidad de Madrid, vai realizar, de 23 do corrente a 4 de Dezembro nos salões da Sociedade Nacional de Belas-Artes, de Lisboa, a I Bienal Luso-Espanhola dos Publicitários — Artes e Letras. Este certame repetir-se-á, na capital espanhola, na primeira quinzena de Janeiro de 1969.

No sentido de tornar mais evidente e válida a comunicação com o grande público, não limitando a mostra a mera curiosidade profissional, durante o certame realizar-se-ão conferências, debates, recitais e concertos.

Os objectivos da iniciativa, que nasceu dos frequentes

contactos entre a direcção do Clube Português de Publicitários e o presidente da associação espanhola, D. Alfonso de Zuzunegui, são os seguintes: afirmar, no domínio das artes e das letras, o poder criador da actividade publicitária; reunir as obras mais representativas, quer no campo artístico, quer literário; promover a divulgação das realizações publicitárias, dando largo e total conhecimento público das suas realizações; valorizar os artistas e colaboradores do ramo da publicidade luso-espanhola.

A orientação directiva da I Bienal é de Thomaz de Melo (Tom), Carlos Rafael, Filipe Costa e Aires de F.

guerreiro, tendo como auxiliares Afonso de La Féria, Arnaldo Figueiredo, Carlos Rocha, Cidália Brito, Fausto Boavida, Mário Lopes e Vasco Lapa.

Da comissão técnica de selecção dos trabalhos a expor fazem parte Fernando Peres, Rui Mário Gonçalves e, ainda, um representante dos expostos e delegados dos clubes de Portugal e de Espanha.

Para a solução de problemas de ordem expositiva, o Clube Português de Publicitários conta com a colaboração da Câmara Municipal de Lisboa, Secretariado Nacional da Informação, Fundação Calouste Gulbenkian, Feira Internacional de Lisboa e Sociedade Nacional de Belas-Artes.

O conhecimento da Bienal e os pormenores da sua realização foram, ontem, comunicados aos órgãos informativos, numa reunião presidida pelos srs. dr. Duarte Bouca, Igrejas Caeiro e D. Cidália Brito.

A criação aplicada aos meios de comunicação

— tema das reuniões dos especialistas de Publicidade promovidas pela BP

Os especialistas de Publicidade e Promoção de Ventas reunidos no Estoril, ao longo da semana em curso analisaram hoje, em sessões de manhã e à tarde, aspectos da aplicação da criação dos vários meios de comunicação.

A primeira sessão, presidida pelo sr. K. Junker, da BP Suíça, foi preenchida com uma palestra do sr. Colin Forbes, sócio da Agência Corby, Fletcher & Forbes, de Londres, que falou da criação aplicada a gráficos e desenhos. Seguiu-se a conferência do sr. John Beasley, administrador da «The London Press Exchange» o qual numa sessão presidida pelo sr. C. Ostensen, da BP Noruega, dissertou sobre a criação aplicada ao local de vendas.

A última sessão da manhã, presidida pelo sr. H. Zylenbos, da BP Holanda foi preenchida com a conferência do sr. George Duming, administrador da TV Cartoons Ltd., de Londres, o qual tratou de criação aplicada ao cinema. Realizou alguns famosos filmes de desenhos animados

para o cinema, incluindo «The Apple», «The Wilying Man» — mais recentemente — o discutidíssimo filme «The Yellow Submarine», com os «Beatles».

Depois do almoço, realizaram-se mais três sessões de trabalho, presididas pelos srs. W. B. Sandes (BP Inglesa), A. Sipahi (BP Turquia) e K. A. Adeosun (B. P. Nigéria), em que falaram, respectivamente, os srs. Bill Svans, director de Promoção de Vendas e Estudos do Mercado do Grupo BIA — a maior organização europeia de publicidade directa por correio; Herb Kanzehl, administrador executivo da Kanzehl Associates, Ltd., de Londres; e o sr. Norman Crofts, de Messias Wynne Williams, de Londres.

A noite serão apresentados dois filmes «The Anderson Plateau» e «A publicidade nos E. U. A. no passado e no futuro», sendo comentado o sr. T. E. A. Benjamin.

Os trabalhos terminam amanhã às 16 horas, havendo à noite um jantar de encerramento.

Comemoração das Bodas de Prata da CEL-CAT

Oitocentos trabalhadores da Cel-Cat vão reunir-se, num almoço, num dos salões da Feira Internacional de Lisboa, com a presença do ministro das Corporações. Trata-se de um dos números do programa com que aquela firma pretende comemorar as suas bodas de prata, 25 anos de laboração contínua.

A Cel-Cat, fábrica de condutores eléctricos, possui equipamentos técnicos dos mais modernos da Península e a sua produção é constituída, entre outras coisas, por fios, corões e cabos eléctricos isolados a borracha, substâncias termoplásticas e papel, abrangendo, no seu grupo, mais de um milhão de tipos diferentes, que podem ser usados em navios, aviões, edifícios, centrais hidroeléctricas, energia e telecomunicações.

Hoje, às 18 e 30, no Restaurante Tavares, haverá uma conferência de imprensa por motivo do 25.º aniversário da Cel-Cat.



OUTRAS TERRAS, OUTRAS ESTRADAS — Grande orgulho dos londrinos, a Latimer Road aproxima-se do termo da sua construção. É a auto-estrada mais alta da Europa erguida que foi sobre pilares ao longo de duas milhas e meia. Estará pronta em 1970, devendo custar 30 milhões de libras (2,1 milhões de contos), incluindo expropriações

RESTAUROS JOALHARIA TIARA
R. DO OURO, 232
T. 30231
Executam-se com a máxima perfeição em leques, porcelanas, marfins, imagens de madeira etc. Orçamentos grátis.


ROMA
**4.^a
SEMANA**
**O MAIOR ACTOR
DO CINEMA
FRANCÊS**
JEAN GABIN
NUM FILME DE GEORGES LAUTNER
**A NOITE ESCALDANTE
DO INSPECTOR JOSS**
com DANY CARREL
EASTMANCOLOR
(ADULTOS)

AVIS
**O ÊXITO DE UMA CANÇÃO INSPIROU
UMA DIVERTIDA COMÉDIA!**
**2.^a
SEMANA**
com
**TONY RENIS
LOLA FALANA**
QUANDO DIGO QUE TE AMO
e ainda
EASTMANCOLOR
**CATERINA CASELLI
JIMMY FONTANA
LUCIO DALLA**
(ADULTOS)

DOIS GRANDES ÊXITOS DA DOPERFILME
**TODAS AS NOITES
AS 21.45 H.**
(ADULTOS)
RIA COM DIGNIDADE
NÃO DEIXE DE VER
O AMOR 68

**UMA FANTÁSTICA COMÉDIA
DE HENRIQUE SANTANA
UM ESPECTÁCULO DE
VASCO MORGADO
NOVO ÊXITO DA
C.º TEATRO ALEGRE**
**NO TEATRO T. 32.60.37
VARIEDADES**
com
**HENRIQUE • IRENE • COSTINHA • SE-
MEDO • LIA • ANABELA e ADRIANO
REYS**
**Dir. plástica de F. RELOGIO
Encenação de MARIA HELENA**
Sáb. às 16 h., Tarde para Estudantes
«MILLIE»
**ESGOTA
LOTAÇÕES**

O Cinema Mundial inaugurou auspiciosamente a sua temporada. De facto, o primeiro filme escolhido foi «Millie, Rapariga Moderna», e há quatro semanas que tão aliciante cartaz esgota as lotações daquela moderna sala da Rua Mariens Ferrão. Interpretado pela famosa vedeta Julie Andrews, inesquecível protagonista de «Musica no Coração», esta comédia está cheia de ritmo, de música e de mocidade — uma mocidade dos «anos vinte» que, entre um assalto inesperado e o som de um trepidante «charleston», enche de movimento e de euforia as principais avenidas de Nova Iorque.

Espectáculo delicioso, diabolicamente movimentado, ao gosto de toda a gente, «Millie, Rapariga Moderna» tem sido, e continuará a ser, o motivo de todas as conversas entre os cinéfilos lisboetas.

«A Caixa de Pandora»
na Casa da Comédia

Prosseguem na Casa da Comédia os ensaios do capricho teatral «A Caixa de Pandora», de Fernando Amado. Colaboram neste espectáculo a despertar o maior interesse, os artistas: Manuela Machado, Manuela de Freitas, Fernanda Lapa, Isabel Ferreira, Filipe La Féria, Vitor de Sousa, Jorge Guimarães, Francisco Esteves, Francisco Ferro, Norberto Barroca e outros elementos.

AS 21.45 H., NO
TRINDADE F.N.A.T.
Telef. 32.00.00
**O T. N. P. APRESENTA
A ADMIRÁVEL COMÉDIA
ITALIANA**
**A TORRE
E O GALINHEIRO**
**POR TODOS OS SEUS PRINCIPAIS
ELEMENTOS ARTÍSTICOS
P.º M/ 12 ANOS**

**TODOS JULGARAM AQUELA
MISSÃO IMPOSSÍVEL!**

**TONY FRANCIOSA
ANJANETTE COMER**
**GUY STOCKWELL • PAUL HUBSCHMID
TOM BELL
REALIZAÇÃO E PRODUÇÃO DE
HARRY KELLER.**
**ESTA É UMA DAS MAIS
PODEROSAS E IMPRESSIONANTES
HISTÓRIAS DE GUERRA
JAMAIS CONTADAS PELO CINEMA**
EM TERRITÓRIO INIMIGO
(IN ENEMY COUNTRY)
HOJE
GRANDE ESTREIA
TECHNICOLOR
POLITEAMA
UNIVERSAL — SONORO FILME
MAIORES DE 17 ANOS

ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES
NO MONUMENTAL
T. 555133 — (ADULTOS)
2 SESSÕES — 20.45 e 23 h.
**UMA REVISTA
DE NÍVEL
INTERNACIONAL**
**6.º MÊS
DE ENCHENTES**
NO ELENCO:
**CAMILO • FLORBELA • CARLOS COELHO
• ADELINA • OCTÁVIO**
**AS ATRACÇÕES TERESA QUINTA, VUM-VUM E
PAULO JORGE (o cantor da moda) E AINDA UM FA-
MOSO «BALLET» DE 25 FIGURAS**
**Dias 18 e 19 em Setúbal; 20 em Leiria; 22, estreia no
Sá da Bandeira no Porto**
**Depois do espectáculo vá ao PORÃO DA NAU
(Maiores de 17 anos) e frequente «O CONVÉS»**

MONUMENTAL
**SÁBADO E DOMINGO
AS 18.30 H.**
A História do Pastorinho Beija-Flor
ALMOCE E JANTE
NO
CIRCUITO
Av. Casal Ribeiro, 17-A
**No CACÉM o «DIÁRIO DE
LISBOA» vende-se na TABA-
CARIA NELITO**
**antes
que cases...**
"With Six You Get Eggroll"
Maiores de 12 anos

Novo CASINO ESTORIL



APRESENTA, HOJE EM ESTREIA



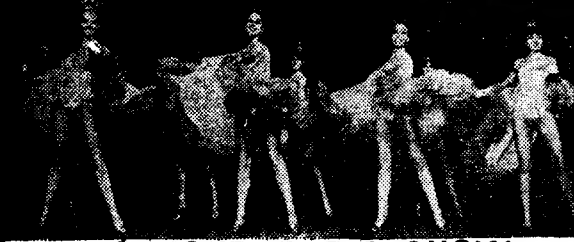
DANDY BROTHERS

GRANDES VEJETAS DA BROADWAY



THE UKRAINIAN COSSACKS

LILLY TCHIUMBA



BONJOUR PARIS SHOW

JIRINA'S COMBO

OS "SHEIKS"

JORGE COSTA PINTO E SUA ORQUESTRA

no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos no wonder bar à 1.00h m/21 anos

NO CINEMA, ÀS 17 e 21.30 H.
HISTÓRIA DE UM FOTÓGRAFO (M/ 17 ANOS)

ATRÁS DO REPOSTEIRO

- E' muito provável que a companhia do actor Raul Solnado após a sua temporada no Porto venha a dar alguns espectáculos na província.
- Afinal o cançonetista António Calvário sempre participará na próxima revista do empresário Vasco Morgado.
- A temporada do teatro Gil Vicente será inaugurada com a peça espanhola «A Celestina».
- E' muito possível que a cantadeira Amália Rodrigues venha a interpretar na companhia de Carlos Avilez a peça «A descida de Orfeu».
- A fantasia «Lisboa é sempre mulher» estreia-se ainda este mês no teatro Sá da Bandeira do Porto.
- A R. T. P. vai apresentar em breve a peça de Salvatori Giacomo, «Primeiras cerejas do ano».
- A peça do antigo presidente da Republica, Manuel Teixeira Gomes, «Sabina Freire» deve ser representada pela companhia do Teatro da Trindade.
- A actriz Fernanda Figueiredo deve participar no desempenho da peça «O jovem mentiroso».
- Foi contratada para desempenhar um papel na revista «Click, já está» a actriz Delfina Cruz.
- E' desejo do empresário José Miguel fazer ainda este mês a inauguração do Teatro ABC.
- Intitula-se «Ri-te, ri-te» a revista escrita pelos Parodiantes de Lisboa e que deve ser apresentada no Monumental ou no Variedades.

HOJE AS 21.45 H ADULTOS

VASCO MORGADO E RAUL SOLNADO APRESENTAM

DURANTE MAIS 4 DIAS

PORQUE ESTAVA ESGOTANDO LOTACÕES

AR CONDICIONADO

TEATRO VILLARET

o mais moderno e confortável de Lisboa

com direcção de CARLOS AVILEZ

D. QUIXOTE

PELO TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS

Patrocínio da Junta de Turismo da Costa do Sol
Subsídio da Fundação Calouste Gulbenkin e Fundo de Teatro

BREVEAMENTE NO TEATRO VILLARET

RAUL SOLNADO em

«A PREGUIÇA»

ADULTOS



SALVADOR no «compère»

• DÁ-ME O BRAÇO ANDA DAÍ... AO

• MARIA VITÓRIA

RIR A FARTAR COM A REVISTA DA GARGALHADA

GRANDE POETA É O ZÉ!...

com SALVADOR • JOSÉ VIANA • MARIEMA • MAX • ANITA • DORA • VITOR MENDES e a formosa atracção • BRIGITTE ST. JOHN



ADULTOS

• ÀS 20.45 • ÀS 23 HORAS • DOMINGO «MATINÉE» ÀS 16 HORAS •

compre já!

leia num mês...

O Clube das Donas de Casa está a lançar em todo o País o seu novo magazine mensal de bolso

SELECCÕES FEMININAS

Com um total de 164 páginas você tem uma revista que nunca mais acaba... 'Seleções Femininas' traz muito para lhe contar! Só dez escudos.

★ MORRIS CHALFEN apresenta ★

Holiday on Ice

a maior revista mundial no gelo inteiramente nova!

UM ESPECTÁCULO INVULGAR DE LUZ, RITMO E BELEZA

NO COLISEU DOS RECREIOS

SOIRÉES TODAS AS NOITES AS 21.30 H. (M/ 12 ANOS)

MATINÉES ÀS 5.ª, SÁBADOS E DOMINGOS ÀS 16 H. (M/ 6 ANOS)

HOJE «MATINÉE» ÀS 16 HORAS (M/ 6 ANOS)

Bilhetes à venda no Coliseu e nas Agências

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

ÊXITO!

6 SEMANAS

NO CINEMA



PARA O

MELHOR FILME DO ANO



NO CALOR DA NOITE

IN THE HEAT OF THE NIGHT

com

ROD STEIGER · SIDNEY POITIER



NOTÁVEL REALIZAÇÃO DE NORMAN JEWISON

★ DISTINGUIDA AINDA COM OS «OSCAR» PARA,

MELHOR ACTOR

ROD STEIGER

MELHOR ARGUMENTO

MELHOR SOM

MELHOR MONTAGEM

United Artists
Adultos

«ELAS É QUE SABEM»

— UMA NOVA REVISTA
COM NICOLAU BREYNER
E HENRIQUETA MAYA

São dois nomes sobejamente conhecidos e admirados do nosso meio teatral. Um como outro são elementos valiosos e aplaudidos. Ambos prestaram suficientes provas nos tabladros, conquistando um lugar cimeiro que só o mérito permite. Nicolau Breyner, artista divulgado pela comédia e pela revista, pelo cinema e até pelo disco, onde a sua voz marcou posição, encontra-se num dos melhores momentos da sua carreira artística, pleno de força e cobrando justa popularidade. Henriqueta Maya é igualmente, um caso de êxito. O teatro e a TV têm sido o seu campo de actividade. Destacou-se, ultrapassou a bitola normal, para se instalar no lado das primeiríssimas figuras, precisamente Nicolau Breyner e Henriqueta Maya que vêm reforçar o elenco do Teatro ABC, na revista inaugural da temporada. Nicolau Breyner actuará pela primeira vez no referido teatro. Henriqueta Maya regressa ao palco onde aconteceu a sua estreia no teatro ligeiro.

Ambiente de verdadeira euforia rodeia os construtores da nova revista. Esperanças fundadas para o texto escrito por Paulo da Fonseca, César de Oliveira e Rogério Brachinha e para a música que tem a assinatura de João Nobre e João de Vasconcelos. São da autoria de Mário Alberto os figurinos luxuosos, que têm execução dos «Ate-

tiers Paiva», sob a direcção de Josefina Soares.

Mestre Charles, um valor bem positivo das oficinas do musical, encarregou-se da coreografia deste novo espectáculo de José Miguel.

Aguarda-se, pois que a revista «Elas é que sabem» venha a constituir um verdadeiro êxito, um espectáculo bem ao gosto do público.



HENRIQUETA MAYA

NOTÍCIAS DAS VEJETAS DO DISCO

Foi brilhante a digressão do cançonetista espanhol Michel por terras da Rússia. Realizou 35 recitais (em que incluiu composições heterogêneas: «Granada», «Aranjuez», «Valência», «Los Gitanos» e o seu repertório habitual). Foi ovacionado em diversas cidades, por diferentes plateias: Moscovo, Leninegrado, Yeresam (capital da Arménia), Tiflis, Rostov, Sujumi. Também actuou na TV, na Georgia e em Moscovo. O seu espectáculo na ligeira.

Sala Oktiabr (em Moscovo) foi presenciado por 4500 moscovitas.

Michel, que é acompanhado pelo acordeão de Ricardo Cerato, teve grande êxito porque, segundo ele próprio explica à Imprensa espanhola, «não fui cantar yé-yé nem atirar-me para o chão, como os devoradores de microfones».

///

O cançonetista espanhol Raphael encontra-se no Chile, cumprindo um contrato de 20 espectáculos.

///

Quando perguntaram a Salomé se a artista representaria a Espanha no próximo Festival da Eurovisão, ela respondeu:

— Só como um acto de disciplina

///

O conjunto musical português «Gatos Negros» está a actuar no clube madrileno «Consulado».

///

«Los Stop» dissociaram-se. Cristina afastou-se do conjunto. Cristina (nascida em 19 de Agosto, há 22 anos, em Barcelona, de nome real Carmen Arévalo) quer formar o seu próprio quinteto musical.

Contudo, «Los Stop» continuarão a ser o cartaz artístico de Juan, Fernando Gabriel, Andrés e José Maria, os intérpretes de melodias como «El turista 199999», «Casi nada», «Mi Caravana» e «Salud, dinero y amor».

///

Encontra-se em Espanha, o famoso conjunto «The Moody Blues», criador de um notável sucesso musical: «Noites de cetim branco».

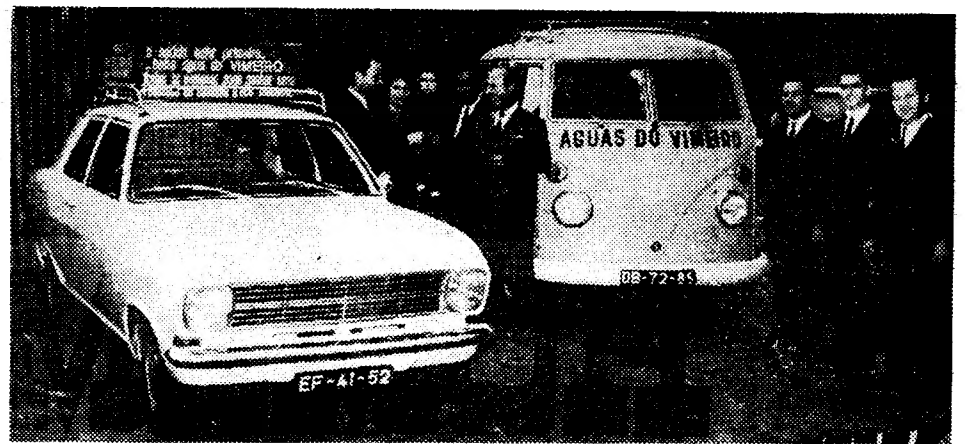
Recintos de diversões

- * Realiza-se no próximo domingo, no teatro Vale Formoso, do Porto, um grande espectáculo de variedades.
- * Com vista à gravação do seu primeiro disco comercial a artista Julieta Reis, presentemente a actuar no «Mil e Um», revê todo o seu repertório.
- * A artista Adelaide Rodrigues parte, dentro de dias, para Luanda.
- * Tem sentido algumas melhoras a cantadeira Emília Reis, há dias vítima de um desastre de viação.
- * Termina no próximo dia 11 o seu contrato com o Timpanas o grupo Folclore de Portugal, dirigido pelo acordeonista Túlio Pereira.
- * Vai retomar a actividade artística a cantadeira Maria Valejo.
- * Está a actuar no restaurante «Abril em Portugal» a cantadeira Cesaltina Santos.
- * Encontra-se doente o guitarrista M. Ferreira.
- * A artista Manuela Moura é vedeta em «Festival», onde actua em dueto com o cantor humorístico Neca Rafael.



Esta bela francesinha, de nome Emmanuelle, encarnará «Emmanuelle» num dos cinco capítulos do filme «Amor no feminino», presentemente em rodagem. Os outros quatro capítulos terão por intérpretes artistas inglesas, japonesas, alemãs e suças.

CONCURSO DA ÁGUA DO VIMEIRO



Com a entrega do respectivo grande prémio, encerrou-se a 4.ª edição do concurso «A SAÚDE ESTÁ PRIMEIRO: — BEBA ÁGUA DO VIMEIRO!». A gravura acima mostra o momento em que o Sr. Fernando Igrejas, em representação da Empresa das Águas do Vimeiro, Lda., deu ao detentor da senha n.º 84.740, o Sr. Adelino Nunes Fernandes, empregado do Hotel Estoril-Sol, a chave do automóvel Opel-Kadett que constituía aquele prémio.

Almoço de homenagem a um cantor

Partiu de avião, para Joazeburgo, em digressão artística, o apreciado cantor Raul Pereira.

Por esse motivo, um grupo de amigos e colegas ofereceu-lhe um almoço no restaurante «O Frango». O popular poeta Carlos Conde fez o elogio de Raul Pereira, assegurando-lhe muitos êxitos artísticos. E cantaram: o homenageado, Rogério Fernandes, António Santos, Carlos Duarte, Alberto Amorim e a novel fadista Judite Teixeira, acompanhados por José Belém e Armando Ferreira.

antes que cases...

«With Six You Get Eggroll»



Doris Day e Brian Keith

MAIORES DE 12 ANOS

As estreias de hoje

No Politeama

Título em português — «Em território inimigo»
Produção — Americana
Realização — Harry Keller
Intérpretes — Tony Franciosa, Anjanette Comer, Guy Stoerweel e Paul Huber
Género — Aventura
Distribuição — Sonoro Filme
Processo — Technicolor Scope
Classificação — 17 anos

MOTORISTAS

Novo Contrato Colectivo de Trabalho

(Altera substancialmente o Contrato anterior)
Edição com notas, esclarecimentos e comentários
Preço — 10\$00 (Acrescem as despesas de correio)
Pedidos a:

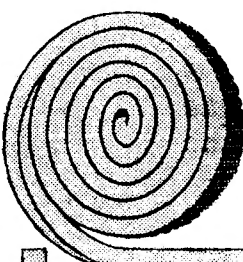
ESCRITÓRIOS FAX

Praça do Município, 287-6.º Dt.º (S/70) — PORTO
Telef. 21011 e 21012

FRIGORIFICOS-FOGÕES-EQUIPAMENTOS COMPLETOS PARA COZINHA

ARISTON

QUALIDADE ITALIANA FAMOSA NO MUNDO INTEIRO



tesa-moll

FITA ADESIVA para calafetar portas e janelas

Aplicação fácil e rápida pela sua qualidade auto-adesiva

Preços a partir de 10\$00

«É tão confortável a nossa casa... tesa-moll está nas portas e janelas»



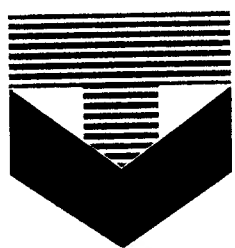
PROCURA-SE

forma es



HOMEM

QUE SAIBA USAR UMA CAMISA



Lanella

45% LÃ + 55% ALGODÃO

A LANELLA foi feita para aquele tipo de homem que a Rainha do Sabá disputaria entre mil.

A elegância é-lhe indispensável, evidentemente; mas o que mais importa é o "saber estar", a expressão tranquila e senhoril do homem que se sente tão à vontade montado num elefante como ao volante de um bólido.

Se V. é um desses raros homens que sabem combinar um estilo pessoal de vida com um estilo pessoal de vestir - a camisa TV LANELLA foi feita para si.

BONECAS

Italianas, espanholas e francesas; camas, cadeiras, carros e alcafofes para bebé; brinquedos, talangas, porcelanas, faqueiros e alabastrós, venda directa ao publico R. Correios. 184-2.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

PIANOS

Verticais e de Cauda

Alugam-se

CUSTÓDIO CARDOSO
PEREIRA, & C.
RUA DO CARMO

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

A edilidade ocupa-se do importante problema das construções clandestinas para uma solução razoável

Na reunião da Câmara Municipal, a qual presidiu o sr. eng.º Araújo Vieira, estiveram presentes, além do vice-presidente, sr. prof. dr. Neto Murta, todos os vereadores.

O vereador sr. dr. Viriato Namora fez largas considerações sobre os bairros de casas económicas e as habitações construídas ilegalmente, justificando-as em parte e terminando por apresentar a seguinte proposta: «Que a Câmara e os Serviços Municipalizados estudem a natureza e o valor das facilidades a conceder a todas as iniciativas privadas, válidas, de construção de

Bairros de casas de renda económica; que a Câmara continue a dedicar ao problema dos bairros a atenção que o enquadramento com todas as restantes necessidades vá permitindo; que o novo Gabinete de Urbanização considere, dentro dos estudos mais urgentes, a urbanização das zonas da periferia onde a construção clandestina se desenvolveu procurando integrar, tanto quanto possível, as casas ilegais existentes, por forma a evitar demolições.»

A proposta que mereceu a melhor atenção da Câmara, foi aprovada, e o presidente assinalou as dificuldades que têm motivado a composição do Gabinete de Urbanização, acrescentando que o problema exposto tem sido uma preocupação constante.

LICENCIATURAS

PELA FACULDADE

DE DIREITO

Concluíram as suas licenciaturas pela Faculdade de Direito, os srs. drs. Horácio Manuel Tavares de Carvalho, José Simões Patrício, Luís Filipe Mendes Pimentel, Manuel António Louzada, Manuel Fernando Cunha Cardoso, Manuel Joaquim Osório, Manuel Joaquim Pereira Marcelino, Manuel José Boavida de Oliveira Barros, Manuel José Dias Marques de Oliveira, Vítor Manuel Lopes Pinto Raposo Serraventoso, Manuel Marques da Silva, Manuel Maria Aroso Maia, D. Maria Clara da Costa, D. Maria do Rosário Rodrigues de Andrade, D. Maria Teresa Montenegro Vieira Cardoso, Oscar Alexandre da Silva Gomes, Pedro Manuel Teixeira Botelho Hespanha, Rui Manuel Pessoa de Amorim da Ressurreição, Rui Manuel Pinheiro Moreira, Sidarta Valentino Capelo de Sousa, Vasco Ari Reis de Carvalho, António Granjela Ferreira, Carlos Emílio Rodrigues Cordeiro, Fernando Augusto Ferreira Serrão, Fernando dos Santos Andrade Porto, D. Graciete Martins Pinto Almeida, D. Isabel Juvita Loureiro dos Santos Macedo, José Lopes de Matos e Jorge Alberto Santos Vale.

Comemorações do aniversário do armistício

Por iniciativa da Agência da Liga dos Combatentes será comemorado, no dia 11, o 50.º aniversário do armistício da primeira Grande Guerra. Haverá missa na Igreja de Santa Cruz, em homenagem à memória dos militares mortos pela Pátria, às 10 horas, segundo-se romagem ao monumento dos Mortos da Grande Guerra, na Avenida Sá da Bandeira, onde serão colocados ramos de flores e uma placa de bronze, homenagem dos antigos combatentes da Grande Guerra aos que morreram pela Pátria.

Após estas cerimónias, os antigos combatentes vão ao cemitério da Conchada, depor ramos de flores nas campas dos seus antigos camaradas sepultados no talhão da Liga dos Combatentes.

Nas referidas comemorações tomam parte entidades civis e militares, antigos combatentes nacionais e estrangeiros residentes nesta cidade e deputações das unidades militares.

Aspectos humanos do problema

A propósito, o vereador sr. dr. Francisco Cortês informou que já estão vendidos todos os lotes de terreno no Bairro de São Silvestre e solicitou dos Serviços Municipalizados o estudo do indispensável abastecimento de água.

O sr. eng.º Azevedo Sobral, a propósito da clandestinidade da construção, afirmou não se tratar de um caso lucrativo no seu maior número mas do desejo humano dos munícipes de debruçarem-se de possuírem o seu lar. Foi o conhecimento desse problema que — disse — o levou a pedir o loteamento dos terrenos em Lordemão e na Cruz dos Mourcos.

O sr. eng.º Araújo Vieira falou da visita que fez à Quinta da Misericórdia, onde existe um «bairro de lata» e da impressão que lá colheu pelo que irá proceder a diligências para tornar menos agreste o viver da aquela gente.

A Câmara aprovou ainda autos de medição de trabalhos e o novo regulamento de leitura da Biblioteca Municipal, pelo qual a caução para a leitura domiciliária passa a ser de 200\$00 e a inscrição de 5\$00.

Interesses do distrito

O chefe do distrito, sr. eng.º Horácio de Moura, foi a Lisboa, tratar de assuntos de interesse para o distrito, junto dos srs. ministros da Saúde e do Interior, avistando-se, também, com o sr. ministro da Justiça, juntamente com o presidente da Câmara Municipal de Oliveira do Hospital, sr. dr. Afonso do Amaral.

Espectáculos para hoje

CINEMAS

Gil Vicente — às 21 e 30: «Doutor Jivago» (17 anos)
Avenida — às 17 e 45: «O livro de San Michel» (17 anos) e às 21 e 30: «Moulin Rouge» (17 anos)
Tivoli — às 21 e 30: «Um mordomo no Far-West» (12 anos)
Sousa Bastos — às 21 e 30: «Um homem para a eternidade» (12 anos).

Farmácias de serviço

Vilaça — Rua Ferreira Borges (Tel. 22043)
Neves Morgado — Rua da Moeda (Tel. 23738)
Baptista — Praça da República (Tel. 23747)
Olivais — Rua Bernardo de Albuquerque (Tel. 22804).

Maria da Fé e Luís Alcaria

Mais um casal de artistas que se une pelo matrimónio. Amanhã, pelas 15.30 horas, na Conservatória do Registo Civil de Arroios,

— casamento amanhã

casam-se Maria da Fé e Luís Alcaria. A popular intérprete de fado e o jovem actor teatral (também «double» de manequim profissional) não vão, porém, afastar-se dos seus campos de actividade: Maria da Fé (Maria da Conceição Marques) já firmou contrato para intervir no novo espectáculo de revista do Teatro ABC, e Luís Alcaria (José Luís Gordo, de seu nome autêntico) continuará no elenco do Teatro Villaret e na lista dos «prontos a utilizar» pelos departamentos de publicidade das melhores agências lisboetas.

Cinquentenário do Armistício

A União dos Inválidos de Guerra promove, no dia 11, uma romagem ao cemitério Oriental, às 9 e 30, assinando o cinquentenário do Armistício com uma homenagem aos antigos combatentes e, às 10 e 30, deposição de flores no monumento aos mortos da Grande Guerra, na Avenida da Liberdade.

COMUNICADO DO S. I. P. DAS FORÇAS ARMADAS

O Serviço de Informação Publica das Forças Armadas comunica que morreram em combate, na província da Guiné, o alferes miliciano de Infantaria José da Silva Oliveira, natural do concelho de Vila Nova de Ourém, e filho do sr. Manuel de Oliveira e da sr.ª D. Guilhermina de Jesus Silva Reis Oliveira; e o soldado n.º 05423067, Vitor Manuel Ribeiro Lopes, natural de Lisboa e filho do sr. Paulino Monteiro e da sr.ª D. Maria Luisa Martins Ribeiro Lopes.

COMEÇAM AMANHÃ AS LIÇÕES DE HISTÓRIA DE ARTE NA S. N. B. A.

Começam amanhã na S. N. B. A. às 18 e 30, as lições de História de Arte, proferidas pelo prof. dr. Ferreira de Almeida, da Faculdade de Letras do Porto, membro do Instituto de Arqueologia, História e Etnografia, sócio do Deutsches Archäologisches Institut de Berlim autor de vários trabalhos de História de Arte e Arqueologia e conferencista.

Estas lições semanais, integradas no Curso de Formação Artística da Sociedade Nacional de Belas-Artes, sendo embora obrigatórias

para os alunos do 2.º ano do referido curso, podem ser frequentadas por todas as pessoas interessadas, sem qualquer condicionamento de idade ou habilitação, tal como já sucede na História de Arte para o 1.º ano, a cargo do dr. Rui Mário Gonçalves, e no mesmo regime dos outros ciclos de lições. Música e «Ballet» Teatro e Cinema, Sociologia da Arte e Arquitectura, a que têm ocorrido numerosos alunos.

O programa deste ano lectivo agrange a Arte desde a Idade Média até ao Barroco e Neoclassicismo, antecedido duma introdução à arte do mundo clássico, da Grécia arcaica até ao Édito de Milão.

Para estas lições, que estão a despertar justificado interesse, aceitam-se ainda inscrições.

UMA CONFERÊNCIA SOBRE PUBLICIDADE

Esteve mais uma vez entre nós, a convite de Thibaud Lintas, o sr. Harry W. McMahan, que fez uma interessante conferência sobre publicidade mais eficaz em televisão.

Foi seguida com o maior interesse a exposição do sr. McMahan — figura ilustre da publicidade internacional e invulgar personalidade de conferencista em cujo «curriculum vitae», se conta um infindável numero de preciosas experiências no campo da criatividade publicitária.

Assistiram à conferência administradores da Fima e da Lever, o director da fábrica de Gelados Olá, o representante dos Produtos Marcel Rochas em Portugal, o chefe do departamento de pessoal e alguns elementos do Marketing do Grupo de Companhias Fima-Lever; e elementos directivos de algumas das mais importantes firmas internacionais, representadas em Portugal, funcionários superiores da RTP e da Movie-record e produtores de filmes com quem a Thibaud Lintas mais frequentemente trabalha; e, naturalmente, o director da Thibaud Lintas, sr. J. R. Williamson acompanhado de alguns elementos do pessoal desta agência.

A conferência foi seguida de um almoço volante que a todos os presentes proporcionou o agradável e simpático convívio do sr. Harry W. McMahan.

TAUROMAQUIA

Tertúlia «Festa Brava»

No sábado, às 13 e 30, na sede da Tertúlia «Festa Brava» haverá um almoço em que será convidado de honra o ganadeiro David Ribeiro Teles.

CARTA ESCOLAR DO ENSINO SECUNDÁRIO

Chegou a Lisboa o dr. Alain Becker, consultor da O.C.D.E., que, ao abrigo da assistência técnica desta organização e no âmbito das actividades do Gabinete de Estudos e Planeamento da Acção Educativa, participará na elaboração da carta escolar do ensino secundário, relativa a 1975.

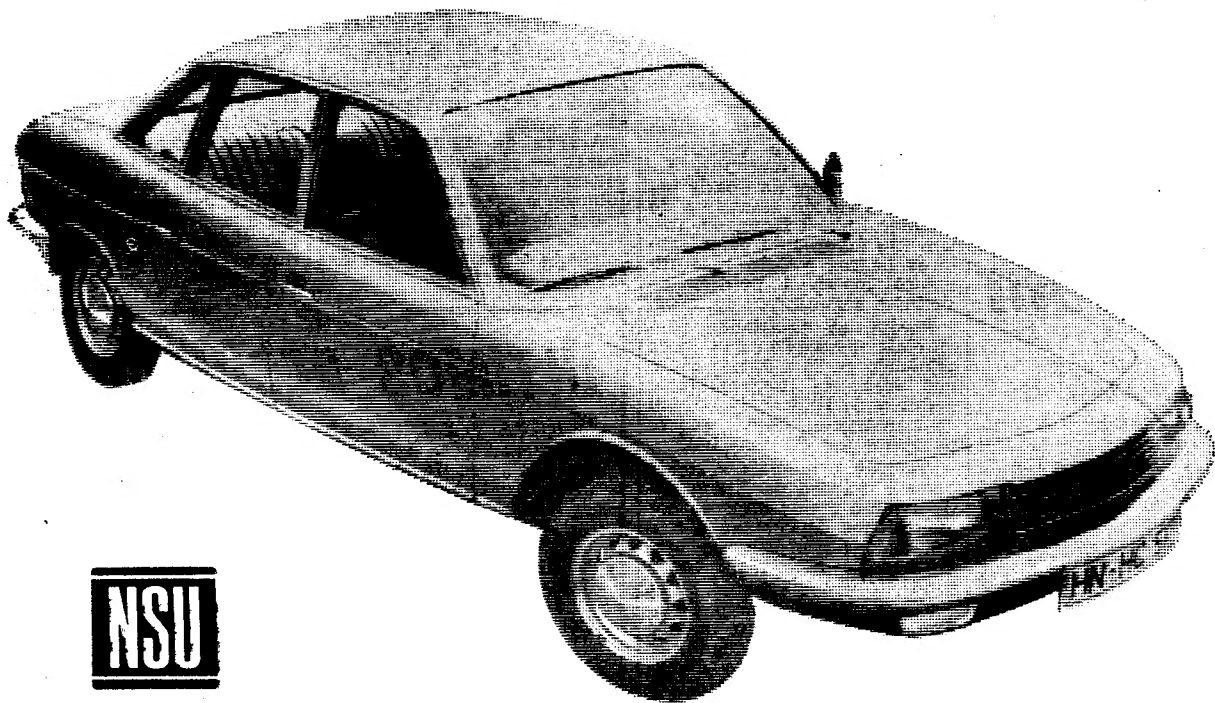
Com o dr. Alain Becker, que, pela segunda vez, se desloca a Portugal com aquela missão, veio a dr.ª Ivonne Saffé, também consultora da O.C.D.E., para os problemas do financiamento da educação.

Os trabalhos de ambos prolongam-se até ao fim do mês.

o automóvel do futuro
(já se pode comprar hoje!)

RO 80

uma concepção inteiramente nova em carros de luxo



Não vamos falar do mais recente modelo «nascido» nas fábricas NSU... Preferimos dar a palavra a alguns dos mais exigentes críticos de automobilismo: «O grande NSU não tem apenas um aspecto diferente, porque também se conduz diferentemente (...) Nas estradas acidentadas o RO 80 tem um comportamento superior a qualquer outro tipo de carros de luxo» — afirma o crítico da revista «Stern». «A vantagem dominante é o silencioso funcionamento do motor NSU/Wankel de duplo platão rotativo (...) Este novo carro tem um comportamento absolutamente neutro nas curvas feitas a qualquer velocidade; a direcção é duma precisão que não exige qualquer esforço ao condutor» — diz o técnico do «Frankfurter Allgemeine Zeitung».



B. Busch, uma autoridade em automóveis, escreveu: «é um carro fora de série. No teste feito nas pistas de Modena, o RO 80 foi o mais rápido, e nas provas de «slalom» foi imbatível (...) Se o RO 80 fosse um espectáculo teatral, eu aplaudia-o de pé». A revista inglesa «CAR» colocou o RO 80 à experiência dos seus colaboradores críticos. Por unanimidade, esse júri de especialistas elegeram o RO 80 como «o carro do ano e mesmo da década». A equipa do jornal «Auto Car» manifestou-se: «Soberba segurança e estabilidade na estrada. Após quatro dias de exaustivos testes, estamos impressionados sob todos os aspectos, com este carro extremamente moderno, convencidos que o motor Wankel é o futuro».

NADA ACRESCENTAREMOS, O RO 80 FICA AO SEU DISPOR

RO 80 O CARRO DO ANO

Representantes: Lusolanda, Lda. — Avenida António Augusto de Aguiar, 25-C — LISBOA

APRESENTAÇÃO AO PÚBLICO DAS 16 ÀS 23 HORAS NO HOTEL RITZ

electronic



Quando a relojoaria suíça entra na ERA ELECTRÓNICA

Mido pioneiro dos relógios automáticos

e sempre na vanguarda,

apresenta o

RELÓGIO ELECTRÓNICO

a mais revolucionária criação técnica da relojoaria suíça à venda em Portugal nas melhores ourivesarias e relojoarias

Mido
electronic

EM PLAQUE ESC. — 4250\$00
EM AÇO ESC. — 3750\$00

AGENTES OFICIAIS

OURIVESARIA PIMENTA

RUA AUGUSTA, 255-257 — Telef. 32 45 64 — LISBOA

Actualidade internacional

«Mister President»

Ao fim de oito anos, Richard Nixon conseguiu finalmente ser eleito Presidente dos Estados Unidos da América. O «born loser» deixou de o ser. Venceu. E que irá Richard Nixon fazer nestes quatro anos que se avizinham?

Quanto a nós, o presidente eleito não desmentirá a tradição de serem os republicanos quem acaba com as guerras que os democráticos arranjaram. Isto no caso de o presidente Johnson não fazer a paz no Vietnam antes do termo do seu mandato, como seria do seu agrado, e o que é hipótese sempre de considerar. De qualquer forma, o processo que levará a paz ao martirizado Vietnam está em marcha e é irreversível, apesar de todas as tentativas que serão feitas pelo Governo de Saigão.

No que respeita à política interna, Richard Nixon não parece ser o homem de excepção capaz de dar o necessário impulso às enormes reformas tendentes a eliminar o fosso cada vez maior entre brancos e negros e entre pobres e ricos. É natural que o novo presidente endureça a posição do Governo Federal em relação aos movimentos negros e estudantes, o que lhe dará o apoio de alguns dos que agora votaram em George Wallace, mas não contribuirá de qualquer forma para a resolução.

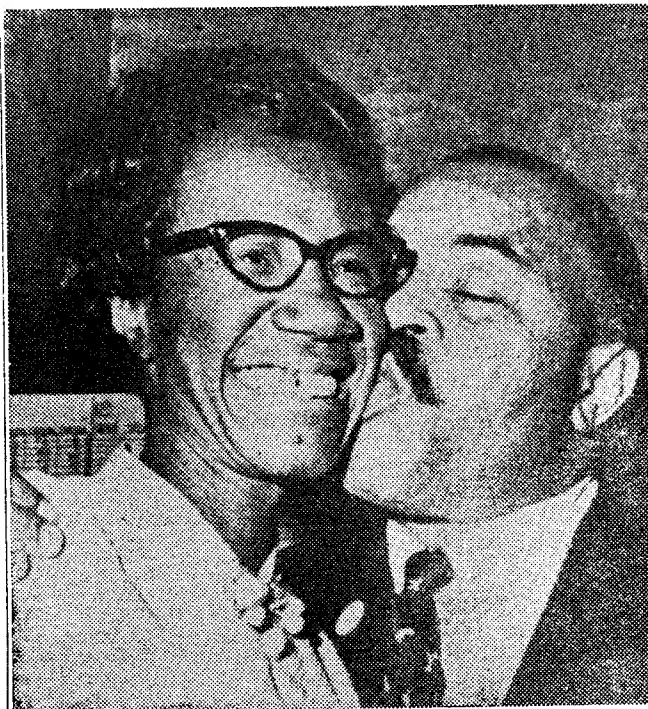
Edward Kennedy pôs o dedo na ferida quando afirmou não bastar que o

candidato segregacionista fosse derrotado, mas que era indispensável repudiá-lo significativamente, e de uma vez para sempre, tudo o que George Wallace representa. O eleito não o ouviu e a democracia americana recebeu com isso um rude golpe. O antigo pugilista de Alabama obteve mais de nove milhões de votos. Nixon não nos parece, de facto, o homem capaz de modificar a situação, de modo que isto não se repita. Nem Hubert Humphrey, de resto. Os candidatos que o poderiam em certa medida conseguir ficaram pelo caminho. Um foi assassinado (quem sabe se por isso mesmo?). Os outros dois foram derrotados pelas máquinas partidárias, a quem não agradam inovações.

Richard Nixon reforçará também as relações com os países da N. A. T. O., fazendo renascer, de forma atenuada, a velha política dos blocos. As relações Leste-Oeste deteriorar-se-ão consequentemente, sendo até possível que se venha a notar uma certa aproximação entre a China e a União Soviética.

Mas, no dia 20 de Janeiro de 1969, os amigos de Richard Nixon deixarão de o tratar pelo familiar «Dick», passando a fazê-lo através do formal «Mr. President». Os próximos quatro anos dirão se Nixon será muito mais do que apenas isso — Mr. President.

A. V. C.



Shirley Chisholm, de 43 anos, é beijada por seu marido, Conrad, depois de ter sido eleita para o Congresso norte-americano. Shirley Chisholm, membro do Partido Democrático, é a primeira mulher negra a ter assento no Congresso.

RICHARD NIXON NÃO TERÁ O APOIO DOS NEGROS

WASHINGTON, 7 — (R.) — O presidente eleito Richard Nixon, que repetidas vezes sublinhara a necessidade de unir uma América dividida, entrará na Casa Branca quase sem nenhum apoio da mais

importante minoria nacional constituída pelos negros.

A impossibilidade de Nixon atrair o apoio negro não foi surpresa, mas a inesperada ausência de votos negros nas suas áreas podia ser interpretada como prova de uma intensa resposta anti-Nixon.

Os dirigentes democráticos receavam que o vice-presidente Hubert Humphrey sofresse por causa da apatia negra aquando do assassinio do senador Robert Kennedy, fortemente favorecido pelos eleitores negros e pelo ressentimento contra a política do Vietnam seguida por Johnson.

Porém, os resultados não-oficiais revelaram uma afluência de 80 a 90 por cento nas áreas de predominância negra onde Humphrey venceu com margem desde quatro para um até 50 para um.

Os três principais sectores onde a política de Nixon poderá ter o maior impacto nos americanos de cor são a manutenção da ordem, os programas de assistência social e os direitos civis.

Tanto Nixon como Spiro Agnew mencionaram apenas vagamente a necessidade de manter a justiça não descuidando a ordem e pediram maior apoio à Polícia.

«O fugaz voto da lei e ordem» ganhou pelo candidato do terceiro partido é, embora menos do que se esperava, um indicador de que Nixon terá o apoio da maioria dos americanos numa política mais dura contra os desordeiros, dos quais grande numero são negros.

Acerca da «guerra à pobreza» — série de programas governamentais iniciados por Johnson e gradualmente atenuados devido ao conflito do Vietnam — Nixon está bem colocado como partidário das reduções drásticas.

Sobre os direitos civis, as novas leis foram criadas durante os anos Kennedy-Johnson, mas a atitude de Nixon pode vir a ter consequências de grande alcance.

Nixon é partidário de um papel mais passivo para o Governo federal, dando um maior campo de acção às autoridades locais.

Segundo afirmou, o Governo federal poderá retirar o auxílio às escolas nos distritos que praticam a segregação racial e não o fazer naquelas que não executem a integração.

O novo presidente preconiza eleições livres no Vietnam

NOVA YORK, 7 — (Por Jean Lagrange, da F. P.) — Richard Nixon apoiou a política vietnamita de Johnson, mas prometeu que, a partir do momento em que tomasse conta do Poder, não repetiria os «erros passados». Manifestou além disso o desejo de procurar a paz através de negociações e de «desamericanizar» o conflito.

A luz das declarações do presidente eleito, é possível elaborar uma lista das linhas gerais da sua atitude perante um certo numero de problemas internacionais e internos.

1 — VIETNAM:

Nixon propõe-se trabalhar para obter uma paz duradoura. Favorável à cessação dos bombardeamentos contra o Vietnam do Norte, opõe-se no entanto à retirada «desonrosa» das forças americanas no Vietnam, que encorajaria os «duros» de Pequim e de Moscovo.

Deseja também reduzir o papel dos Estados Unidos no Vietnam do Sul, onde preconiza eleições livres, abertas à Frente de Libertação Nacional. Está além disso disposto a ir a Paris ou a Saigão, mesmo antes de entrar para a Casa Branca, a fim de auxiliar Lyndon Johnson nas negociações de paz.

2 — RELAÇÕES COM A U.R.S.S.:

Nixon declara-se favorável a reuniões com os dirigentes soviéticos depois de um reforço do potencial e da actividade da N.A.T.O. O novo presidente dos Estados Unidos está persuadido de que as boas relações americano-soviéticas são indispensáveis à manutenção da paz.

3 — NÃO-PROLIFERAÇÃO DAS ARMAS NUCLEARES:

Nixon pronuncia-se a favor do tratado de não proliferação. Contudo, entende que é preferível retardar a sua ratificação em virtude da invasão da Checoslováquia. O novo presidente é favorável à criação de um sistema de mísseis antimísseis e declara-se convencido da necessidade de manter uma superioridade dos Estados Unidos sobre a União Soviética no domínio dos armamentos.

4 — N.A.T.O.:

Nixon deplora o «declínio» da N.A.T.O. no qual os Estados Unidos tem, segundo ele, uma parte de responsabilidade. Pronuncia-se a favor de contactos frequentes com os membros da organização.

5 — RELACÕES ENTRE A FRANÇA E OS ESTADOS UNIDOS:

Nixon entende que são necessárias conversações com o general de Gaulle a fim de restabelecer relações normais com a França.

6 — AUXÍLIO AOS PAÍSES SUBDESENVOLVIDOS:

O presidente eleito pensa que os Estados Unidos devem prosseguir este auxílio, devendo, no entanto, as nações da Europa Ocidental dar uma maior contribuição.

7 — SEGURANÇA:

Nixon é favorável a negociações com os países comunistas, incluindo a China Continental, a partir de uma posição de força. Pronuncia-se por um abrandamento da corrida aos armamentos.

8 — CRIMINALIDADE NAS CIDADES:

O presidente eleito é a favor de maior auxílio federal às autoridades locais a fim de reforçar os meios de que estas dispõem para fazer respeitar a lei e assegurar a ordem. Preconiza o reforço dos serviços alfandegários para travar o tráfico de drogas e o emprego de sistemas electrónicos para descobrir os culpados.

9 — FISCALIDADE:

Nixon é favorável à eliminação da sobretaxa fiscal em vigor até 30 de Junho próximo, se a economia americana o permitir. Mas inclina-se para a sua manutenção se os Estados Unidos estiverem ameaçados de inflação. De qualquer forma será suprimida quando terminar a guerra do Vietnam.

10 — AUXÍLIO AO ESTRANGEIRO:

Nixon preconiza um auxílio económico crescente e auxílio militar reduzido. Encara a supressão de todo o auxílio a qualquer país que mantenha relações económicas com inimigos dos Estados Unidos.

11 — POLÍTICA ECONÓMICA:

Nixon entende que a manutenção do equilíbrio entre os preços, os salários e os lucros deve ser alcançada através da cooperação entre o patronato, os trabalhadores e o Governo. Pronuncia-se pela redução do «défice» do orçamento federal, reduzindo, nomeadamente, os programas de obras públicas.

MORREU A SOVIÉTICA DE CORAÇÃO NOVO

MOSCOVO, 7 — (R.) — Trinta e três horas depois da operação, morreu a mulher beneficiária da primeira transplantação cardíaca na U. R. S. S.

A operação fora efectuada na segunda-feira passada em Leninegrado, e tinha sido anunciada ontem pela primeira vez pelo jornal «Estrela Vermelha», órgão do Ministério da Defesa. A doente era uma mulher de 25 anos.

O jornal afirmou que a mulher falecera «após enfraquecimento progressivo do coração, agravado por alterações patológicas nos pulmões e no fígado, relacionadas com uma doença anterior».

Os médicos não esperavam que a mulher sobrevivesse.

As notícias da operação, que se realizou na Academia Militar Médica de Kirov, surpreendeu os observadores, visto os cirurgiões soviéticos terem dito frequentemente que a ciência médica não estava ainda à altura

das transplantações cardíacas.

Porém, outros, entre eles o especialista em transplantações dr. Vladimir Demikhov apoiavam as operações feitas pelo dr. Barnard, sugerindo no entanto, que fossem usados métodos diferentes.

A operação soviética foi realizada por um grupo de 35 médicos chefiado pelo professor Alexander Vishnevsky cirurgião-chefe das Forças Armadas soviéticas.

Nem o nome da paciente nem o do dador foram revelados.

Um informador do hospital militar anunciou que o dador, de 19 anos, tinha morrido cinco horas antes da transplantação, em consequência de ferimentos recebidos num desastre de comboio.

A mulher operada era uma das doentes do hospital previamente destinadas para a operação — acrescentou o informador, que não revelou se estava planeada mais transplantações.

ÚLTIMOS RESULTADOS

NOVA YORK, 7 — (R.) — Conhecendo-se os resultados em 94 das assembleias de voto, até agora, a última contagem do sufrágio popular na eleição presidencial de ontem indicava os seguintes números:

NIXON — 29 726 409 votos (43 por cento); HUMPHREY — 29 677 153 votos (43 por cento); WALLACE — 9 291 807 votos (14 por cento).

Nixon ganhou em 31 Estados, conseguindo 290 mandatos no colégio eleitoral. Humphrey venceu em 13 Estados e no distrito de Columbia, obtendo 191 mandatos no colégio eleitoral.

Wallace obteve a vitória em cinco Estados, conseguindo 45 mandatos no colégio eleitoral.

O Estado de Missouri, com 12 votos no colégio eleitoral, continuava indeciso.



Partidários do grupo S. D. S. durante uma das manifestações, registadas nos Estados Unidos, contra as eleições do dia 5

Reacções mundiais à eleição de Nixon

NOVA YORK, 7 — (A. N. I.) — A vitória presidencial de Richard Nixon provocou diversas reacções para além das fronteiras, segundo as notícias recolhidas pela U. P. I., mas são numerosos os governos que prevêem uma política anticomunista mais dura.

Na generalidade, os asiáticos são mais favoráveis a Nixon do que os europeus e os africanos, pelo menos na sua reacção inicial.

Os soviéticos não fizeram, por enquanto, comentários oficiais, mas a agência «Tass» declarou que Nixon conquistou a presidência ganhando o «carácter e não-democrático» colégio eleitoral.

O Vietnam do Sul exprime o seu optimismo: Espera que Nixon seja mais duro contra os comunistas e mais favorável à posição do Governo de Saigão, nas conversações de Paris.

O Governo inglês não parece ter ficado satisfeito: o antigo ministro dos Negócios Estrangeiros, George Brown, afirmou que os Estados Unidos vão tornar-se mais isolacionistas.

De Gaulle, que nunca se deu bem com o Governo de Johnson, parece contente com os resultados e afirma-se que vai preparar um plano para melhorar as relações franco-americanas.

Nas Nações Unidas, a

maior parte dos diplomatas parece triste: não há notícia de que o secretário-geral, U Thant, tenha enviado a Nixon um telegrama de congratulações. Os seus adjuntos consideram provável que só o faça quando Nixon tomar posse.

Nelson Rockefeller

— possível secretário de Estado

(Continuação da 1.ª página)

ricano. Por isso, torna-se para ele vital trabalhar em conjunto com os democráticos e poderá obrigá-lo a agir cautelosamente.

O único democrático proeminente mencionado até agora, como membro do Governo de Nixon, é o antigo embaixador nas Nações Unidas, Arthur Goldberg, indicado por alguns republicanos como um possível secretário de Estado.

Outros pensam que o ex-governador William Scranton da Pennsylvania, republicano, seria a escolha mais provável. Scranton, antigo funcionário do departamento do Estado, foi enviado em Setembro à Europa por Nixon numa viagem para apuramento de factos.

Contudo, é provável que Nixon demore muitas semanas a escolher os membros do seu gabinete. Algumas nomeações poderão mesmo proteladas até pouco depois do dia da sua investidura em 20 de Janeiro.

As conjecturas acerca de republicanos que Nixon poderia ter em mente para certos cargos referiam-se ao governador Nelson Rockefeller de Nova York para o secretário de Estado ou da Defesa.

— David Rockefeller, presidente do Chase Manhattan Bank e irmão do governador, para secretário da Tesouraria. Como alternativa, Maurice Stans, antigo director do «Organismo» e o principal angariador de fundos para a campanha eleitoral de Nixon.

— O banqueiro Douglas Dillon, um membro do Governo nas administrações dos presidentes Eisenhower e Kennedy, possível director da Te-

souraria ou secretário de Estado.

— O «mayor» de Nova York, John Lindsay, a fim de tomar conta de um importante departamento de bem-estar doméstico, como saúde, educação, de urbanização e desenvolvimento urbano.

— O governador George Romney do Michigan e o governador John Volpe do Massachusetts para cargos em departamentos domésticos.

Nixon tem afirmado que tenciona delegar autoridade numa escala maior, mas que manterá a política externa como seu campo privado.

O pensamento e a atenção do presidente devem ser deixados livres para tratar daqueles problemas onde apenas ele pode exercer a chefia, ou seja primeiro no campo da política externa, onde apenas ele, em certos casos, pode tomar grandes decisões, declarou recentemente.

Por outro lado, Nixon tem afirmado que procuraria os «12 homens melhores do país» para assumirem cargos no seu Gabinete: um Governo formado por republicanos, democráticos e independentes, que se irão buscar à política, ao serviço de carreira governamental, às universidades, ao comércio e às actividades profissionais.

Embora tenha ameaçado prescindir de alguns altos funcionários dos departamentos do Estado e da Defesa, nomeados pessoalmente pelo presidente Johnson, colaboradores de Nixon disseram que este acolheria com agrado a vinda de democráticos do escalão mais elevado para ocuparem cargos políticos no círculo íntimo da Casa Branca.

WALLACE SATISFEITO

MONTGOMERY (Alabama), 7. — (F. P. e R.) — «Estou muito satisfeito com o resultado das eleições presidenciais, porque os Partidos Democrático e Republicano acabaram por adoptar os nossos argumentos» — declarou George Wallace, sorridente, num banquete com os seus partidários. O chefe do Partido Independente acrescentou: «Mostrámos aos nossos rivais quais eram os verdadeiros problemas. Nas últimas semanas, Nixon exprimia os mesmos pontos de vista do que nós».

Sem revelar completamente as suas intenções nos próximos quatro anos, Wallace declarou numa conferência de imprensa, nesta cidade: «O nosso movimento existe ainda e prosseguirá».

O antigo governador do Alabama ganhou apenas em cinco dos 17 Estados em que previra a vitória.

Todos os cinco Estados se encontram no profundo Sul. Nenhum dos «Estados da fronteira» votou por Wallace e os sufrágios que previra entre os «empregados de colarinho branco» nas áreas industriais do Norte não surgiram.



A sr.ª Nguyen Thi Binh, que chefia a delegação da F.N.L. às conversações de paz sobre o Vietnam, a realizar em Paris, fotografada com o presidente Mao Tsé Tung no decorrer de uma visita à China em 1963.

O presidente Van Thieu aceitaria negociar com a F.N.L. em Saigão

SAIGÃO, 7 — (F. P.) — O presidente Nguyen Van Thieu concordaria em discutir com os representantes da Frente Nacional de Libertação desde que essas conversações decorressem em Saigão e não em Paris. Parece ser este um dos pontos essenciais da nova «solução de paz» a apresentar em breve pelo Governo do Vietnam do Sul.

Referindo-se ontem a tal possibilidade, o primeiro-ministro Tran Van Huong precisou que foi durante o con-

selho de ministros de terça-feira que o chefe do Estado lhe falou deste projecto.

Recordase a propósito, nos círculos autorizados, a declaração feita há dois dias pelo presidente Thieu a um grupo de católicos que pouco antes se tinham manifestado ordenadamente junto da embaixada americana: «Se a Frente de Libertação do Sul quiser falar connosco, pode vir a Saigão. Nós é que estamos decididos a não ir a Paris discutir com ela».

Os mesmos círculos lembram ainda que, há cerca de um ano o chefe do Estado declarara já aceitar que representantes da F. N. L. viessem a Saigão discutir a paz. Van Thieu prometeu-lhes nessa altura garantir a sua segurança, permitindo-lhes o regresso à sua «zona» se não se considerassem satisfeitos.

As negociações de paz, segundo esta nova fórmula, decorreriam assim em dois planos: Em Paris, directamente entre o Vietnam do Sul e o Vietnam do Norte, com a participação de delegações aliadas, e em Saigão entre o Governo do Vietnam do Sul e a F. N. L. Esta solução não implicaria de modo algum o reconhecimento da Frente Nacional de Libertação.

A fórmula do presidente Van Thieu compreenderia outros pontos, designadamente no que se refere à retirada das tropas estrangeiras, ao cessar-fogo, ao respeito pela soberania do Vietnam do Sul e à eventual reunificação do Vietnam.

Comemorou aos tiros a eleição de Nixon

NOVA YORK, 7 — (R.) — O carpinteiro Maurice Cantatore, de 70 anos, preso por disparar para o ar 10 tiros de carabina, defronte da sua residência, nesta cidade, declarou à Polícia que estava a festejar a eleição de Richard Nixon.

Os guardas apreenderam a carabina, uma «Mauser» belga, que Cantatore empunhava e passaram, depois, uma busca à sua residência, onde encontraram mais duas carabinas carregadas, 132 cartuchos, uma lança com quase dois metros de comprimento, duas baionetas, uma faca de caça e dois machados.

Cantatore foi acusado da posse de armas de fogo sem registo e de disparar uma carabina na cidade.

COMUTADA A PENA DO PORTUGUÊS CONDENADO NA AUSTRÁLIA

CANBERRA, 7 — (R.) — A pena de morte a que tinha sido condenado, por assassinio, o marinheiro português José Manuel da Costa foi comutada em 30 anos de prisão — anunciou hoje o primeiro-ministro John Gorton. O primeiro-ministro declarou na Câmara dos Representantes que a nova sentença tinha sido aplicada com a condição de José Manuel da Costa, que tem 29 anos, não ser posto em liberdade antes de vinte anos.

O marinheiro fora condenado, em Maio passado, por ter assassinado, em Janeiro, Andreas Koklas num local ermo do território norte da Austrália.

Presos dois irmãos em ligação com a morte de Ramon Navarro

HOLLYWOOD, 7 — (R.) — Ontem à noite, a Polícia prendeu dois jovens de Chicago e acusou-os de estarem implicados no assassinio do actor do cinema mudo Ramon Navarro.

Os presos são Paul Robert Ferguson, pintor, e seu irmão Thomas Scott Ferguson, respectivamente de 22 e 17 anos de idade.

O Ferguson mais velho foi preso em casa e o outro foi encontrado num restaurante próximo.

VOTAÇÃO NA O. N. U.

(Continuação da 1.ª pág.)

se oponha à ratificação na Assembleia.

Está a apressar-se a aprovação da moção porque muitos delegados se mostram apreensivos acerca do caminho que está a tomar as novas conversações entre a Grã-Bretanha e a Rodésia em Salisbury.

Ontem, uma notícia proveniente da capital da Rodésia dizia que o primeiro-ministro rodésiano, Ian Smith, tinha ainda esperanças numa solução.

Um acordo podia ser um embaraço para lordes Caradon se julgasse que representava qualquer afastamento por parte da Grã-Bretanha dos princípios que se comprometeu

a defender perante a O. N. U.

Lord Caradon abandonou o cargo de embaixador junto da O. N. U. em 1964, por discordar da política quanto à Rodésia do governo conservador de então.

Entretanto, uma sessão do Conselho de Segurança, marcada para hoje, a fim de se recomençar o debate sobre a situação no Médio Oriente, foi cancelada a noite passada e adiada para amanhã.

Delegados ocidentais têm-se mostrado ansiosos em evitar novas recriminações entre os delegados israelita e egípcio, com receio que seja prejudicada a missão de paz do enviado da O. N. U., Gennar Jaring.

Greve de estudantes na capital checa

PRAGA, 7. — (R.) — Milhares de estudantes iniciaram esta manhã uma greve passiva na Universidade Charles, de forma a coincidir com o aniversário da revolução russa de 1917, comemorada hoje.

Os estudantes disseram que hoje não haveria aulas, embora ficassem dentro das respectivas Faculdades.

O Governo checoslovaco suspendeu as comemorações da revolução bolchevista para impedir manifestações de rua que poderiam fazer regressar as tropas russas a Praga.

As autoridades universitárias aconselharam os estudantes a não fazerem comícios nas ruas da capital, para evitar também que outros grupos se infiltrassem nas manifestações, principal-

mente partidários da política de Moscovo.

Além disso, os dirigentes do partido e do Governo, desajeitados de evitar a agitação, colocaram nas ruas bandeiras com os dizeres «Estamos com Moscovo».

Mais de 200 polícias checoslovacos, reforçados por camións cheios de tropas, cercaram a noite passada o Teatro Nacional de Praga, onde altos funcionários soviéticos e dirigentes checoslovacos assistiram a um espectáculo de «ballet» comemorando a revolução bolchevista de 1917.

Mais de 100 estudantes e jovens concentraram-se atrás dos cordões da Polícia, a uma distância de 300 metros da entrada da Ópera, e apuparam e assobiaram as individualidades soviéticas. Contudo, não se registaram confrontos ou incidentes.

PARADA EM MOSCOVO COMEMORATIVA DA REVOLUÇÃO DE 1917

MOSCOVO, 7 — (R.) — O marechal Andrei Grechko, ministro da Defesa soviética, afirmou hoje que o imperialismo estava a criar a ameaça de uma nova guerra mundial e prometeu que as Forças Armadas da U.R.S.S. iam aumentar o seu poderio.

O marechal proferiu estas palavras no início da parada realizada na Praça Vermelha em comemoração do 51.º aniversário da

revolução bolchevista.

Entre as tropas que faziam parte da parada na Praça vivamente ornamentada havia destacamentos de fuzileiros navais, de farda negra e pára-quedistas especiais de barrete vermelho-claro. O seu aparecimento simbolizava a nova linha de mobilidade na estratégia militar soviética.

Os dez minutos seguintes em que passaram diversas armas desde tanques a mísseis balísticos intercontinentais não revelaram nada de

novo.

Os comentadores da Televisão de Moscovo salientaram largamente os mísseis submarinos que, segundo afirmaram, poderiam levar uma ogiva nuclear a qualquer parte do mundo e estiveram em experiência este Verão nas manobras navais do Pacto de Varsóvia.

A parada militar durou 45 minutos, acabando com os foguetes intercontinentais e estratégicos que a «Tass» declarou terem «alcance ilimitado».

A COMPANHIA DO NACIONAL VAI REPRESENTAR MROZEK

«TANGO» OU A NECESSIDADE DE ORDEM E HARMONIA

O reportório do Teatro Nacional (por força de dois incêndios fixado no Capitólio, em Pleno Parque Mayer) foi, ontem, aprovado. Naturalmente que o tempo, para burocracias, corre mais lento do que para uma actividade conseguida e, deste modo, os ensaios da peça de estreia já começaram. A marcação está levantada. Em breve, começarão os «apuros».

O original é moderno. O autor polaco: Slawomir Mrozek. Um jovem de pouco mais de trinta anos que começa a ser discutido em todo o mundo, onde ainda há teatro. E, por cá, vai havendo, pelo menos, uma vez por ano...

Título da peça de estreia desta época do «Nacional»: «Tango». Melhor: «Tango ou a Necessidade de Ordem e Harmonia». O subtítulo é do próprio Mrozek que, presumivelmente, não quis deixar sem uma justificação pormenorizada a expressão neutra de um título sem grande significado.

É, pois, apresentando, no teatro português, um novo nome da dramaturgia mundial, que a Companhia de Amélia Rey Colaço renova, ao fim de 39 anos, o seu contrato de exploração do Nacional. De resto, é significativo registar que, em Junho do próximo ano, esta companhia regista o 50.º aniversário da sua fundação. E este caso, que é úni-

co no teatro mundial, passa-se ao pé de nós, sem que, muitas vezes, se tenha disso consciência...

MARIA DULCE
a nova D. Madalena de Vilhena dum «novo»
Frei Luís de Sousa

Primeiro é o «Tango». Mrozek, numa encenação de Varela Silva, João Perry no protagonista.

Logo a seguir, dois espectáculos com peças portuguesas. Um clássico: Almeida Garrett, «Frei Luís de Sousa». Um moderno: Jaime Salazar Sampaio, «Os visigodos».

O «Frei Luís de Sousa», naturalmente, é uma constante do reportório do Nacional, é lógico. Traduz uma obrigação. Um compromisso. Uma inevitabilidade.

Desta vez, a peça de Garrett, de elenco, um grande atractivo. Maria Dulce é a nova D. Madalena de Vilhena. Tendo posto de lado e — ao que se diz — de vez, o teatro ligeiro, fixou-se no Nacional. E ela, que criou, no cinema, a «figurinha» de Maria, torna-se a filha, desta vez, no papel da mãe. Ao seu lado, Rogério Paulo é um nome que regressa ao palco do «Nacional», recreando o papel que já interpretou na Estufa Fria, sob a direcção de António Manuel Couto Viana. Neste «Frei Luís de Sousa» será dirigido por Pedro Lemos.

Deveríamos dizer «neste novo «Frei Luís de Sousa», pois, falando da realização, a sr.ª D. Amélia Rey Colaço afirmou:

— Vamos, deliberadamente, fazer realçar a beleza do texto, pelo método de simplificação dos métodos de encenação. Cortar o que é superfluo ou apenas ornamental é um esquema actual de valorização de um espectáculo de teatro e, assim, será encenada a peça de Garrett.

«OS VISIGODOS»
«discutem» a projecção da personalidade na vida actual

O original de Jaime Salazar Sampaio, «Os visigodos»,

vai ser encenado por Artur Ramos, com cenários de João Abel Manta. O «cinema» e o «desenho» no teatro.

— É — na própria expressão da titular da companhia — uma peça de clima abstracto, discutindo a projecção da personalidade na vida actual.

Glicínia Quartim tem, na distribuição, o primeiro papel feminino. É uma garantia de interpretação. O resto se verá, embora numa carinhosa expressão da sr.ª D. Amélia Rey Colaço «Os Visigodos» marquem o nascimento de um novo dramaturgo português.

Ao que se sabe, um outro original assinado por um português — cujo nome é, conscientemente, guardado por todos os elementos da companhia — será, ainda esta época, posto em cena na «casa de passagem» do Teatro Nacional: o Capitólio.

Por outro lado, confirma-se, no reportório da Páscoa, a representação de «O Cristo Recrucificado» de Nikos Kazantzaki.

Para tanto, o elenco do Nacional, além de João Perry, Maria Dulce e Rogério Paulo, recebeu um novo elemento: o actor Rui Pedro que, depois de uma passagem pela Rádio, voltou ao teatro — talvez, com carácter definitivo.

Em todo o caso, é válida a queixa da sr.ª D. Amélia Rey Colaço, quando afirma:

— Mercê de uma lei estranha que «faz passar» as vocações e os talentos pelas salas do Conservatório, por volta dos anos 50, o teatro português só tem velhos ou muito novos. Falta-lhe o naipe dos actores de 40 anos...

«UMA PEÇA
que se não agrada
a gregos e a troianos,
pelo menos
inquieta ambos»

Nas tábuas do Capitólio, Varela Silva, o primeiro encenador desta nova época do Nacional, encontrou uma pausa para falar da peça de Slawomir Mrozek e da sua encenação:

— «Tango» parece que tem a preocupação de pôr problemas. Não os resolve — é certo — como não é função do teatro, nem do dramaturgo. É uma peça de problemas ou, antes, de crítica um pouco insólita a classes, pessoas e pseudo-revoluções intelectuais.

É uma peça inquietante.



«O encenador e a estreante» — legenda que envolve dois preciosos elementos da peça de estreia do Teatro Nacional: Varella Silva e Linda Beringel.

Uma peça que se não agrada a gregos e a troianos, pelo menos inquieta uns e outros.

— Todavia, posso dizer — acrescentou Varella Silva — o «Tango» agrada ao público a quem agrada ver teatro. O autor, no entanto, não a quis cómoda. Não é cor-de-rosa e, quando o é, é bem uma água-forte. E, todavia, uma peça que fala de pessoas vivas e, logo, quem apenas a queira ver comodamente pode fazê-lo...

Falando da sua posição de encenador, isto é, do seu «Tango», Varella Silva afirmou:

— Dá-me grande satisfação encenar esta peça de Mrozek. Satisfação e responsabilidade. No elenco, há três encenadores: a sr.ª D. Amélia Rey Colaço, Pedro Lemos e Rogério Paulo. Há também uma estreante: Linda Beringel.

Pois com tudo isto é que os ensaios se têm tornado apaixonantes. Os sete actores do elenco trabalham entre eles e consigo mesmo um diálogo constante. Cada personagem tem a sua lógica e cada actor tem a sua dedução. Conjugam estas realidades é um trabalho apaixonante, sobretudo no caso do elenco de «Tango», cuja qualidade intelectual e profissional é manifesta.

E, assim, tudo segue, num plano harmonioso, no velho Capitólio, cinema do Parque

Mayer, onde é a sério que se faz teatro ou ainda melhor: onde se irá estreiar, em Portugal, um autor como Slawomir Mrozek.

A falta de soro antiofídico agrava o estado de uma menor mordida por uma víbora

BEJA, 7 — Por ter sido mordida por uma víbora quando trabalhava na herdade da Contenda, em Moura, deu ontem à tarde entrada no hospital da Misericórdia desta cidade a menor Rosa Maria Caetano Cordeiro, de 13 anos, filha do sr. Cândido Cordeiro Lopes e da sr.ª Rosa Escovado Caetano, todos residentes em Barrancos. No entanto, naquele estabelecimento hospitalar só lhe pôde ser ministrada uma ampola de 10 cm³ de soro antiofídico, pois tanto nas farmácias como no próprio hospital não havia nenhuma ampola daquela soro e só a Delegação de Saúde possuía nas suas reservas os 10 cm³ do produto referido. Esta quantidade é considerada insuficiente para um ataque eficaz aos efeitos da mordedura, circunstância agravada por só

ter podido ser aplicada à vítima quatro horas após a mordedura. A Rosa Maria foi, ainda de noite, transportada de urgência para Lisboa em estado grave.

É de chamar a atenção das autoridades sanitárias para o perigo que constitui a inexistência, em áreas vastas e populosas, de produtos tão necessários como o soro antiofídico que, neste caso, pode vir a ter consequências fatais.

Em três linhas

Foi declarado de utilidade turística o conjunto hoteleiro «Os Gambozinhos», realizado pela «Sagrimar», na praia do Martinhal, perto de Sagres.

///

O capitão José Manuel Martins Frutuoso foi nomeado comandante da P. S. P., de Coimbra, em substituição do capitão Simão Antunes Malcata que foi promovido ao posto imediato.

///

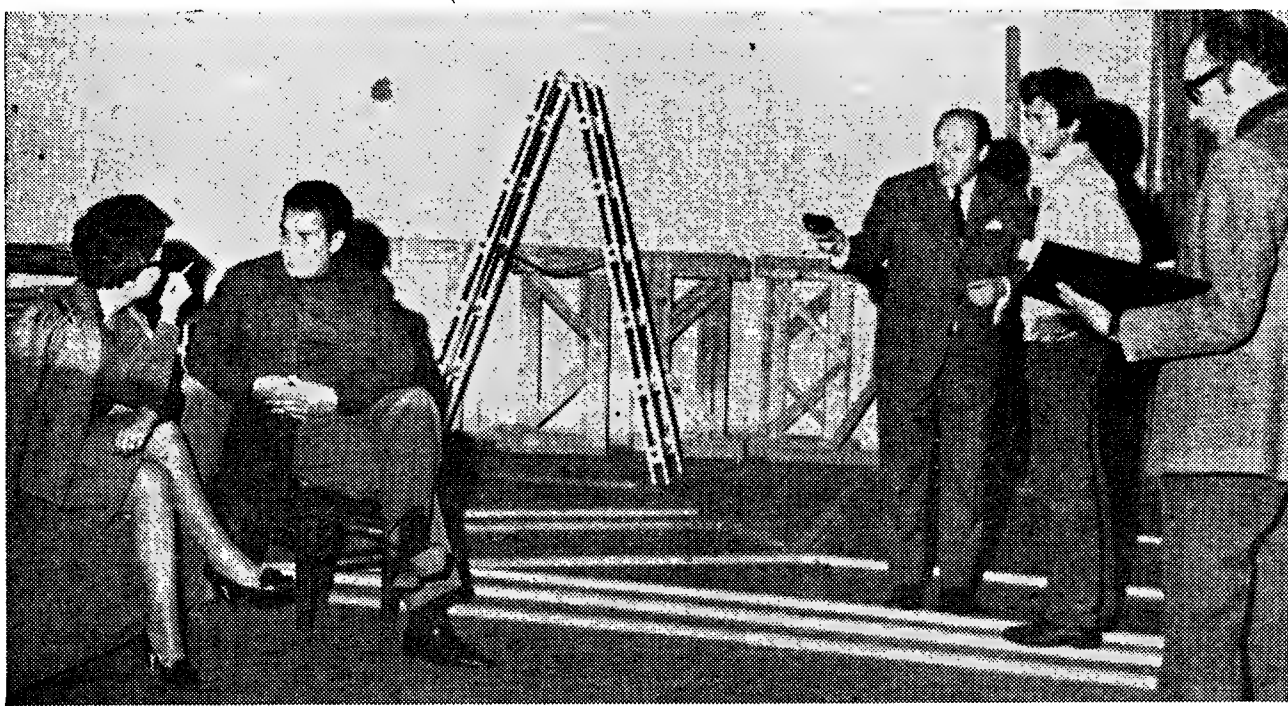
O dr. Alvaro das Dores Sales de Almeida foi nomeado inspector-chefe dos Registos e Notariado.

///

A Junta Autónoma dos Portos do Arquipélago da Madeira foi autorizada a celebrar contrato para a execução do fornecimento de dois quindastes eléctricos e respectivos sobressalentes.

O maior sortido de ouro, pratas e jóias a preços de concorrência.

GRANDE OURIVARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257



Bem recortadas, no palco ainda «descarnado» do Capitólio, as sete figuras da peça de Mrozek levantam a marcação do «Tango»

LINHOS

BRANCOS E DE CÔR
CAMBRAIAS DE LINHO
HOLANDAS DE LINHO

LINHOS CRUS
PARA APLICAÇÃO
DE RENDAS
PARA BORDAR
A PONTO DE CRUZ

LINHOS PARA FATOS
ESTOPAS DE LINHO
TOALHAS DE LINHO
GUARDANAPOS DE
LINHO
TOALHETES DE LINHO
LENCOS DE LINHO
LINHO PARA ESTOFOS

O MAIOR SORTIDO
DE LISBOA

CASA DE PANOS

R. DE S. JULIÃO-ESQUINA
DA R. DOS FANQUEIROS

DE UM JOVEM DE ONZE ANOS

BISSAU A LISBOA A VIAGEM SE CLANDESTINA

chegou Guiné passageiro de clame João, natural, que estado da Navegação de em Mari- a sua

pareciam menos simples, mas aqui jogou a boa-vontade do furiel António Maria Costa Potes que, não querendo «deixar o miúdo ao deus-dará» o confiou á mãe, pois ele próprio teve de deixar Lisboa duas horas depois. A mãe, sr.ª D. Ana Virgínia da Maia Potes, tomou interesse pelo João e resolveu ficar com ele, pelo que se dirigiu á Polícia Marítima para legalizar a situação do jovem viajante. Tudo parece poder normalizar-se, faltando somente a concessão

da licença por parte do pai, já que o João Lopes Freire é menor. O que não deve constituir preocupação, a ter em conta o que este nos relatou sobre os conselhos do progenitor...

O que é que o mocinho pretende fazer, agora que a sua vida parece ter mudado tão radicalmente? «Frequentar a escola técnica», afirmou-nos. Em Bissau andava na 4.ª classe, e quer continuar os estudos na metrópole. Além de reencontrar o irmão, pretexto desta aventura.

Torre



de Babel

por João Medina

CARTA ABERTA AOS PRIMEIROS HOMENS NA LUA

«CHRISTOPHE COLOMB! Vasco da Gama! Voilà les coupables. Ils ont cru élargir le monde! Il fallait l'approfondir.» Maurice Pons, ROSA.

Dizem que o homem se prepara para conquistar a Lua. Fala-se de um desembarque próximo no nosso tão familiar satélite. Amanhã, a Lua, depois de amanhã Vénus ou Sirius. Uma nova era de exploração começa. Um pouco por todo o lado, os astrónomos impacientam-se e vaticinam datas. A bandeira russa ou americana flutuará dentro em breve do alto dos montes d'Alembert ou Cook, à beira do mar das Crises ou a dois passos do lago do Sonhos; nada disto pertence já ao domínio da ficção científica, antes se transformou numa probabilidade infinitamente próxima. Dentro de um mês, talvez de uma semana, hoje à noite... E um Herman Cortés vestido de fato espacial pisará o solo lunar.

Temos pois que o «macaco nu» se prepara para tomar posse da Lua, como outrora outros vertebrados superiores oriundos da Europa se apropriaram de ilhas, rios, estúdios, florestas, continentes inteiros. Contudo (e felizmente!), ao contrário do que então sucedeu, será de esperar que desta feita as novas terras não sejam arrebatadas a «selvagens» e pagãos mas estejam ermas, sem um único nativo que entregar a uma fé ou a uma ideologia qualquer: à falta de gente que salvar do erro teológico ou político, o proselitismo da era espacial parece condenado à

publicidade luminosa. Não temos portanto que recear uma nova floração de Montaignes e Las Casas a verberarem as atrocidades dos conquistadores ou a denunciarem as tristes «vitórias mecânicas» às quais se ficou a dever a decapitação violenta de povos e civilizações como a dos incas ou a dos aztecas.

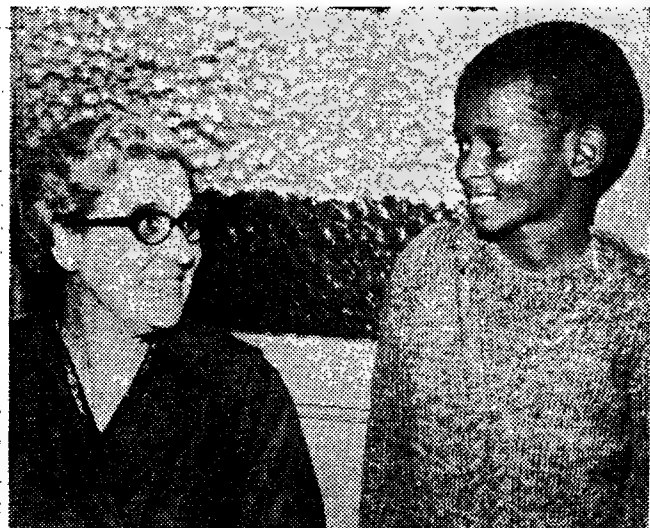
Bem aventurada Lua, que habitantes não tem! Graças a este vazio populacional, está o nosso satélite livre do zelo proselitista ou da rispidez da espada de um novo Herman Cortés empenhado em provar aos pagãos a excelência teológica do Velho Mundo. Os pobres índios de há quatro séculos e meio vendo chegar o capitão espanhol, os seus quinhentos homens, dez peças de canhão e dezasseis cavalos, julgaram assistir ao regresso do lendário Quetzalcoatl, tornado as costas mexicanas em obediência aos fados. Em vez de um deus, viram depois os índios um chefe arrogante, orgulhoso, cheio de vontade de poder e de mera cupidez terrestre.

O que diriam os quiméricos habitantes da Lua se vissem chegar um escafandrista ianque ou soviético? Imaginariam, também, que as vagas invisíveis do Cosmos lhes traziam um ser incorruptível e incorrupto? Ou, menos ingénuos que os mexicanos daquela Primavera de 1519, logo suspeitariam estar na presença de seres rapaces, cúpidos, famintos de mando e de materiais volúptuos? Diriam, glossando a frase dos troianos ao depararem com o tredo cavalo de pau abandonado na praia. «Temo

os terrestres mesmo quando trazem presentes?» Di-lo-iam?

Não sei. Mas sei mui certo sabido que, mesmo na hipótese mais do que plausível de os nossos cosmonautas não depararem com seres autóctones da Lua, esta se prepara para sair de um lírio sonho de muitos séculos, para conhecer enfim aquilo que faz a nossa glória e a nossa humana sordidez, — a fealdade industrial, o «néon», os anúncios eróticos, os papéis gordurosos, o plástico, as garrafas de cerveja vazias, as latas de conserva espalhadas ao longo do mar da Tranquilidade e do Frio, os painéis publicitários a mancharem a paisagem que se descortina do alto dos montes Dörfel e Leibniz, a superfície do oceano das Temperaturas coberta de cascas de banana, sacos de papel celofane, prospectos à glória dos detergentes... Será seguramente este o preço de um contacto que os trezentos e tantos milhares de quilómetros entre a Terra e a Lua tinham conseguido evitar. Hoje, vencida essa distância, o Homem pode enfim clamar que anexou mais um monturo onde, fatigado de poluir os oceanos, as plantícies e as florestas terrestres, poderemos doravante ir despejar a escória da nossa

civilização técnica. Perdem os poetas mais uma ilusão, ganham os simios nus mais um caizote de lizo: 21 939 km3 de terreno virgem para ali lançarem os detritos terrestres. Strasbourg, Novembro de 1969.



Ao lado da senhora que se dispõe a acolhê-lo na Metrópole, o João, passageiro semi-clandestino do «Uige», sorri, enleado com a importância que dão á sua pequena história. Uma história de que fala com naturalidade

**NÃO MUITAS OBRAS PUBLICADAS
SOBRE O CONCÍLIO, MAS...
UMA OBRA COMPLETA
E DEFINITIVA É**



**o Diário
do Concílio**
de Henri Fesquet

- Uma obra em três volumes onde se revela a verdade sobre a grande assembleia
- Para lá dos actos oficiais, o mundo secreto das lutas internas e das facções.
- Para lá do que o mundo sabe, o desvendado da teia que antecedeu as decisões.

**UMA OBRA QUE DESVENDA A FACE
OCULTA DO CONCÍLIO VATICANO II**

A venda o 3.º vol., 400 págs. — 80\$

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

Apartado 8, Mem Martins
Delegação em Lisboa: Rua das Flores, 45, 2.º
Delegação no Porto: Rua de Entreparedes, 6, 2.º

S. PEDRO DO ESTORIL DE NOVO SACRIFICADA

QUEM PAGA OS PREJUÍZOS?

Faz depois de amanhã quinze dias que a Sociedade Estoril, no prosseguimento das longas obras da nova estação término de S. Pedro do Estoril, fechou ao trânsito a passagem de nível daquela povoação.

O encerramento da passagem de nível, como bem se compreende, tem perturbado a vida dos habitantes de S. Pedro do Estoril e povoações adjacentes (Murtal, Tires, etc.). Todos eles tiveram que passar a utilizar a passagem de nível das Areias, desde que se desloquem nos seus próprios automóveis ou de táxi, daí resultando um acréscimo do custo dos transportes.

Para que esse aumento de despesa não se reflectisse

também sobre as pessoas que utilizam os táxis de S. Pedro do Estoril, estes transferiram o seu estacionamento para norte da via férrea, deixando, por isso, de atender em muitos casos ás chamadas telefónicas, uma vez que o telefone está situado do outro lado da via, junto da praça habitual. Ora, para atravessar a via férrea, como o «Diário de Lisboa» recentemente explicou, torna-se agora necessários percorrer centenas de metros.

Somam-se a estes prejuízos muitos outros de idêntica natureza. Por exemplo: algumas camionetas de colégios, que costumavam ir buscar e deixar os pequenos alunos nos domicílios, nos últimos quinze dias tiveram que en-

curtar os seus percursos, dado que não seria possível utilizar a passagem de nível das Areias e cumprir o horário de chegada aos estabelecimentos de ensino. Em consequência, as crianças fazem a pé uma parte da viagem, eventualmente sob chuva e por estradas inundadas (um troço da estrada do Murtal, quando chove, fica sempre coberto por um lençol de água, por deficiência de construção ou falta de escoadouros). As famílias dessas crianças pagaram, naturalmente, o transporte entre o domicílio e os colégios — e estes vêem-se impossibilitados de cumprir a sua parte do contrato, visto que não previram o encerramento da passagem de nível.

As populações poderiam considerar estes sacrifícios como a sua parte no preço do progresso. Para isso, no entanto, seria indispensável convencê-las de que o ritmo das obras não poderá ser mais intenso (já começaram há um ano!) e de que os trabalhos na passagem de nível exigiam o encerramento desta por tão longo período. Como isso não aconteceu, muitas pessoas admitem que a morosidade dos trabalhos e o encerramento da passagem de nível visam apenas os interesses da concessionária dos caminhos-de-ferro.

E seria, de facto impossível encontrar soluções que permitissem realizar os trabalhos sem tantos inconvenientes para as populações?

PRÉDIO

Compra-se em Lisboa ou linha de Cascais, 10 a 12 mil contos. Só interessa o próprio e que o rendimento seja 7 % ou aproximado.

Resposta a este jornal ao n.º 419.

JÓIAS

Antigas e modernas. Compra cobrindo todas as ofertas
RIVÉSARIA PIMENTA • Rua Augusta, 253.

CHOCOLATES TAGIDES

BARREIRO • LISBOA • QUELUZ

A TRADIÇÃO DA OURIVESARIA NACIONAL É DE PROIBIDADE E DE COMPETENCIA

**Ourivesaria da
GUIA**



EM QUASE CEM ANOS DE EXISTÊNCIA AJUDOU A CONSTRUIR E A MANTER ESTA TRADIÇÃO

RUA D. DUARTE, 43
(Edifício do Hotel Mundial)

Bolsa de Lisboa

AS COTAÇÕES DO DIA ANTERIOR

FUNDOS DO ESTADO	Etec	Compre	Vende	Ultramarinas	Etec	Compre	Vende
Consolidado 3 1/4 %	525\$	—	525\$	Jamantes Angola	1.160\$	55\$	65\$
Consolidado 3 1/2 %	540\$	—	540\$	H. e Revus	—	—	—
Consolidado 4 %	—	—	—	Ind. do Príncipe	—	600\$	—
Centenários 4 %	1.490\$	490\$	500\$	Vicobambique	60\$	61\$	65\$
Obras Reservas	1.003\$	003\$	1.004\$	Sonete A	260\$	258\$	265\$
Extremo	—	775\$	800\$	Sonete B	278\$	270\$	278\$
Extremo 1/2 %	—	845\$	848\$	Zambézia	—	—	—
Extremo 3/4 %	—	830\$	850\$	Diversas	—	—	—
Extremo 5 %	—	860\$	900\$	Ordic	—	1.100\$	1.150\$
Cauteia 1/2 %	—	90\$	210\$	Lim. Leito	—	1.930\$	2.000\$
OBRIGAÇÕES	—	—	—	Lim. Leito	—	2.650\$	—
Agua Lisboa 3 %	—	—	480\$	Lo. Navegação	—	1.005\$	1.019\$
A. P. 1 1/2 % 50	935\$	935\$	940\$	Ind. Alentejo	—	—	—
A. P. 1 1/2 % 58	935\$	935\$	940\$	Nac. Navegação	—	—	—
A. P. 1 1/2 % 65	—	—	—	Petroquímica	—	—	—
C. P. 1 1/2 % 67	1.010\$	—	—	Port. Colónias	—	—	—
C. U. 1 1/2 % 68	—	995\$	998\$	Port. Celulose	—	3.100\$	3.200\$
C. U. 1 1/2 % 68	1.003\$	1.002\$	—	Port. Pesca	—	650\$	—
Gás Elect. 4 % 48	—	850\$	870\$	Port. Tabacos	—	459\$	460\$
Gás Elect. 4 % 51	—	910\$	—	Socor	—	4.850\$	5.000\$
Gás Elect. 5 % 54	—	910\$	—	Siderurgia Nac.	1.070\$	1.075\$	1.075\$
Gás Elect. 5 % 58	—	885\$	900\$	Soc. S.	2.100\$	2.085\$	2.130\$
Gás Elect. 5 % 59	—	885\$	—	Tabacos de Portugal	—	850\$	910\$
Gás Elect. 5 % 64	—	920\$	—	Tabacaria	—	8.000\$	—
Gás Elect. 5 % 65	—	925\$	—	U. e Azoto	690\$	685\$	700\$
Gás Elect. 5 % 67	—	920\$	930\$	Agua. Electricidade e Gás	—	—	—
H. e A. Alentejo 5 %	1.025\$	820\$	830\$	Agua. Lisboa p.	—	385\$	395\$
H. e Cávado 5 %	—	850\$	850\$	Agua. Lisboa 34	—	385\$	—
H. e Cávado 6 %	1.002\$	1.003\$	1.003\$	Agua. Lisboa 36	—	385\$	—
H. e Douro 5 %	—	840\$	850\$	E. e. Beiras	—	1.500\$	—
H. e Douro 6 %	—	1.001\$	—	Gás Elect.	377\$	376\$	377\$
H. e Norte Port. 5 %	—	—	—	H. e Alto Alentejo	157\$	156\$	157\$
H. e a Estrela 6 %	1.003\$	1.003\$	1.004\$	H. e Cávado	1.245\$	1.225\$	1.250\$
H. e Zêzere 5 % 55	—	840\$	845\$	H. e Douro	1.211\$	1.210\$	1.212\$
H. e Zêzere 5 % 57	—	840\$	845\$	H. e Norte Portugal	—	—	330\$
Lisboa 6 %	1.004\$	1.003\$	1.005\$	H. e S. Estrela	—	1.500\$	1.750\$
Metropolitano 4 %	902\$	900\$	904\$	H. e Zêzere	1.281\$	1.281\$	1.285\$
Metropolitano 5 3/4 %	1.013\$	1.012\$	1.014\$	Nac. Electricidade	1.280\$	1.280\$	1.285\$
Macabique 5 %	—	740\$	—	Temellect. Port.	—	1.280\$	1.285\$
Nac. Electr. 5 %	830\$	830\$	835\$	U. e P.	—	—	195\$
Nitroto 5 %	—	—	—	FUNDOS DE INVESTIMENTO	—	—	—
Nitroto 5 % 60	—	—	—	Atlântico	—	148\$	152\$
Petroquímica 5 %	—	—	—	D. E. S.	—	103\$	106\$
Port. Celul. 5 %	—	950\$	—	ÍNDICE BORGES & IRMÃO	—	—	—
Socor 5 % 54	—	960\$	965\$	COTACAO DAS ACCOES (Base Dez 65-100)	—	—	—
Socor 5 % 60	—	910\$	—	GERAL	104,9	105,5	105,4
Siderurgia 5 % 1	—	830\$	840\$	METROP.	103,5	104,3	104,3
Siderurgia 5 % 3	—	—	—	ULTRAM.	115,1	114,7	113,6
Siderurgia 5 % 4	—	—	—	PAISES	Compre	Vende	—
Sonete 5 %	815\$	815\$	—	África do Sul - Rand	1\$500	1\$500	—
T. A. P. 4 %	—	—	—	América:	—	—	—
Termoelect. Port. 5 %	—	820\$	825\$	Dólares de 1 e 2	28\$25	28\$25	—
U. e P. 3 3/4 %	—	—	—	Dólares de 5 e 10	28\$45	28\$45	—
U. e P. 4 %	—	—	88\$	Canadá - Dollar	26\$30	26\$30	—
U. e P. 4 1/2 %	—	—	85\$	Almanha - Mareo	7\$	7\$	—
U. e P. 5 % 60	—	—	—	Argentina - Peso	—	—	—
U. e P. 5 % 63	—	—	—	Austria - Schilling	1\$08	1\$08	—
ACCÇÕES	—	—	—	Brasil - Cruzeiro Novo	5\$50	5\$50	—
Bancos	—	—	—	Espanha - Peseta	339,8	339,8	—
Agricultura	965\$	965\$	975\$	Holanda - Florim	73\$9	73\$9	—
Alentejo	625\$	625\$	625\$	Inglaterra - Libra	67\$30	67\$30	—
Angola	—	1.450\$	1.470\$	Itália - Lira	504,5	504,5	—
Bushy	—	—	—	Marracos - Dirham	4\$65	4\$65	—
Créd. Predial	1.890\$	1.890\$	1.900\$	Bélgica - Franco	5\$5	5\$5	—
E. Santo	—	13.400\$	13.600\$	Franga - Franco	5\$60	5\$60	—
E. Santo A.	—	—	—	Sulga - Franco	6\$58	6\$58	—
Fazendas S. A.	—	—	—	Dinamarca - Coroa	3\$70	3\$70	—
L. e Agor. A.	3.900\$	3.850\$	3.950\$	Noruega - Coroa	3\$85	3\$85	—
L. e Agor. B.	—	—	—	Suécia - Coroa	5\$40	5\$40	—
P. Atlântico A.	—	5.050\$	—	Ouro:	—	—	—
Portugal A.	2.240\$	—	2.470\$	Inglaterra - Libra	3 \$500	330\$00	—
Portugal B.	2.465\$	—	—	Inglaterra - 1/2 Libra	220\$00	240\$00	—
Totta Alentejo	—	4.250\$	—	Ouro Fino - Barra	36\$00	38\$50	—
Ultramarina A.	1.665\$	1.650\$	1.670\$	—	—	—	—
Ultramarina B.	1.800\$	1.795\$	1.800\$	—	—	—	—
Seguros	—	—	—	—	—	—	—
Alentejo	—	78\$	90\$	—	—	—	—
Douro	—	—	—	—	—	—	—
Mundial	—	373\$	378\$	—	—	—	—
Sagres	—	—	1.190\$	—	—	—	—
Tranquilidade	—	40.000\$	45.000\$	—	—	—	—
Ultramarina	—	8.500\$	—	—	—	—	—
Ultramarinas	—	—	—	—	—	—	—
Ag. de Angola	—	800\$	860\$	—	—	—	—
Ag. Cascaes	565\$	560\$	595\$	—	—	—	—
Ag. Incamati	—	1.200\$	1.295\$	—	—	—	—
Ag. Nova	—	115\$	—	—	—	—	—
Ag. a Tom e Príncipe	—	120\$	130\$	—	—	—	—
Bazar	—	110\$	120\$	—	—	—	—
Busi	—	61\$	62\$	—	—	—	—
Colando	96\$	95\$	97\$	—	—	—	—

«Piratas do ar» dispararam sobre passageiros de um avião

MANILA, 7 — (F. P.). — Quatro «piratas do ar» abriram fogo, a noite passada, sobre os passageiros de um avião da Philippine Air Lines, matando uma pessoa e ferindo outra.

Quando o avião, que seguia da ilha de Macton, no centro do arquipélago, para Manila, se encontrava a uns 180 quilómetros do destino, um dos homens entrou na cabina do piloto e manteve os tripulantes sob a ameaça da sua arma.

Entretanto, os cúmplices exigiram dinheiro aos passageiros. O primeiro homem declarou ao piloto que se chamava Boy Marquez e que era procurado como autor do assassinio do presidente da Camara filipina, José Laurel Jr. As duas vítimas são um funcionário de 51 anos, morto, e um agente da policia, ferido. Um dos «piratas» foi atingido por um dos passageiros que disparou sobre ele quando lutava com o policia. Após o avião aterrar no aeroporto de Manila, os quatro bandidos puseram-se em fuga, levando com eles o piloto e dois tripulantes, como reféns. Soltaram-nos, ao entrarem num automóvel, que desapareceu rapidamente.



A chegada ao aeroporto de Pedras Rubras da centenária (à esquerda), visivelmente bem disposta, a caminho da sua terra, de onde se ausentou há trinta anos

Uma centenária (viajando de avião e comboio) visita a sua terra após 30 anos de ausência

PORTO, 7 — Num avião «Caravela» da T. A. P. chegou, esta manhã, a Pedras Rubras, a sr.^a D. Flávia dos Anjos Silva, de 105 anos, que, por iniciativa do nosso prezado colega «O Século», vai visitar a terra da sua naturalidade, Vimioso, onde não ia há uns trinta anos.

Acompanhavam a simpática velhinha, a sr.^a D. Maria da Nazaré Fernandes, sua familiar, e o jornalista José Gutierrez. Foram recebê-la a bordo do aparelho os srs. João Ortega e Alvaro Maria, da T. A. P., que, pouco depois, desciam na companhia da senhora centenária, a qual sorridente e bem disposta, abraçou os jornalistas e os fotógrafos que a aguardavam na pista do aeroporto e mostrou-se muito satisfeita, acrescentando, porém, que só tinha pena de a viagem ter sido feita quase de noite.

Pouco depois, a sr.^a D. Flávia tomou o comboio, de que teve de atrasar a partida por dez minutos. Foram-lhes servidos, durante a viagem, o pequeno almoço e o almoço.

A sr.^a D. Flávia segue, de tarde, de Duas Igrejas, em automóvel, para Mimioso. Regressa na segunda-feira, às 18 e 15 a Campanhã, de onde virá para o aeroporto de Pedras Rubras, por voltar a Lisboa, novamente, de avião.

Colóquio para farmacêuticos

AVEIRO, 7 — Por motivo de um acto oficial que se realiza nesta cidade justamente á hora para a qual estava marcado o início do III Colóquio Regional de Aperfeiçoamento Profissional dos Farmacêuticos, organizado pela Comissão Coordenadora das Actividades Culturais do Sindicato Nacional dos Farmacêuticos, com a colaboração da Comissão de Defesa dos Interesses das Farmácias dos Concelhos de Aveiro e Ilhavo, foi decidido adiar este colóquio para o próximo dia 23, mantendo-se o programa e o horário anteriormente indicados.

CARGUEIRO «VARNA»: SITUAÇÃO ENIGMÁTICA

PORTO, 7 — Está a tornar-se enigmática a situação criada pela encalhe do cargueiro búlgaro «Varna» no areal do Cabedelo, a pouca distancia da entrada da barra do Douro. Parece ter-se a volta de tudo que se relaciona com o sinistro um certo mistério ou que se procura esconder as realidades e os factos. Entretanto, o navio lá continua a resistir ao ataque do mar, embora com a praia-mar de ontem, á noite, tenha mudado ligeiramente a sua posição. E continua a ser espectral para milhares de pessoas que, a todo o momento, acorrem á zona da foz do rio e imediações, para verem o barco assaltado pela vaga, interrogando-se, ao mesmo tempo, porque nada se faz, nada se tenta.

Quando se pensa que, em situação como esta, devia haver a íntima e franca colaboração entre as autoridades marítimas, a tripulação do navio, especialmente o comandante e ainda a empresa portuense ao qual está consignado o navio, observa-se que assim não é, ou pelo menos, parece não ser assim, em face das informações que qual-quer das partes fornece. Há contantes contradições, e até ignorancias de muitos pontos, e não sabemos se, neste caso, será propositalmente. Pergunta-se a um lado e a resposta é a de que nada sabem; inquire-se de outro e vem a contestação de que parece is-

to e aquilo, etc., mas continuam a nada se saber. Ao comandante, então, nada se pergunta, pois esse enclausurou-se no barco, e não dá fala a ninguém.

Viu-se, por exemplo, que as autoridades marítimas não estavam interessadas nem desejavam manter, sem necessidade, na praia do Cabedelo, os bombeiros, sacrificando-os desnecessariamente á intemperie; e, assim, comunicaram ao comandante e aos oito homens que a bordo se encontram, já por diversas vezes, para que deixassem o navio, visto que lhe manteriam a sua posse. Aqueles não aceitaram tal sugestão, e ninguém saboe porque. Diz-se apenas que a resposta é de que estão á espera de ordens.

Situação confusa

Ainda ontem se soube á última hora, depois de os salvadegos terem desistido das tentativas de salvamento do «Varna», que um outro desses rebocadores, o hodandês

«Utrecht», iria tentar o desencalhe. E, na realidade, chegou á noite a Leixões. Houve uma demorada conferência entre o imediato do cargueiro, que, entretanto, já fora a bordo, falar com o seu comandante, os representantes da empresa consignatária e o comandante daquele alvado. Dessa reunião nada se soube, ao certo, mas presume-se que, na realidade, o «Utrecht» tentaria, esta manhã desencalhar o cargueiro. Mas, hoje de manhã mesmo, o salvadego saiu, a todo o vapor do porto de Leixões, rumo ao Sul, e, segundo se diz, para ir acudir a um vapor em perigo no mar.

Continua, pois, a não se saber qual o futuro do «Varna». Contudo, pelas dificuldades do local onde o barco encalhou, a primitiva opinião é ainda a que subsiste, isto é, a de que o navio ali ficará para sempre, a menos que o mar que para ali o atirou lhe dê outro golpe violento que o faça mudar de posição. A empresa á qual o barco vem consignado diz aguardar que, de bordo do «Utrecht», comuniquem qualquer resolução prevista; e, entretanto, os oito homens e o comandante — aqueles já contrariados segundo parece — mantêm-se a bordo, obrigando os bombeiros — que são voluntários e, portanto, com prejuizos se se accentuam — a manter-se no areal á espera do que se resolva.

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE ÁGUAS DA CÂMARA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA

CONCURSO PÚBLICO PARA A ADJUDICAÇÃO DA EMPREITADA DE ABASTECIMENTO DE AGUA AO CONJUNTO HABITACIONAL DE ADANAIA

Pelas 15 horas do dia 28 do corrente mês, na sede destes Serviços, realizar-se-á o concurso supra:

Base de licitação ... 141 000\$00
Depósito provisório... 3 525\$00

O programa do concurso e o caderno de encargos estão patentes na secretaria dos Serviços, todos os dias uteis, durante as horas de expediente dos mesmos Serviços.

Serviços Municipalizados de Águas de Vila Franca de Xira, 5 de Novembro de 1968.

O Director-Delegado,
ALBERTO DA COSTA FERREIRA

«EXCELENTE RESULTADOS» —DISSE NELSON ROCKEFELLER EM COMENTÁRIO ÀS ELEIÇÕES AO CHEGAR HOJE A LISBOA

Em viagem de turismo, que deverá prolongar-se até ao dia 15 do corrente (a política também cansa), chegou hoje a Lisboa, por via aérea, procedente de Nova York, o multimilionário Nelson Rockefeller, governador daquele estado norte-americano.

O governador mostrou-se encantado com a vitória do seu partido nas eleições presidenciais dos Estados Unidos.

«Excelente resultado», disse-nos.

— Acrescentou: — Pena é que não tenha conseguido um triunfo do candidato do meu partido no estado em que sou governador (Os 43 votos eleitorais de Nova York foram para Hubert Humphrey).

Quanto á hipótese, muito ventilada nos Estados Unidos, de Rockefeller vir a ser convidado para um alto cargo no governo republicano de Nixon, o multimilionário respondeu, com extrema prudência:

— Bem... a verdade é que eu penso até preparar-me para concorrer á reeleição como governador do estado de Nova York.

— Mas se o presidente Nixon o convidar para o seu governo?

— Esse seria um convite que eu teria de submeter a séria ponderação.

E mais não disse Rockefeller, que está instalado num dos melhores apartamentos do hotel Ritz,

HOJE PODE VER...

NOITE DE CINEMA: «PROÍBIDO ROUBAR»

É UM FILME de Luigi Comencini e são seus intérpretes: Adolfo Celi, Tina Pica, Mário Russo, Luigi Demastro, António Cirelli, Clement de Michele, Carlo Della Posta e Canero Barbieri.

É uma história de rapazes, ao jeito de «Não há rapazes maus». Temos, então, que D. Pietro Tassinari, um missionário napolitano, vai partir para o Quênia, mas roubam-lhe a mala e documentos. Com a ajuda do conde Felice, consegue encontrar o ladrão e reaver as suas coisas. Mas a miséria dos garotos da rua, fruto da guerra, impressiona-o de tal maneira que desiste da viagem e resolve fundar, em Nápoles, a Cidade dos Rapazes, tal como o padre Flanagan fizera nos Estados Unidos. Os rapazes, a princípio, refugiam-se junto dele para fugir à polícia e ocultar seus roubos. Mais tarde...

DESENHOS ANIMADOS COM O «PAPA-LÉGUAS»

DESTA VEZ SIM. Desta vez não falta (não faltará mesmo) o nosso amigo «Papa-Léguas», famoso e rapidíssimo galetto que sempre resolve os problemas que lhe aparecem pela frente. Nas suas aventuras mirabolantes, que fazem as delícias da miudagem e que os graúdos também gostam de ver, aparecerá muito mais bicharada, sem esquecer o atrapalhado «Coyote».

Velocíssimo, speed «Papa-Léguas» preenche, a partir das 19 e 50, cerca de meia-hora de emissão de «Lanterna Mágica». Ele aí está, o galetto de assombro, rei das velocidades e da brincadeira pegada. São desenhos animados, amigos...

De olho vivo e patas bem ligeiras, aqui temos o nosso aventureiro «Papa-Léguas». São mais histórias para fazer rir. É uma brincadeira pegada. «Speed»...

«Papa-Léguas» e seus companheiros: Coyote & Companhia...



O rapidíssimo Papa-Léguas

QUEM É

LUIGI COMENCINI

ITALIANO, nasceu em Salò, em 1916. Talvez um pouco contra a sua vontade, foi encaminhado para o filão dos grandes êxitos comerciais, com «Pão, amor e fantasia» que apresentou em 1953. Ficou, pois, como que realizador amarrado ao cinema comercial, preso da engrenagem que, tantas vezes, destrói talentos e consciências. Posui, no entanto, uma fantasia e um humor de excelente quilate como bem testemunhou com «Tutti a casa» (o regresso ao lar de um prisioneiro de guerra, em 1942), de 1960, que ficou a assinalar um tom diferente e uma nova direcção na sua obra.

Mas o seu grande triunfo foi, não há dúvida, pela via dos filmes fáceis, ramo em que o cinema americano conta com êxitos célebres. Assim, «Pão, amor e fantasia», comédia filmada no estilo de Pagnol, fez rir todo o Mundo, com Vittorio de Sica divertindo largamente a multidão com o seu «panache» de «mareschiallo», tendo à ilharga a apetitosa Gina Lollobrigida. Depois seguiu-se «Pão, amor e ciúme», com o mesmo êxito. Mas quando Dino Risi — então seu discípulo — dirigiu ainda um «Pão, amor e...», com Sofia Loren, a crítica já aceitou a exploração do êxito da série, com menor paciência.

Na verdade, o êxito fora grande, mas os divertimentos explorados eram tão tolos e tão falsos como as comédias de «telefones brancos».

Entre muitas outras películas, Comencini dirigiu este «Proibido roubar», que veremos esta noite.

TV dia a dia EM FOCO

As eleições americanas atraíram as atenções da Televisão portuguesa. Grande parte da sua emissão de ontem foi ocupada com o filme-documentário «Como se faz um presidente», relativo às eleições de 1960. Documentário organizado com um perfeito sentido da reportagem quanto às mímicas mais significativas. Ficámos a saber como John Kennedy se presideciou. Não ficámos a saber quem o alvejou, em Dallas.

Deve, no entanto, dizer-se que o documentário esteve perfeito na descrição dos trâmites burocráticos, da estratégia pessoal de John Kennedy. Particularmente elucidativas foram as imagens da sua luta com Nixon através da Televisão e que contribuiu, de forma decisiva, para a vitória K.

Dizia eu que, perfeito na descrição minuciosa do aparato, o documentário incluído na rubrica «Em Foco» falhou no entanto quanto ao esclarecimento dos pontos essenciais.

MISSÃO IMPOSSÍVEL

Voltamos ao modelo clássico. Jim recebe por fita gravada ordem de seguir para um país socialista onde caiu, quando o sobrevoava por descuido, um bombardeiro ianque. Nesse país encontra-se refugiado um cientista americano, o dr. Shepherd, muito capaz de desmontar o avião e revelar assim os seus electrónicos segredos. Jim deve ir lá, evitar que se desmonte seja o que for e trazer para os Estados Unidos o cientista fugitivo.

De pensar a executar foi tudo, obra de um momento.

neiras de serem muito inteligentes e tudo, caem em todas as espalhas com uma ingenuidade perfeitamente encantadora.

Um qualquer Jim americano vem de cascos de rolha, passa-lhes uma rasteira e eles aí vão ceguinhas de todo! A coisa chega a ser inconcebível, dada a repetição do truque das máscaras, usado pelos rapazes das missões impossíveis. Não há dúvida que os russos andam na Lua, se não já não iam na cantiga. E' que estão tão entretidos com as suas estepes, a assoviar o Borodine, que se caçar nem arranjam tempo para ver a série na Televisão. Depois acontecem-lhes destas. Bem feito. — M. C.

TELERELAMPAGO — TEL. 83 12 23
ASSISTÊNCIA PERMANENTE AO DOMICÍLIO DE TV

CARLOS CRUZ ANUNCIA O REGRESSO DE «DISCORAMA»



Carlos Cruz de novo com «Discorama», sempre com entusiasmo

«DISCORAMA», apreciada rubrica produzida por Carlos Cruz e Dinis de Abreu, vai reaparecer na programação da R. T. P., com Luís Andrade na realização. O regresso está para breve, ao que consta, com satisfação evidente dos seus autores e de quantos seguem com interesse a marcha de «Discorama».

A propósito desta reaparição (e antecedendo declarações de maior extensão que oportunamente serão divulgadas), disse-nos Carlos Cruz:

— Por motivos vários fomos obrigados a interromper as emissões de «Discorama». Vamos agora voltar, neste mês de Novembro. Não trazemos inovações, nem prometemos nada de espectacular...

— ...Isso não significa que o programa tenha perdido (ou venha a perder) o dinamismo e a juventude que, por várias vezes, se lhe assinalou, não é assim?

Carlos Cruz acrescentou:

— Só prometemos cumprir, dando o nosso melhor. Procuraremos assim satisfazer as exigências dos nossos espectadores habituais, e — porque não dizê-lo?! — dos «fans» de «Discorama». A partir do próximo dia 23, segundo esperamos, «Discorama» será um programa mensal cheio de ritmo e interesse.

TELENOTÍCIAS

Lilly Tschumba, que tanto êxito tem alcançado nas suas actuações na R. T. P., está a preparar um novo TV Clube.

Entrou em preparação, a fim de oportunamente ser programado um original da autoria do Olavo d'Eça Leal. Intitula-se «O Duelo».

O próximo programa «Horizonte» apresentará outras rubricas, uma inteiramente dedicada ao ar-

ranjo floral japonês «Ikebana», cujos especialistas visitaram agora o nosso país, em viagem de divulgação.

Foi gravada a peça «O Conde de Novion», de Almeida Garrett, em adaptação e produção de António Manuel Couto Viana. Com esta peça regista-se a reaparição de Alvaro Benamor no pequeno «ecran».

HOJE NA TV

As 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Lanterna Mágica; 20 e 20: Vamos Dormir; 20 e 30: Nós os Mulheres; 20 e 45: Vamos jogar no Totobola; 20 e 55: Homens e Avidões; 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 21 e 55: Noite de Cinema — «Proibido Roubar»; 23 e 55: Telejornal, Meditação e Fecho

— TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — As 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Quarto dos Brinquedos; 20 e 20: Vamos Dormir; 20 e 30: Nós os Mulheres; 20 e 45: Tempo de Poesia; 20 e 55: Cortaz TV; 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 21 e 55: Folhetim «Silvia dos 3 Olmeiros»; 22 e 25: História da Música; 22 e 55: Série do Oeste «High Chaparral»; 23 e 50: Telejornal, Meditação e Fecho.

TUDOR

PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

Rádio

EMISSORA — 1.º Programa —

451 m — 665 kc/s — As 16: Notícias; 16 e 05: Luz no Horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir?; 17: Ginástica de pausa, pelo dr. Marques Pereira — Programa da tarde — Canções do nosso tempo; 17 e 25: A orquestra de...; 17 e 35: Do Choupal até à Lapa; 18 e 05: Sucessos franceses; 18 e 20: Programa da mulher, por Maria Emilia Canela de Abreu e Judite Navarro; 18 e 40: Música e sonho; 19 e 10: Rádio Universidade; 19 e 50: Música só musica; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 40: 20.º episódio do folhetim «Musica no Coração»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: Música ligeira; 21 e 40: Variedades; 22 e 30: Solistas e orquestras; 1: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — As 16 e 30: O ópera em um acto «Cavalleria Rusticana» (Mascagni); 18: Música do século XX; 19: Horizonte, semanário de Letras e Artes; 19 e 30: Folclore português — Música da região de Malpica (Castelo Branco), recolhida por Artur Santos; 19 e 45: Música de piano; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Música instrumental; 20 e 30: Concerto pelo grupo vocal feminino «Harmonia», sob a direcção de Friedrich Wilhelm Verner; 21: Quarteto em mi menor; 21 e 30: Panoramas da História, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Recital de viola solo por Francisco Broos; 22 e 10: Prelúdio e fuga em fá menor op. 35; 22 e 20: Poemas sinfónicos; 23: A voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

3.º Programa — (Cultural em MF 2) — 94,3 mc/s — As 23: Música de tecla; 23 e 30: Música francesa — um programa fornecido pela Radiodifusão Televisão francesa; 00: Música sinfónica; 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m 1034 kc/s — As 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo acontece; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 05: Conjuntos vocais; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Tempo de ritmo; 21 e 05: Diapósio. 21 e 32: Im-

pacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: «P.B.X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — As 16 e 04: Clube das Donas de Casa; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 20 e 52: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa à Gô-Gô; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda Sonora; 2: FM-67; 4: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m 782 kc/s — As 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Ela; 19 e 30: Rabbialac; 19 e 45: Crónica Feminina; 20 e 05: Rádio Picard; 20 e 20: Norte dia a dia; 21 e 05: Cabina de escuta; 21 e 10: Orquestra; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 30: Leitura; 22 e 02: Selecção; 22 e 30: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — As 16: Radiograma; 18: Canções e ritmos do Brasil; 18 e 25: Boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: A voz de Gina Maria; 21 e 45: Tangos famosos; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — As 16: Radiograma; 18: Uma orquestra; 18 e 30: Terço, da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Mosalco; 21 e 30: Chamadas musicais; 22: A música é boa companhia; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — Rádio Peninsular — Das 7 às 8 e das 12 às 14 e 30 — Rádio Voz de Lisboa — Das 10 às 12 e das 19 e 30 às 22 — Clube Radiográfico de Portugal — Das 8 às 10 e das 22 às 2 — Rádio Graça — Das 14 e 30 às 19 e 30.

A MELHOR APLICAÇÃO DOS SEUS CAPITAIS É EM

J. PIMENTA, S. A. R. L.

RENDIMENTOS EM PROPRIEDADES. DE 7,5 A 9% COM GARANTIA POR 12 ANOS

Durante 12 anos V. Ex.º pode receber directamente em casa, no n.º escritório, ou no banco, o rendimento da propriedade que nos compra

em rendimento certo estabelecido, sem mais qualquer preocupação ou encargo pode ainda habitar ou explorar por aluguer, directamente a mesma propriedade

Preço dos apartamentos mobilados	PREÇO DOS ANDARES
130.000\$00 - 230.000\$00	3 ASSOALH 220 000\$00
155.000\$00 - 240.000\$00	4 » 230 000\$00
170.000\$00 - 250.000\$00	5 » 380 000\$00
180.000\$00 - 270.000\$00	6 » 440.000\$00
185.000\$00 - 280.000\$00	7 » 600.000\$00
200.000\$00 - 300.000\$00	
210.000\$00 - 320.000\$00	
220.000\$00 - 340.000\$00	

Locais das nossas propriedades:

Centro da Amadora, Reboleira, Venda Nova, Paço d'Arcos, Parede e Alapraia — S. João do Estoril

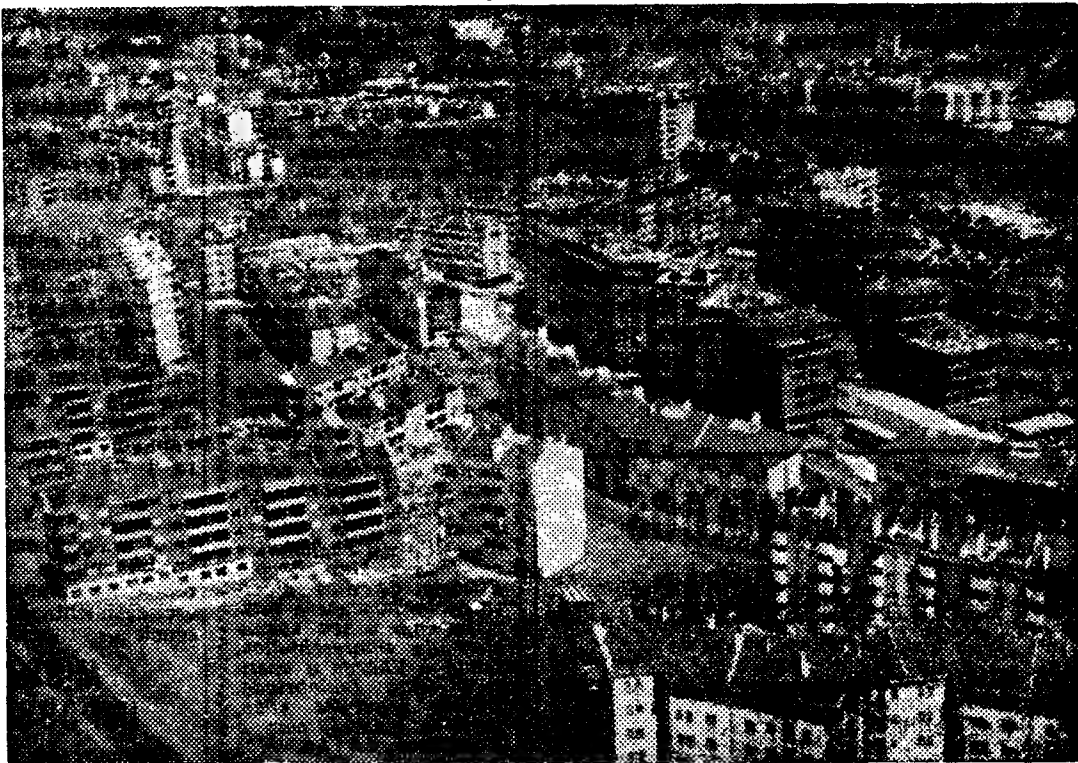
ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS

VENDA E ALUGUER

Azulejos — Nacionais e Estrangeiros desde \$60

INFORMAÇÕES: Lisboa - Rua Conde Redondo, 53, 4.º Esq. - Telefones 47843 - 45843 • Queluz - R. D. Maria I, 30 Telefones 952021 - 952022 • Amadora - Reboleira - Telefone 933670

NOTA: — AS PROPRIEDADES QUE VENDEMOS SÃO NOSSAS E DE NOSSA CONSTRUÇÃO.



REBOLEIRA — VISTA PARCIAL (AÉREA)

NOTÍCIAS DA FIGUEIRA DA FOZ

Receitas do turismo

FIGUEIRA DA FOZ, 7 — O progressivo movimento de receitas da Comissão Municipal de Turismo da Figueira dá os seguintes resultados nos últimos três anos: 1 440 653\$40, em 1965; 1 502 812\$60, em 1966 e 1 762 926\$30 em 1967.

Colectividades centenárias

Mais uma colectividade deste concelho que vai festejar o seu centenário: a Figueira da Foz.

TEATRO DE AMADORES NO FREIXIAL

Na Sociedade Recreativa «Amigos do Freixial» haverá, no domingo, às 16 horas, um espectáculo de teatro pelo seu grupo cénico, com as peças «Amargura de Mãe» e «A doença da Tatá». Assistirá o presidente do Município de Loures.

larmónica Quiaense da freguesia de Quiaios do norte do concelho, que, em breve, celebrará os seus 100 anos de existência. É a terceira colectividade musical do concelho que festeja o seu centenário.

Além desta Filarmonia, já comemoraram o centenário as bandas musicais Figueirense da Figueira, «Boa União» das Alhadas e, também, já há uns anos, o Grémio do Comércio, quando, então era «Associação Comercial».

Montepio Geral

ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MÚTUOS

Fundada em 1840

ASSEMBLEIA GERAL

Sessão Extraordinária

Prossegue amanhã, dia 8, pelas 21 horas, na sua Sede, a Assembleia Geral Extraordinária para a discussão e votação do projecto da Reforma dos Estatutos da Caixa Económica de Lisboa, elaborado pela Comissão eleita na Assembleia Geral Extraordinária de 16-5-68.

LIVROS NOVOS

«A ORAÇÃO — PROBLEMA POLÍTICO»

por Jean Danielou

Na colecção Galaxia, da União Gráfica, saiu agora «A Oração — Problema Político», que Jean Danielou escreveu.

Como diz o autor «o problema religioso não é um problema de elite, é sobretudo um problema de massas». E depois: «Ao nível das massas a religião e a civilização acham-se em estreita dependência uma da outra». Daí realmente o título, considerando a oração um problema político, como das aspirações de que é expressão.

«DIÁRIO DOS MEUS SONHOS»

por José Ferreira Ventura

Em edição dos «Ecos do Bombarral» saiu agora este volume de versos de José Ferreira Ventura, que mantém ainda a capacidade de sonho e de expressão rítmica, à beira dos setenta.

«Sonhos... bolas de sabão que a minha imaginação — não cessa de fabricar e que sempre a todo o passo desaparecem no espaço ou se desfazem no ar.»

«AMOR CONJUGAL E RENOVAÇÃO CONCILIAR»

por Gustave Martelet

O problema do casamento e as relações entre os sexos estão na ordem do dia. Aspectos que foram tabu durante séculos, e que os teólogos só em latim versavam, são apresentados em nossos dias em linguagem que todos compreendem e ainda bem porque a todos interessam.

Neste pequeno volume «Amor Conjugal e Renovação Conciliar», que a União Gráfica editou, o seu autor trata das relações do casal à luz dos últimos ensinamentos do concílio, embora antes de publicada a enciclica «Humanae Vitae».

«DAS CANTIGAS AO DESAFIO NO OESTE DA ESTREMADURA»

por José Ferreira Ventura

Este cancioneiro de amor de José Ferreira Ventura, saiu em edição dos «Ecos do Bombarral», edição elegante e esclarecedora do que eram

as romarias de há anos. Apresenta-nos um estudo sobre as desgarradas do Senhor Jesus do Carvalhal e uma série de cantigas populares daquele tempo em que «a concorrência do jazz» e a intolerância das autoridades eclesásticas ultimamente tem feito desaparecer dos arraiais das nossas aldeias.

AGRADECIMENTO

As Ex.ªs Administrações das Companhias de Seguros «TRANQUILIDADE», «O TRABALHO», «FIDELIDADE» e «OURIQUE» se presta publico agradecimento pela forma correcta e honesta como procederam à liquidação das indemnizações resultantes do sinistro de incêndio ocorrido na nossa Fábrica de Camisas CALIFA, em São João da Madeira.

ALCATIFAS

ACRILAN — COURTELLE — DURNYLON
LUSOTUFO — LOUSÁ — LIDER — LEACRIL
LÁ MANUAL — MERAKLON — ROBILON
WOOLMARK

REVESTIMENTOS PLÁSTICOS
PREÇOS DE FÁBRICA
ORÇAMENTOS SEM COMPROMISSO
APLICAÇÃO GRATUITA

NÓLÁ — Av. da República 20-A
Telef. 533310

VAUXHALL

VIVA

STANDARD • DE LUXE • SL/90
ESTATECAR • GT

EXPOSIÇÃO E VENDA

TECNICAR



— RUA D. ESTEFÂNIA, 84-A — TEL. 53 00 32 — LISBOA

Diário de Lisboa

Calendário desportivo

BILHAR — Campeonato regional de 2.ª categorias (três tabelas) — Jogos a partir das 21 horas, nas salas dos Cafés Rivoli, Astória e Leixões Bilharista.

DIVERSOS — Aniversário do Mocidade Invicta — às 21 e 30, jogo de ténis de mesa, contra o C. D. U. P., em juniores, para disputa das taças «Augusto Pereira» e «Jorge Machado».

Artes plásticas

Na Galeria Dominguez Alvarez será inaugurada amanhã, às 18 horas, uma exposição de desenhos e esculturas do artista Gustavo Bastos.

Espectáculos para esta noite

TEATROS
SA DA BANDEIRA — As 21 e 45: «Oh que delícia de coisa» (17 anos).
CIRCO MEXICANO — Avenida Fernão de Magalhães, às 16 (12 anos).

CINEMAS
SAO JOAO — As 21 e 30: «Momento a momento» (17 anos).
COLISEU — As 21 e 30: «Cacadores de Escalpes» (17 anos).
RIVOLI — As 21 e 30: «Paris-Istambul sem regresso» (12 anos).
TRINDADE — As 21 e 30: «Interlúdio de Amor» (17 anos).
BATALHA — As 21 e 30: «A Batalha de Anzio» (12 anos).

AGUIA DE OURO — As 21 e 30: «O Sargento Ryker» (12 anos).
OLIMPIA — As 21 e 30: «Os canhões de San Sebastião» (17 anos).
CARLOS ALBERTO — As 21: «Barba Negra, o P. rato» e «Sombras na Cidade» (12 anos).
ESTUDIO — As 21 e 30: «Até à eternidade» (17 anos).
VALE FORMOSO — As 21 e 30: «Super-espectáculo no Mundo» (17 anos).
JULIO DINIS — As 21 e 30: «A Princesa» (17 anos).
NUN'ALVARES — As 21 e 30: «Três dentadas na moça» (17 anos).
ODEON — As 21 e 30: «O Escravo das Amazonas» (17 anos).
CINE-GAIA — As 21 e 30: «Escândalo em Villa Fiorita» (17 anos).

Amanhã à tarde

CINEMAS
SAO JOAO — As 15 e 30: «Momento a momento» (17 anos).
COLISEU — As 15 e 30: «Cacadores de Escalpes» (17 anos).
RIVOLI — As 15 e 30: «Paris-Istambul sem regresso» (12 anos).
TRINDADE — As 15 e 30: «Interlúdio de Amor» (17 anos).
BATALHA — As 15 e 30: «A Batalha de Anzio» (12 anos).
AGUIA DE OURO — As 15 e 30: «O Sargento Ryker» (12 anos).
OLIMPIA — As 15 e 30: «Os canhões de San Sebastião» (17 anos).
JULIO DINIS — As 15 e 30: «A Princesa» (17 anos).
CARLOS ALBERTO — As 15: «Intriga internacional» e «Tambores de África» (12 anos).
VALE FORMOSO — As 15 e 30: «A Via Tula» (17 anos).
ESTUDIO — As 15 e 30: «Até à eternidade» (17 anos).

Farmácias de serviço esta noite (4.º turno)

ALIRIO DE BARROS, SUCRS., Rua Costa Cabral, 240 (Tel. 40593) * **BOAVISTA**, Rua da Boavista, 601 (Tel. 2-5443) * **BOTELHO**, Rua da Alegria, 863 (Tel. 4-0069) * **CENTRAL**, Rua de Santo António, 203 (Tel. 21684) * **CON-TUMIL**, Rua de Contumil, 540 (Tel. 45755) * **CORUJEIRA**, Rua de S. R. da Lameira, 1473 (Tel. 5-1928) * **GARANTIA**, Rua Fernandes Tomás, 696 (Tel. 2-4645) * **LEMOES & FILHOS**, Pr. de Carlos Alberto, 31 (Tel. 2-1509) * **MAIA**, Rua do Campo Alegre, 192 (Tel. 6-4450) * **PENINSULAR**, Rua Chã, 100-102 (Tel. 2-0707) * **PINHEIRO MANSO**, Rua de S. João de Brito, 25-29 (Tel. 6-0692) * **SA**, Rua Vale Formoso, 181 (Tel. 40427) * **FOZ**, Rua Senhora da Luz, 382 — Foz (Tel. 68-0127) * **SERPA PINTO**, Rua de Serpa Pinto, 645 (Tel. 4-8697).

Dois estudantes assaltados por ciganos

Apresentaram queixa numa esquadra da P. S. P., os estudantes srs. Berto Monteiro de Oliveira, de 19 anos, Rua de São Roque da Lameira, 656, 1.º, e Rui Manuel do Rosário Sarmento de Castro, de 16, Rua da Roliga, 167, contra um grupo de oito ciganos que, no Largo de Valverde, os agrediram e manietaram, com a intenção de os roubar. Como gritassem, os assaltantes puseram-se em fuga.

Queixou-se, também, o sr. Fernando da Silva Freitas, Rua Marquês de Sá da Bandeira, em Gaia, contra determinado indivíduo, arguindo-o de não lhe prestar contas de cinco porcos, no valor de 5000\$00, que lhe confiara para vender.

Casal ferido num acidente de viação

No lugar do Padrão, em Baltar, um automóvel, conduzido pelo sr. Alvaro Maria Alves Torga, de 28 anos, casado, proprietário, que levava ao lado a esposa, sr.ª D. Maria Angela Matos Alves Torga, de 21, natural da ilha da Madeira, ambos residentes em Gatoão (Amarante), embateu numa camioneta de carga e incendiou-se.

Prontamente socorrido pelos Bombeiros Voluntários de Baltar, que extinguíram as chamas no carro, o casal veio para o Hospital de São João, onde ficou internado. Além dos ferimentos que apresenta pelo corpo, a esposa do automobilista ficou, ainda, gravemente queimada.

Homenagem a um dos fundadores do Rádio Clube Português

A direcção do Rádio Clube Português promove no dia 15, às 15 horas, uma homenagem à memória do sr. Alberto Lima Basto, que, com o maior Botelho Moniz, foi um dos fundadores daquela estação emissora. Será inaugurado um busto do homenageado e ao Emissor de Miramar será dado o nome de «Centro Emissor Alberto Lima Basto».

PERSEGUIA A CUNHADA E FOI MORTO POR ESTA E PELOS SOBRINHOS

VISEU, 7. — São conhecidos mais pormenores do crime cometido ontem à noite no lugar da Lavogueira, na freguesia de Colde de Chima. Segundo confissão feita pela detida, sr.ª Arminda da Silva, no posto da G. N. R. de Viseu, a vítima, o trabalhador António Rodrigues Lopes, cunhado daquela, perseguia-a com intensidade há já algum tempo, no sentido de reatar relações ilícitas havidas anteriormente. Ontem, às 21 e 30, sempre de acordo com as declarações da Arminda, o cunhado entrou-lhe em casa por uma janela das trazeiras e dirigiu-se para a cozinha, onde ela estava a terminar a lida doméstica. Pressentindo-o, a Arminda dominou-o com ex-

Concertos Sinfónicos para a juventude

No domingo, às 10 e 30, haverá, no Teatro Rivoli, o terceiro concerto da série «Encontros com a Juventude» promovido pela Orquestra Sinfónica do Porto, com a colaboração da Acção Nacional de Ópera.

Dirigido pelo maestro Rui Coelho, o programa inclui obras desse compositor: «Prelúdio e Danças das Bodas», da ópera «Inês Pereira», «Passeios de Estio» (quadros sinfónicos da Sinfonia Camoniana n.º 2) e «A Bela Dama Sem Pecado», sobre o poema de Charles Oulmont (primeira audição em versão de concerto). Serão intérpretes as cantoras Maria Cristina de Castro, Elsa SaSque, Teresa Nina e Maria Luísa Viegas. A declamação está a cargo de Pizani Burnaym.

Um incêndio

Cerca do meio-dia por efeito da infiltração de águas que se presume terem provocado um curto-circuito, declarou-se incêndio nas águas-furtadas de um prédio, de três andares, na Rua de Cedofeita 489. Ardeu parte daquela dependência.

O prédio pertence ao advogado sr. dr. Olívio França e é inquilina a sr.ª D. Maria Armandina Pinto. Dominaram o fogo os Sapadores Bombeiros.

Recepção a expedicionários

No R. A. P., 2 decorreu esta manhã, a cerimónia de recepção a um batalhão de expedicionários daquela unidade, que, durante cerca de dois anos prestou serviço na Guiné.

O total dos expedicionários eleva-se a 600, constituindo os mesmos o Batalhão, 1904 com as três companhias 1646-47-48.

Houve missa, celebrada pelo capelão da R. A. P. 2, rev. Jorge Pinho, formatura geral da unidade, usando então, da palavra o comandante do regimento, sr. tenente-coronel Neto Parra, que dirigiu uma saudação às tropas regressadas do Ultramar, congratulando-se pelo facto de soldados e oficiais terem bem cumprido o seu dever.

NOTÍCIAS DE VIANA DO CASTELO

Prémio da TAP

VIANA DO CASTELO, 7. — Veio a esta cidade um funcionário da TAP, para entregar um prémio ao sr. Alberto de Azevedo, industrial, que foi o milésimo passageiro em transportes aéreos portugueses.

Oficial falecido na Guiné

O corpo do tenente-coronel Tristão de Araújo Leite Bacelar, recentemente falecido na Guiné, chega hoje a Lisboa e vem logo para esta cidade, onde será depositado na igreja da Ordem Terceira de São Francisco. O funeral realizou-se hoje.

APREENSÃO DE MATERIAL TIPOGRÁFICO

Foi distribuída à Imprensa a seguinte informação: «No seguimento das investigações subsequentes à prisão, pela Polícia Internacional e Defesa do Estado, do dirigente do Partido Comunista, Francisco Canais Rocha, e da descoberta de uma tipografia clandestina do mesmo partido, com a prisão de dois outros militantes, todos vivendo sob falsas identidades, foi agora localizada, em Lisboa, na área de Campolide, uma outra tipografia clandestina — esta como reserva do partido — e apreendido, além do material próprio, quantidades apreciáveis de tipo e de papel de impressão, bem como numerosas zincogravuras, entre estas algumas para os cabegalhos das publicações clandestinas «Avante», «Tribuna Livre» e «1.º de Maio». O processo respectivo continua em instrução.

às 10 horas, para jazigo de família no cemitério daquela Ordem.

Queda desastrosa

Recolheu ao Hospital da Misericórdia, a sr.ª Rosa da Conceição Pires, de 77 anos, solteira, leiteira, residente no lugar de Fornos, Venada (Caminha), que deu uma queda na sua residência e sofreu fractura de uma perna.

Funeral de um oficial superior

Com as honras militares da praxe realizou-se, esta manhã, o funeral do coronel Tristão Bacelar, falecido na Guiné, cujo corpo chegara ontem a esta cidade. O funeral foi para o cemitério da Ordem Terceira de S. Fran-

Caçador ferido em imprevisto acidente

ILHAVO, 7. — Andava bem disposto, desde há dois dias, na caça nas matas da Gafanha, o sr. José Amaral de Carvalho, de 28 anos, casado com a sr.ª D. Alice de Jesus Salvador, natural da freguesia de Arcos (Anadia) e residente na freguesia da Gafanha do Carmo, deste concelho. O azar, porém, espreitava-o, e assim, quando disparava a arma para matar uma peça de caça, o cano da espingarda rebentou, atingindo-lhe a carga a mão esquerda e deixando-o muito ferido. No hospital sub-regional desta vila de Ilhavo foi socorrido pelo médico e mais pessoal de serviço e ficou internado.

cisco, para jazigo de família, e teve a presença de um batalhão de Artilharia, que amanhã segue para o Ultramar, e de várias individualidades, entre as quais o governador civil.

Batalhão que parte para o Ultramar

Esta manhã, na igreja de S. Domingos, com a presença do segundo comandante da I Região Militar, muita oficialidade e várias individualidades, foi rezada missa, a que assistiu o Batalhão de Artilharia 2857, que amanhã segue para o Ultramar. Durante o acto litúrgico foram benzedos os guilões, os quais foram entregues, depois, no Largo de S. Domingos, onde se realizou um desfile.

Necrologia

FUNERAIS

António Cunha
MONTARGIL, 7. — Na sua residência em Foros do Arrão, faleceu o sr. António Cunha, comerciante, de 62 anos, natural de Pinheiro Grande (Charneca). Era casado com a sr.ª D. Georgina Duarte Cunha, pai da menina Rosa Duarte Cunha e dos srs. Isidro Duarte Cunha e José Duarte Cunha, todos comerciantes e sogro da sr.ª D. Maria Helena Vences Cunha, funcionária dos C. T. T. Pessoa muito estimada em toda a região e que desenvolveu larga actividade ao serviço do público, procurando sempre com grande afã junto dos poderes públicos os melhoramentos para Foros de Arrão, a sua morte foi muito sentida e o funeral, com grande acompanhamento, para Foros, constituiu sentida manifestação de pesar.

LICEU — ADM. INSTITUTOS — SECÇÃO PREPARATÓRIA

Cursos: BÁSICO, NORMAL, ACELERADO

ABERTAS AS INSCRIÇÕES — INÍCIO DOS CURSOS — OUTUBRO

EXTERNATO LICEAL E TÉCNICO ARQUIMEDES

Rua Marques da Silva, 99, 2.º — Tel. 532702

CURSOS INTENSIVOS, NOVAS TÉCNICAS DE ENSINO, PROFESSORES ESPECIALIZADOS, LIVROS PRÓPRIOS

EXTERNATO TÉCNICO PITAGORAS

R. Conde Redondo, 56, 1.º Esq. — Tel. 536380

ALUGUER SEM CONDUTOR

CARROS NOVOS — PREÇOS ACESSÍVEIS



Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 10-B, LISBOA
Telefs : 72 76 54 - 72 49 75

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANIBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha Rua Nova do Almada 64 LISBOA



DINHEIRO!...

APLIQUE-O EM

J. PIMENTA, S. A. R. L.

EM

Andares de 2 a 10 divisões ou apartamentos mobilados no centro da Amadora, na Reboleira, na Venda Nova e em Paço d'Arcos

155 CONTOS RENDEM-LHE 1.000\$00 MENSAIS

Informe-se nos Escritórios em:

LISBOA: Rua Conde Redondo, 53, 4.º, Esquerdo — Telefones 45843 - 47843

QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones 952021/22

REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telefone 933670

ZIM ISRAEL NAVIG. CO. LTD

LINHA DA AMÉRICA DO SUL

PARA

RIO DE JANEIRO, SANTOS, MONTEVIDEO e BUENOS AIRES

O PAQUETE

«THEODOR HERZL»

EM 9 DE DEZEMBRO E 27 DE JANEIRO

recebendo passageiros em Luxuosa Classe Turística aos Preços habituais

CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS OU OS AGENTES GERAIS DE PASSAGENS

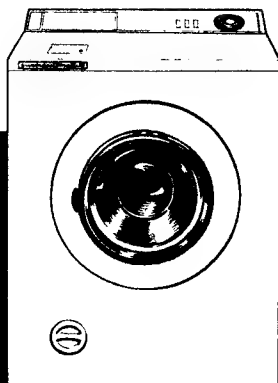
M. DRUMMOND, LDA.

Rua do Arsenal, 134
Telef. 321814
LISBOA

R. Mouzinho da Silveira, 120, 1.º
Telef. 37145
PORTO

LUXOR

MAQUINAS AUTOMÁTICAS DE LAVAR E SECAR ROUPA



MAIS SIMPLES
MAIS VANTAGENS
MELHOR QUALIDADE
VÁRIOS MODELOS

LUXOR

RECOMENDA O USO DO DETERGENTE

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS

RAFAEL BURGUETE, LDA.

Lisboa: R. António Enes, 20-1.º - Tel. 535057

Porto: Rua Formosa, 172 - Tel. 26902

AVENIDA DAS BOAS LOJAS DE ELECTRODOMESTICOS

Leilão de penhores

A COMERCIAL

18, I. da Trindade, 22
Telef. 325082

Recebem-se juros até sábado

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

Concurso n. 56 — Para fornecimento de MEDICAMENTOS

Recebem-se propostas até às 9.45 horas do dia 20 do corrente mês para o mencionado concurso.

Os concorrentes devem pedir no Serviço de Aquisições do H. de S. José, em qualquer dia útil das 9 às 11.30 e das 14 às 16 horas as respectivas condições, excepto aos sábados que é das 9 às 12 horas.

Serviço de Aquisições do H. de S. José em 4 de Novembro de 1968.

O CHEFE DO SERVIÇO
a) Alexandre Pinheiro

Baterias

AUTOSIL estabeleceu há 15 anos

o sistema de venda de baterias

.....

valorizando

e recebendo em troca

a bateria inutilizada

para Preços de Troca

consulte a TABELA AUTOSIL

Todos os AGENTES AUTOSIL

cumprem rigorosamente

as valorizações estabelecidas

pela fábrica Autosil

para defesa do consumidor

av. 24 de Julho, 26-B
telef. 661583-LISBOA
Largo do Mercado, 32
telef. 24214-FARO



rua D. João IV, 613 a 656
telef. 23566-PORTO
rua Nuno Velho Pereira
SANTAREM

OXIDEX

ALCATIFAS
PAPÉIS
OPERÁRIOS
GARANTIA
ORÇAMENTOS

TODAS AS QUALIDADES DE FIBRA, Lã E PLÁSTICO

ÚLTIMAS NOVIDADES
ESPECIALIZADOS PARA
ASSENTAMENTOS
TOTAL EM TODOS OS
TRABALHOS

PELO TELEFONE 532383

EXPOSIÇÃO E VENDA

AV. JOÃO CRISÓSTOMO, 10-B (Junto à Av. Def. Chaves)

TERMO-ACUMULADORES ELÉCTRICOS

VENDEM-SE BARATOS

Trata telefone 32 18 15 — 36 19 01
PR. S. PAULO, 19-2.º-D.º — LISBOA

T.V.

SCHAUB
LORENZ

RÁDIO

DINHEIRO

S/ AUTOMÓVEIS

Empresta-se em boas condições. Transacções rápidas. Sigilo absoluto

SONIPAL

R. CONDE REDONDO 14-2º
TELEFNS 52248-556580

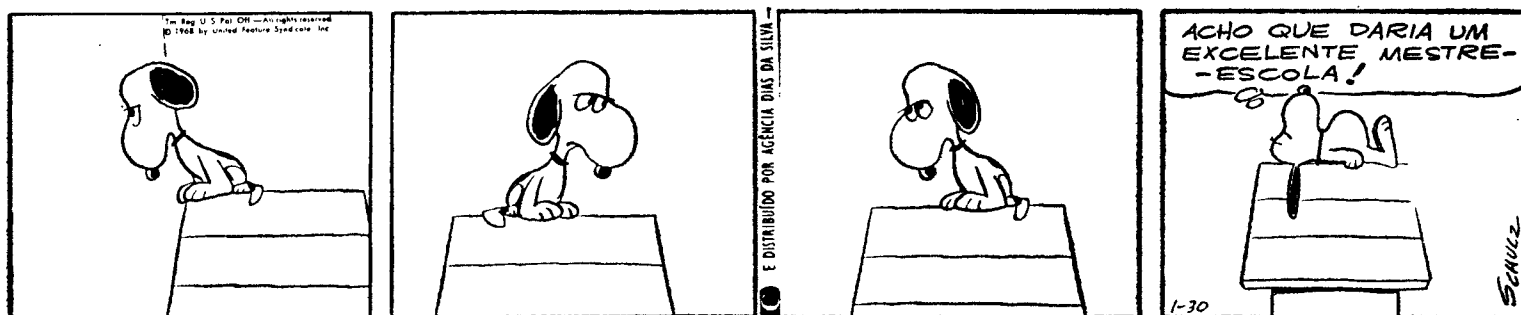
PORSCHE 911 PONTIAC «LE MANS»

VENDEM-SE PODENDO FACILITAR PARTE DO PAGAMENTO.

VER GARAGEM ESCAPE
RUA CASTILHO, 72-A

«ALUGUÉIS — UNIDADE HOTELEIRA EM ACABAMENTO NA CIDADE DO PORTO JÁ RECONHECIDA DE UTILIDADE TURÍSTICA, CONSTITUÍDA POR 30 QUARTOS COM BANHO, PARQUE DE ESTACIONAMENTO PRIVATIVO, RESTAURANTE E MIRADOURO DOMINANDO A MELHOR PANORÂMICA CITADINA E OS MAIS DISTANTES ARREDORES, PRESTES A PODER SER MOBILADA DE ACORDO COM O CONCESSIONÁRIO. VER, CONSULTAR PROJECTO E CADERNO DE ENCARGOS NA RUA D. JOÃO IV, 1000, PORTO».

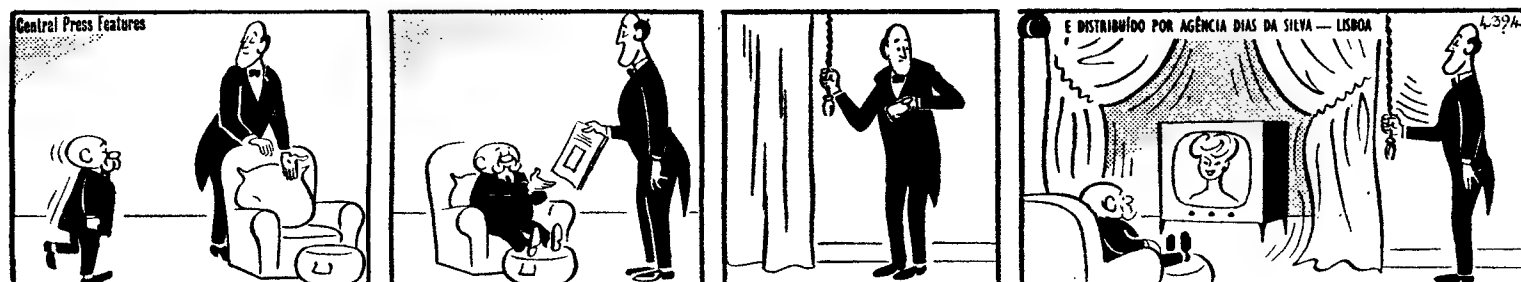
Os Peanuts



Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



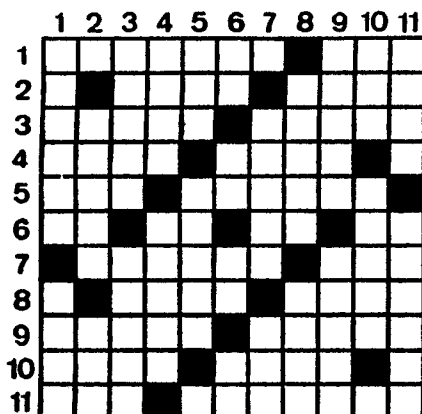
Palavras cruzadas

(COM PROVERBIO)

PROBLEMA N.º 4993

HORIZONTAIS: 1 — Planta do Brasil. Conjunção 2 — Sulco feito pelo arado. Planta de haste oca nos entrenós. 3 — Procedura. Irmão de Moisés 4 — Usado na expressão: correr Ceca e Meca. Isto é, muitas terras indeterminadas. Transfere para outro dia 5 — Escudeiro. Deserrado 6 — Caminhar. Prasiódimo (s. q.). O lado do vento. Abreviatura de Santíssimo 7 — Acorreta. Prenda 8 — Língua da família arauca, folhada ao norte da Ilha de Marujó, Brasil. Tecido de malha para cobrir o pé e a perna ou parte dele 9 — Acto de mandar, girar. 10 — Cidade da Argélia. Medida de capacidade correspondente a 60 alqueires. 11 — Lista. Estimasse.

VERTICAIS: 1 — Assalto. Rio da China 2 — Estrada militar romana, de Braga a Astorga. Rezo 3 — Antiga cidade do Egipto. Estreito 4 — Raia. De cor entre branco e preto 5 — Autoridade honorária no Condómele para as despesas do qual concorre, tomando-as, não raro, totalmente para si. Que desconfia 6 — Isolado. Prefixo que designa afastamento. Basta. Dois mil em romano. 7 — Mulher que vende roupas usadas. Rote 8 — Cidade do Egipto. Trituras 9 — Revolucionário francês que foi assassinado no banho por Carlota Corday. Poetas. 10 — Nome de mulher. Aldeia de Itália. Tempo do verbo ser. 11 — Saudáveis. Ecoarem



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4992

HORIZONTAIS: 1 — Pasta. Piada. 2 — Osso. O. AMOR. 3 — Ras. Apa. Até. 4 — Ti. Fídra. An. 5 — Assassinar. 6 — Ir. Ti. 7 — Aparcerias. 8 — Si. Ameno. Vã. 9 — Sãs. Agã. MIV. 10 — Irem. DEVE. 11 — Mário. Casal.

VERTICAIS: 1 — Porta. Assim. 2 — Asais. Piara. 3 — SSS. Sia. SER. 4 — Tô. Farra. Mi. 5 — Ais. Ema. 6 — Opas. CEGO. 7 — Ari. Ena. 8 — Ia. Antro. Dã. 9 — Ama. Ali. Mês. 10 — Dotor. Aviva. 11 — Arena. Savel.

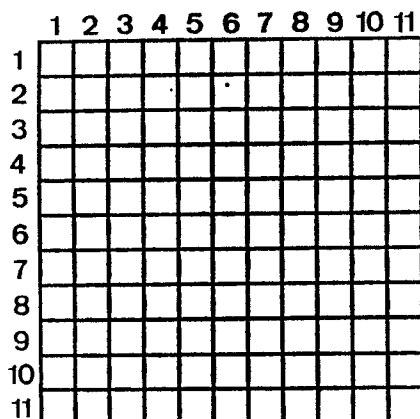
Provérbio: O AMOR DEVE SER CEGO.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 8837

HORIZONTAIS: 1 — Pronome indefinido. Osso do braço 2 — Compreendidos. Ente. 3 — Artigo definido. Naipes das cartas de jogar. Nota musical 4 — Vende a crédito. Suspiros. Colorado. 5 — Caminhara. Rã (pop). 6 — Serra de Espanha. Irmão de Abel. 7 — A que gagueja. Lavradores. 8 — Bolo de farinha de arroz e óleo de coco usado na Ásia. Acreditei. Composição poética. 9 — Despido. Urde. Prefixo de privação. 10 — Cincho. Letra grega. 11 — Dança o samba. A Tailândia.

VERTICAIS: 1 — Canapé estofado. Ódios. 2 — Ilha e cidade perto da Península de Malaca. 3 — Freguesia do concelho de Oliveira de Azeméis. Arma curta um pouco maior do que o punhal. Grande ribeira da Ásia russa. 4 — Distrito da Índia portuguesa. Prende. 5 — Destetara. Planta têxtil do Ceará. 6 — Língua vernácula indiana. Lavram. 7 — Costumes. Transgressões dum preceito legal. 8 — Três vogais que se encontram juntas em muitas passagens bíblicas com o significado de Ah! Oh! Procedi. 9 — Pertences. Ralo. Em partes iguais. 10 — Reconstruída. 11 — Rezara. Rio de França.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8836

HORIZONTAIS: 1 — Pã. Amado. CM. 2 — Ata. Ume. Uri. 3 — Lacedemônia. 4 — Cinro. Opiar. 5 — Ode. Erra. 6 — Atuar. 7 — At. Ar. 8 — Essas. Aduba. 9 — Ressalvadas. 10 — Ado. Bié. Eco. 11 — Passo. Os.

VERTICAIS: 1 — Palco. Peras. 2 — Ataíde. Sede. 3 — Acre. Asso. 4 — Erratos. 5 — Mudo. Soba. 6 — Ame. Tui. Lis. 7 — Demo. Aves. 8 — Operada. 9 — Unir. Rude. 10 — Criara. Baco. 11 — Miara. Vasos.

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS

Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos

Direcção dos Serviços de Aproveitamentos Hidráulicos

DIVISÃO DE OBRAS

PLANO DE REGA DO ALENTEJO

(2.ª FASE)

CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMATACÃO DA EMPREITADA DE CONSTRUÇÃO DE EDIFÍCIOS NO ESTALEIRO DA BARRAGEM DO APROVEITAMENTO HIDROAGRÍCOLA DE ODIVELAS E DA SEDE DA ASSOCIAÇÃO DE REGANTES E BENEFICIÁRIOS, EM FERREIRA DO ALENTEJO

Faz-se público que às 15 horas do dia 28 de Novembro de 1968 se procederá, na sede desta Direcção-Geral, na rua de S. Mamede (ao Caldas) n.º 23, em Lisboa, ao concurso público acima designado, por empreitadas conforme a discriminação seguinte:

Propostas admissíveis	Depósitos provisórios
I — Edifícios a construir em Ferreira do Alentejo (sede da Associação de Regantes, um armazém e uma casa de fiscal de rega)	35 000\$00
II — Edifícios a construir no estaleiro da barragem de Odívalas (uma casa de fiscal de rega, duas casas de cantoneiro de rega e um edifício para laboratório)	15 000\$00
III — Conjunto dos edifícios referidos em I e II	50 000\$00

O processo de concurso encontra-se patente na Divisão de Obras da Direcção dos Serviços de Aproveitamentos Hidráulicos desta Direcção-Geral.

Lisboa, em 5 de Novembro de 1968

O ENGENHEIRO DIRECTOR-GERAL
(a) Armando da Palma Carlos

HIPOTECAS
FAZEM-SE EM LISBOA, ARREDORES E PROVÍNCIA
AO JURO DA LEI
A CONFIDENTE
ROSSIO, 3-2.º TEL. 369384

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 7 de Novembro de 1938 publicava:

«FRENTE DO EHRO, 7 — (De um dos enviados especiais da «United Press») — Hoje, ao amanhecer, voltou a ouvir-se o formidável deflagrar das potentes bombas de avião, e das granadas de artilharia, bem como o enervante e seco matraquear das metralhadoras, em consequência da ofensiva nacionalista prosseguir cada vez com mais intensidade. Desde as 5 horas da manhã que mais de 100 aparelhos nacionalistas cruzam o ar em todas as direcções, lançando milhares de quilos de metralha sobre as concentrações e entrenchamentos inimigos de ambas as margens do rio. Por sua vez, a artilharia inimiga tem replicado com vigor e a aviação de Barcelona, dando mostras de grande actividade, procura com a sua acção impedir o avanço das colunas comandadas pelo general Yague».



FIQUE MILIONÁRIO JOGANDO NO AGENTE MAIS PROXIMO DA SUA CASA OU DO EMPREGO

R. DA PALMA, 43
CASA TRAVASSOS
Sempre dinheiro às mãos
R. DO ARSENAL, 78
CAMBISTA TESTA
Jogue no Testa e terá festa
R. CONDE REDONDO, 93-B
CAMPAIO & CIA.
Lotarias e Totobola
R. ACTOR ISIDORO, 1-A
HAVANEZA DA ALAMEDA
Tabacarias-Navidades-Livraria
PRAÇA DO AREIRO, 5-A
CAMPAIO & CIA.
Sempre bons prémios
R. D. JOÃO V., 15 C/17-A
«EQUIPA»
Brinquedos — Discoteca
R. FERREIRA BORGES, 98-B
CASA NOVA ESTRELA
Inscrições desde 36\$50
R. MORAIS SOARES, 10
CAMPAIO & CIA.
Faz milionários há um século
AV. E U DA AMÉRICA, 42
TAB. de PAST. NOVA IORQUE
Tabacos-Revistas-Jornais-Lot.
AV. DE MOSCAVIDE, 113
CAMPAIO & CIA.
Jogue e a «sua hora» chegará
ROSSIO, 42
CASA TRAVASSOS
Sempre dinheiro às mãos cheias
ROSSIO (R. DO AMPARO, 21)
CAMPAIO & CIA.
Faz milionários desde 840
P. FIGUEIRA (R. AMPARO, 21)
CAMPAIO & CIA.
Apostas de 3\$ a 2 391 484\$50
AV. DA LIBERDADE, 126
TABACARIA DO CAFÉ LISBOA
Jogue nas nossas séries
O PALPITE DE HOJE É DA CASA TRAVASSOS
1-2-1-X-X-1-2-1-2-X-2-1-1
ROSSIO, 42 — R. PALMA, 43

ORFINA — Sociedade Industrial de Química Orgânica, S. A. R. L.

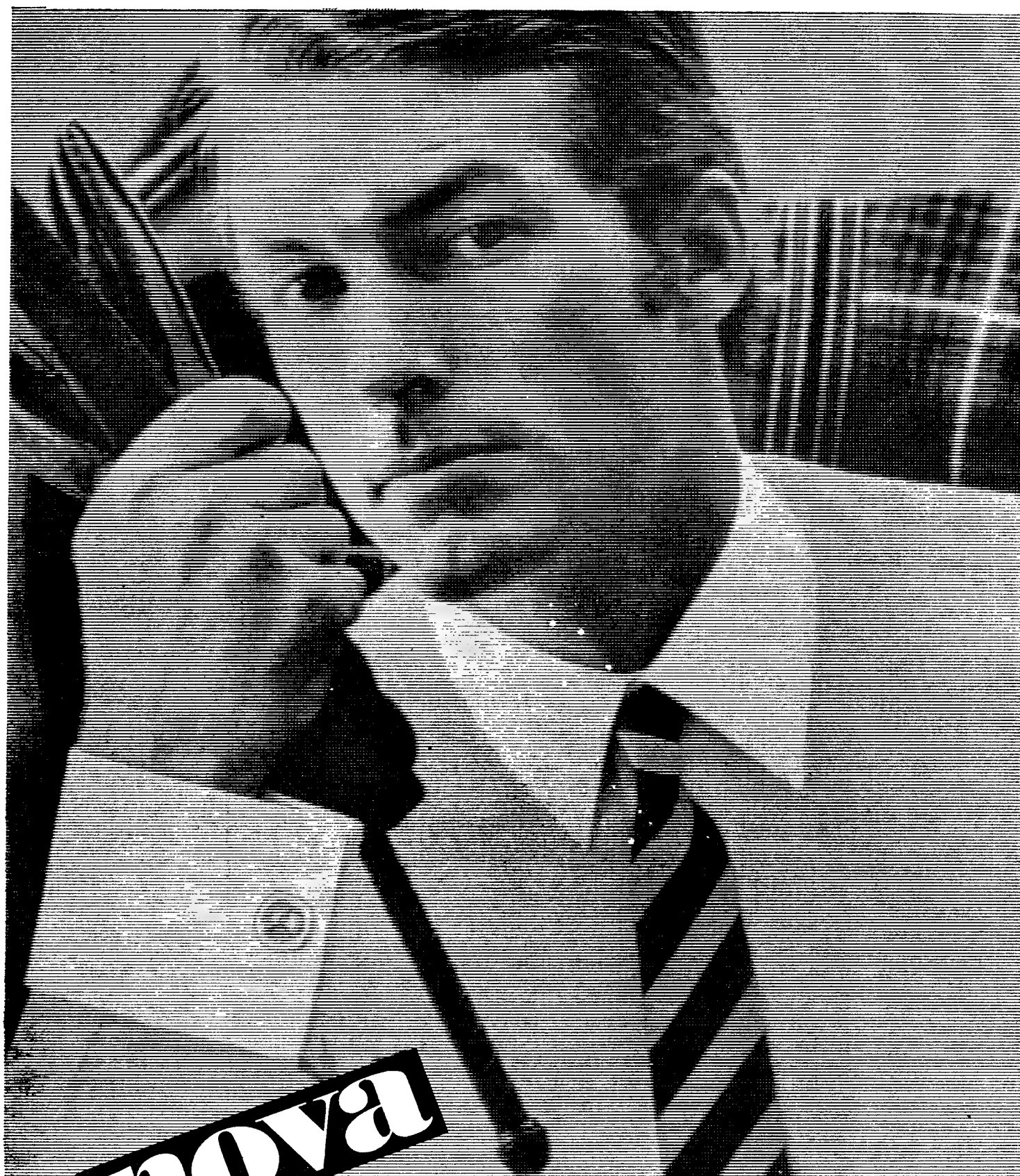
Sede: Avenida Duque de Loulé, 86-3.º, Dt.º — LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

Nos termos do N.º 4 do artigo 11 dos Estatutos, convocam-se os Senhores Accionistas para a Assembleia Geral Extraordinária a realizar em 29 de Novembro próximo, pelas 15.00 horas, na Sede Social, com a seguinte ordem do dia:

1. Apreciação e votação de uma proposta do Conselho de Administração para o aumento do capital social da Empresa.
2. Apreciação e votação de uma proposta do Conselho de Administração para a tomada de posição no capital social de outra Sociedade.

Lisboa, 31 de Outubro de 1968.
O Vice-Presidente em Exercício da Mesa da Assembleia Geral
Manuel dos Santos Victor



nova

Camisas Stoffels splendesto®

Duas vezes mais duráveis!

De uma forte resistência o novo tecido fabricado pela Stoffels, acaba com os problemas da constante deformação do colarinho e dos punhos que geralmente sofrem mais na lavagem.

Verifique em si próprio estas novas qualidades da Camisa Stoffels splendesto... O colarinho mantém-se sempre impecável e os punhos permanecem firmes e perfeitos.

Resultados? — Formidável! —

A melhor Camisa:

- Tem uma autêntica vida dupla, graças à única e resistente textura agora utilizada no colarinho e nos punhos.
- Mais saudável e agradável de vestir pois absorve a transpiração por ser o corpo da camisa de fina popelina de 100% algodão puro.
- Fácil de lavar, também na máquina.
- Nunca precisa ser passada a ferro.

Camisas Stoffels splendesto —

De corte distinto e perfeito.

Sempre permanecem

impecáveis. À sua escolha:

- Em branco e em cores suaves com um colarinho suplente
- Ao preço de Esc. 200\$00
- Também em qualidade super-leve cambráia Esc. 210\$00



Símbolo do Algodão
Mais saudável
Mais confortável



TECIDO SUIÇO

SINDICATO

DOS PROFISSIONAIS

DE ESCRITÓRIO

O Centro de Estudos de Organização de Escritórios do Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa promove, de 18 do corrente a 16 de Dezembro, a terceira repetição do curso «Diagnóstico da empresa e metodologia da sua organização», de que será monitor o sr. dr. António Rodrigues Malta.

Qualquer esclarecimento pode ser pedido para a secretaria do Centro de Estudos, Avenida Duque de Loulé, 126. 3.º, ou através do telefone 53 94 17.

HOMENAGENS

Ao corregedor
dr. Bordalo Soares

Os funcionários do 2.º Juízo Criminal de Lisboa reuniram-se num almoço com o juiz dr. Ilídio Bordalo Soares, que acaba de deixar as funções de corregedor-presidente daquele tribunal, por ter sido nomeado para o cargo de corregedor-adjunto das 4.ª, 5.ª e 6.ª Varas Cíveis de Lisboa e, simultaneamente, em comissão de serviço, juiz auditor da Auditoria Administrativa.



ORDEM DOS ADVOGADOS

CONSELHO DISTRITAL
DE LISBOA

Nos termos do disposto no artigo 598.º do Estatuto Judiciário, foi, pelo Ex.º Senhor Bastonário da Ordem, designado o dia 22 do corrente mês para a eleição dos Delegados às Assembleias Gerais.

Os Advogados do Circulo forense e os da Comarca de Lisboa deverão reunir-se nesse dia, na sede da Ordem, no Largo de São Domingos, 14-1.º andar, os primeiros às 16 horas, e os segundos às 16.30 horas, para a eleição dos Delegados referidos no citado preceito legal.

Lisboa, 6 de Novembro de 1968.

O Presidente,
José Manuel da Silva Ramos



Alice Beatriz Correia
Pinto Barbosa

FALECEU

(Confortada com os Sacramentos da Santa Mãe Igreja)

Fernando Jaime Pinto Barbosa, Maria Alice Correia Pinto Barbosa de Sá Borges, António Luís Correia Pinto Barbosa, Maria Irene Sarmiento Pinheiro Pinto Barbosa, Alberto Jorge de Sá Borges, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento da sua querida mulher, mãe e sogra. O funeral sairá da Igreja de S. Sebastião da Pedreira, onde se encontra já depositado, para o cemitério de Benfica, dia 8, pelas 13 horas.

AGENCIA RODRIGUES

QUER CHOVA, QUER NÃO...

ALVALADE: LOTAÇÃO ESGOTADA

Temos tido uma semana de muita chuva e ninguém deixará de admitir a hipótese de também chover no domingo à tarde. Talvez isso venha a reflectir-se na assistência aos espectáculos em recintos descobertos, mesmo em alguns jogos de futebol do «Nacional» da primeira divisão. Quanto ao Sporting-Benfica, porém, pode chover a cântaros que não deixará de surgir em Alvalade o dístico já tradicional: «lotação esgotada». Colocados à venda cerca de 26 500 bilhetes (só) há a certeza, certezinha, que não chegam para as encomendas. Quase todos, aliás, já têm dono. E para os poucos que restam, metem-se cunhas e empenhocas. O quadro de sempre, nos jogos entre o Sporting e o Benfica.

NOTAS À MARGEM

O futebol português nos Jogos Olímpicos

No decurso da última reunião do director-geral dos Desportos com a Imprensa foram focados os mais variados assuntos da actividade desportiva nacional. O mais importante, porém, terá sido o da possível e desejável participação do futebol português nos Jogos Olímpicos de Munique, em 1972, tendo o dr. Armando Rocha facultado aos jornalistas o texto da carta que dirigiu a F. P. F., pedindo um atento (e a tempo) estudo do problema.

Não deixou o director-geral de sugerir uma profunda alteração no esquema da organica do futebol, que seria, para e simplesmente, a extinção da categoria de «não-amadores», pelo que os nossos futebolistas passariam a estar divididos simplesmente em «amadores» e «profissionais».

Efectivamente, há em Portugal muitos jogadores de futebol vinculados aos seus clubes e ao rótulo de «não-amadores» a troco de uma magra subvenção, sem dúvida muito inferior aos subsídios que — com pretextos vários — auferem muitos dos futebolistas que estiveram no México.

O assunto requer aquilo que aliás foi pedido: um estudo muito atento. Não podemos esquecer que nessa vasta categoria de «não-amadores» há uma gama de situações que vão desde o «quase-amador» ao «quase-profissional». Por outro lado, os clubes necessitam de saber, com larga anteceden-

cia, o que poderá acontecer no regime de transferências: se vai manter-se para os amadores (incluindo aqueles que, recebendo embora pequenas verbas, passariam a figurar nesta categoria) a liberdade de transferência no final de cada época — ou se essas subvenções continuam a vincular o futebolista ao clube para além do termo de cada temporada.

Creemos que a discriminação entre amadores e profissionais poderá vir a fazer-se segundo tenham ou não contrato (actualmente apelida do de «compromisso desportivo») isto é, se recebem ou não as chamadas «luzas». Para os que têm, parece-nos mais apropriada a designação de profissionais — ainda que profissionais em «part-time». Para os outros, a designação de amadores assentará muito mais ajustada do que a maioria das vedetas olímpicas. Há casos de futebolistas inscritos como «não-amadores» que recebem quinze escudos por cada treino e pouco mais por cada jogo. Sem ordenado...

Por ora, o que interessa focar é que se encara de modo um pouco diferente a ideia olímpica. Talvez tenhamos sido dos últimos a admitir certas concessões. Talvez que o próprio Pierre Coubertin, se fosse vivo, também actualizasse muitas das suas belas teorias.

Avery Brundage é que sabe que sim, mas diz que não. M. Z.

MUITOS CASTIGOS

O Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol teve certamente ontem uma prolongada reunião.

Efectivamente é bastante longa a lista dos jogadores e embora os «castigos» não tenham sido muito pesados, atingiu-se um numero quase «record» de «transgressões de disciplina».

Na 1.ª divisão: Edmundo Fernando Silva Aleixo (do Varzim) foi suspenso por quatro jogos enquanto o internacional Jacinto (Benfi-

ca), Tito e Botelho (Atlético) sofreram repreensão por escrito.

Junta médica para Chico

(do F. C. Porto)

Chico, o promissor dianteiro do F. C. Porto, será amanhã submetido a observação por uma junta médica requerida pelo seu clube, no Centro de Medicina Desportiva. A reunião desta junta foi solicitada

depois dos serviços médicos do clube das Antas ter recolhido elementos sobre as condições de saúde do jogador.

Cada clube recebeu 11 963 bilhetes, assim distribuídos: 160 senhas de camarote, 1361 bancadas centrais, 1442 bancadas laterais, 5400 superiores do lado norte e 3600 peões.

No Benfica, segundo nos informaram esta manhã, os bilhetes estão à venda desde a passada segunda-feira. Todavia, porque os pedidos dos sócios benfiquistas superam largamente as disponibilidades, no clube de los «encarnados» tem-se limitado a sua venda. Racionamento...

E de prever, contudo, que hoje fique completamente esgotado o número de bilhetes recebidos no Benfica.

E de tal modo se tem intensificado a procura de bilhetes para o jogo, que o



A lesão de Gonçalves torna possível que o avançado Márinho faça parte do «onze» inicial do Sporting, no próximo domingo. Outro candidato ao lugar: João Carlos

NO SPORTING:

João Carlos (ou Márinho) no lugar de Gonçalves

O Sporting trabalha no «duro» com vista ao seu encontro com o Benfica. A equipa «leonina» sabe o que a espera: uma vitória — e seria o renascer das esperanças; uma derrota — e será o fim...

Em permanente contacto com o grande clube, auscultamos a vibração que antecede o grande desafio. Nos meios sportinguistas, a responsabilidade é tomada sem angústias ou pesadelos prematuros. O que for, soará.

O programa do Sporting

Os «leões» reunir-se-ão hoje, à tarde, no seu solar. Objectivo: um treino de conjunto.

Fernando Caiado proce-

director do Estádio da Luz, Domingos Claudino, tenha particularmente recebido cerca de duzentos pedidos. Elucidativo...

Entretanto, no Sporting, embora os seus associados tenham assegurado o ingresso no Estádio (com o bilhete de «Dia do Clube») tem, também, sido grande a procura de bilhetes, esperando-se que dentro de algumas horas os mesmos se tenham esgotado.

A Federação Portuguesa de Futebol cabem dez por cento dos bilhetes emitidos, que, por sua vez, remete metade para a Associação de Futebol de Lisboa.

Todavia, estes 2663 bilhetes (40 senhas de camarote, 302 bancadas centrais, 321 laterais, 1200 superiores e 800 peões) não são postos à venda ao público. Servirão para satisfazer os pedidos feitos aos dirigentes daqueles dois organismos.

NO BENFICA:

SIMÕES: DÚVIDA QUE TALVEZ NÃO SEJA

A três dias de vista do grande embate, o Benfica prepara a sua «artilharia»: logo, ao fim da tarde, a equipa da Luz iniciará o estágio em Oeiras, local que já está dentro dos seus hábitos.

Otto Glória e Fernando Cabrita convocaram dezasseis jogadores: José Henrique, Jacinto, Humberto Coelho (Humberto II), Raul, Cruz, Jaime Graça, Mário Coluna, José Augusto, Torres, Eusébio, Simões, Nas-

mento, Humberto Fernandes (Humberto I), Toni, Raul Águas e Pavão.

● Simões: clinicamente curado?

A grande dúvida no «team» benfiquista reside na utilização de Simões, o famoso extremo-esquerdo que se lesionou nas primeiras jogadas do encontro Portugal-Roménia, e que Hamilton Marques (sob supervisão do departamento médico do clube) tem procurado «recuperar».

Porém, a incerteza talvez se prolongue por mais um dia: aprovado num teste ontem efectuado no Estádio da Luz, será amanhã novamente observado. Do juízo dos técnicos e da palavra dos médicos sairá a última palavra. O jogador, porém, considera-se restabelecido, plenamente apto a poder colocar no difícil jogo de Alvalade toda a gama dos seus magníficos recursos técnicos.

Também o dianteiro Torres não parece acusar qualquer lesão. E, muito embora (por justa medida de precaução) tenha cedido o posto, a certa altura do desafio contra o Atlético, encontra-se em boa forma física, o que é garantia de actuação na abajante moldura de Alvalade.

Para o F. C. Porto os títulos regionais de ciclismo em pista

Os ciclistas do F. C. Porto Cosme de Oliveira e Custódio Gomes ganharam os campeonatos regionais de pista na categoria de profissionais respectivamente, nas especialidades de perseguição e velocidade.

As provas disputaram-se ao fim da tarde de ontem no Estádio das Antas.



Embora a sua presença em Alvalade esteja ainda dependente de um «teste», tudo leva a crer que Simões voltará ao ataque do Benfica

Gonçalves — a dúvida

Gonçalves não deverá estar presente. Uma lesão recente tem-no afastado dos treinos. Seria muito arriscado utilizá-lo em más condições, mau grado a facilidade de utilizar dois substitutos.

Audo indica, assim, que José Carlos ou Márinho alinharão inicialmente, ocupando o lugar aberto que a lesão de Gonçalves provoca no «onze» sportinguista.

Palavras de Fernando Caiado

Fernando Caiado é um homem experiente que os êxitos não deslumbram e os insucessos não diminuem.

A propósito do «derby» disse-nos:

— Num Sporting-Benfica as circunstâncias em que se desenvolvam as equipas contam muito pouco. Os antecedentes relembram isso mesmo. Contudo, não deixo de acentuar que o empate alcançado nas Antas moralizou a minha equipa. Ficámos todos satisfeitos com a igualdade conseguida no Porto e penso que isso poderá ter influência benéfica sobre os rapazes que oriento de qualquer forma, esperando a ver o que nos reserva o jogo de domingo.

DES
POR
TO

BOAVISTA: NORMALIDADE DIRECTIVA

Parece caminhar para absoluta normalidade directiva a situação de uma das mais populares colectividades norte-nhas: o Boavista Futebol Clube. Em reunião efectuada ontem, entre a Comissão Administrativa e um grupo de sócios, a solução foi encontrada com a nomeação dos srs. Frazão Nazaré, António Silva Reis e José Cabral Matos, para presidirem à assembleia geral, direcção e conselho fiscal, respectivamente.

Estes nomes vão ser apresentados à massa associativa em assembleia geral a efectuar oportunamente, para que o clube do Bessa encontre a solução para a sua total normalidade directiva.



O ÚLTIMO MINUTO

Um artigo de COSTA PEREIRA

A jornada do «Nacional» de futebol do passado domingo foi fértil em golos marcados nos últimos minutos. O Porto empatou no último minuto. O Leixões marcou o golo que lhe deu a vitória em Braga, e a C. U. F. permitiu o empate do U. Tomar, ambos nos derradeiros 60 segundos. Pela parte que nos diz respeito, o golo de empate sofrido pela equipa do G. D. Cuf nos últimos 60 segundos deixou-nos uma certa «mossa».

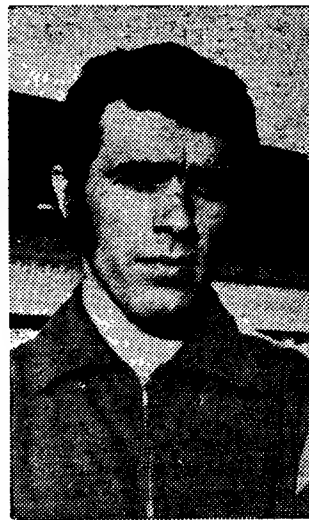
Na verdade o futebol é uma caixa de surpresas. Golos que são transformados e sofridos nos últimos minutos aparecem com frequência nos campos de futebol, para alegria de uns e desilusão de outros.

Neste caso, a nossa equipa parece que se está a «habituá» a perder pontos (consentindo golos de empate ou triunfos adversários) nos últimos minutos. Todavia o sofrer golos nos derradeiros minutos finais reside muitas vezes numa neutralização colectiva, pois os jogos duram 90 minutos e há quem confie demasiado na vitória. Quando uma equipa considerada pequena se vê a vencer outra que lhe é superior, naturalmente que cai num sistema defensivo na intenção de defender o golo de vantagem. A outra, espiciada no seu brio, procura a todo o transe diminuir a vantagem. Desta maneira, apodera-se dela a falta de reflexos, e aquela intranquilidade imprópria para

não perder o sentido prático do jogo e das realidades. Lembramo-nos da primeira final europeia contra o Barcelona, na altura composto pelos melhores jogadores de sempre, tais como Kubala, Kocsis, Czibor, Suarez, Evaristo, etc. etc., enfrentava outra equipa inferior em potencial físico e técnico. O querer e a personalidade do Benfica constituíram o êmbolo que transmitiu a confiança colectiva que se apoderou da equipa, em que todos se «sacrificaram» por um ideal que era a vitória. A derrota do Barcelona ficou a dever-se (quanto a nós) à falta de reflexos e à intranquilidade de espírito dos seus elementos. Se estes não tivessem «pressa» em resolver a contenda, e impusessem o seu jogo com o espírito frio e sereno no jogo, talvez o Benfica não tivesse vencido! Além do mais, existe sempre aquele excesso de confiança que se apodera da equipa que se julga superior, por mais que o técnico se «cans» a advertir os seus jogadores do contrário. Nestas circunstâncias, os jogadores de futebol têm de se mentalizar de que os jogos de futebol duram 90 minutos, assim como não há equipas superiores nem inferiores. Há sim, duas equipas em campo. Além do mais, o profissional de futebol não deve esquecer-se que a sua condição exige uma aplicação permanente dentro do campo, ao longo do tempo regulamentar, mesmo que o árbitro o prolongue por mais 5 minutos!



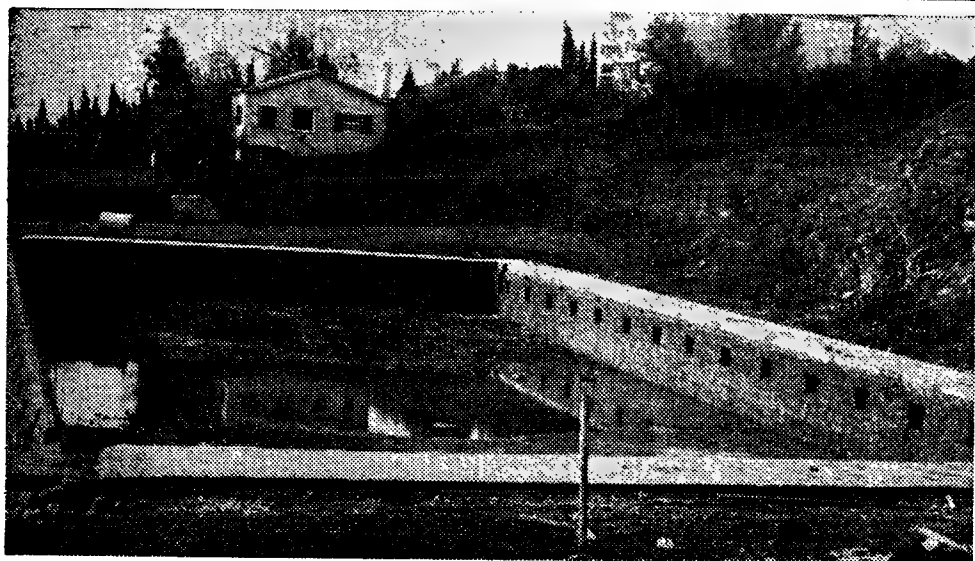
JO



SAPORITI

NOVOS BELENENSES

Vão estreiar-se brevemente no futebol belenense os dois novos futebolistas há pouco contratados: João, o cabo-verdiano credenciado de elemento promissor, e o argentino Saporiti, um dianteiro que o clube espera poder emprestar à sua linha de ataque o índice de eficiência nem sempre alcançado.



O Brasil venceu (2-1) o «Resto do Mundo»

• Em jogo particular, a Roménia empatou (0-0) com a Inglaterra

No Rio de Janeiro (Estádio do Maracanã) a equipa do Brasil venceu, por 2-1, uma heterogénea formação futebolística rotulada de «Resto do Mundo».

Assistiram cem mil espectadores e, ao intervalo, as equipas estavam empatadas a uma bola.

O Brasil foi o primeiro a marcar (aos 4 minutos) quando Rivelino colheu de surpresa o guarda-redes Yashin, da Rússia, com um remate bem colocado.

Schultz «secou» Pelé

Animados com a marcação do tento, os brasileiros lançaram-se em massa ao ataque e Yashin fez duas sensacionais defesas, para evitar que as suas redes fossem novamente atingidas.

Aos 33 minutos, depois de uma magnífica jogada entre Overath (Alemanha Federal), Dzajic (Jugoslávia) e Albert (Hungria), este último marcou o único tento da F. I. F. A., apenas a poucos metros da baliza de Picasso, igualando o marcador.

Na segunda parte as equipas efectuaram ataques de bom recorte técnico, repellidos pelas respectivas defesas. O golo da vitória do Brasil foi marcado aos 89 minutos, por Tostão, ao receber um excelente centro de Paulo Borges.

Pelé nada conseguiu fazer devido à excelente marcação

de Schultz (Alemanha Federal).

No segundo tempo o treinador do grupo representativo da F. I. F. A. fez cinco substituições: Sucs (Hungria) por Perfumo (Argentina); Amancio (Espanha) por Metrevelli (Rússia); Yashin (Rússia) por Makurkiewicz (Uruguai); Albert (Hungria) por Rocha (Uruguai) e Dzajic (Jugoslávia) por Farkas (Hungria).

O treinador brasileiro Aymore Moreira, por sua vez, introduziu na equipa as seguintes modificações: Natal por Borges, Carlos Alberto por Moreira e Jairzinho por Tostão.

Inicialmente, as equipas alinharam: BRASIL — Picasso; Carlos Alberto, Jurandir e Dias; Everaldo e Gerson; Rivelino, Natal, Jairzinho Pelé e Paulo César.

F. I. F. A. — Yashin (Rússia); Novar (Hungria); Schesternov (Rússia) e Schultz (Alemanha Federal); Marzolini (Argentina) e Beckenbauer (Alemanha Federal); Sucs (Hungria); Amancio (Espanha); Albert (Hungria); Overath (Alemanha Federal) e Dzajic (Jugoslávia).

Dirigiu o encontro o italiano Diego Di Leo, auxiliado pelos juizes de linha Ramon Barreto (do Uruguai) e Istvan Szalt (da Hungria).

Entretanto, em diversos locais da Europa, efectuaram-se partidas que contavam para a fase de qualificação do Campeonato do Mundo.

Em Estrasburgo (jogo incluído no «Grupo 5») a França foi derrotada pela Noruega por 0-1, após uma primeira parte sem golos.

Por seu lado, em Glasgow («grupo 7»), a Escócia teve sérias dificuldades para triunfar por 2-1 sobre a Austrália. Ao intervalo, registava-se empate a um tento.

Em partidas de carácter particular, a Roménia (nossa «companheira» no grupo que conta para o «Mundial») fez dois golos amigáveis contra a Inglaterra. Assim, em Bucarest, o Roménia-Inglaterra, mais importante, não fez funcionar o marcador: resultado final de zero-zero. Em «promessas» (jogadores com menos de 23 anos), a Inglaterra foi vencida por 1-0.

Quanto à «Taça das Cidades com Feira» (segunda eliminatória, primeira «mão»), os resultados apurados foram os seguintes: Em Turim, Juventus (Itália), empatou a zero golos com o Eintracht de Frankfurt (Alemanha). Na cidade belga de Waregem, o clube local venceu o F. C. Legia (Polónia) por 1-0. Em

Salónica, o Aris de Salónica (Grécia) foi derrotado pelo Újpest (Hungria), por 1-2. Por último, em Belgrado, o FK de Belgrado (Jugoslávia) bateu o Bolonha (Itália), por 1-0.

Resultados muito escassos que, portanto, não revelam qualquer apurado para a «ronda» seguinte desta competição da U. E. F. A.

XADREZ

Portugal: 31.º lugar

nas Olimpíadas

LUGANO (Suíça), 7 — (A. N. I.) — No encontro final das Olimpíadas de xadrez, disputadas em Lugano, a representação de Portugal venceu a da Grécia, por 3-1, e classificou-se no sétimo lugar do Grupo C, com 25,5 pontos.

A vencedora do Grupo C foi a Austrália, com 34 pontos. Portugal ficou em 31.º lugar da classificação geral.

AUTOMOBILISMO

DISTRIBUIÇÃO DE PRÉMIOS

DO CLUBE 100 À HORA

O Clube 100 à Hora vai distribuir os prémios relativos à XIX Volta a Portugal em Automóvel e ao VII Circuito de Montes Claros.

A cerimónia realizar-se-á esta noite na sede do clube, na Rua das Chagas, pelas 22 horas.



HOJE À NOITE

ANDEBOL — No Pavilhão da Ajuda. Jogos do Campeonato de Lisboa, da 2.ª Divisão: Encarnação-C. D. U. L., às 20 e 30; Cova da Piedade-Oriental, às 21 e 45, e Casa Pia-C. N. O. C. A., às 23 horas.

HÓQUEI EM CAMPO — Jantar de confraternização, promovido pelo Hóquei Clube de Portugal.

HÓQUEI EM PATINS — No Pavilhão dos Desportos de Lisboa: Parede-Campo de Ourique, às 21 e 30 e Benfica-C. U. F., às 22 e 30. No Pavilhão do Infante de Sagres: no Porto: F. C. Porto-Carvalhos, às 21 e 30, e Académica de Espinho-Valongo, às 22 e 30. Jogos a contar para o Campeonato Metropolitano da 1.ª Divisão.

MOTORISMO — No Clube 100 à Hora. Distribuição de prémios, às 22 horas.

CICLISMO

Altig-Sereu:

Vitória em Francfort

FRANCFORT, 7 — (F. P.) — A equipa germano-bélgica composta pelo antigo campeão do mundo Rudi Altig (Alemanha) e pelo belga Patrick Sereu, várias vezes campeão do mundo de velocidade em pista, triunfou nos «Seis Dias Ciclistas de Francfort» à frente da equipa germano-holandesa Wolfgang Schultze-Peter Post, que havia dominado a corrida até um quarto de hora do fim e teve finalmente, que se contentar com o segundo lugar na última volta do percurso.

Todas as outras equipas tinham uma ou várias voltas de atraso. Em 146 horas de corrida foram percorridos pelos vencedores 2.218,855 km.

TÉNIS DE MESA — Nas mesas dos clubes indicados em primeiro lugar. Jogos da 9.ª eliminatória da Taça «Diário Popular», para seniores: Centro Católico-Sporting e Avila-Lisgás, às 21 e 30.

TOTOBOLA

O NOSSO PALPITE

Sanjoanen.-U. Tomar...	1
Leixões-V. Setúbal	X
Varzim-Sp. Braga	1
Atlético-Belenenses	1
Sporting-Benfica	X
Guimarães-Porto	2
C. U. F.-Académica	X
Beira-Mar-Boavista	1
Penafiel-Ac. Viseu	1
Valecambren.-Torrien. ..	1
Lusitano-Barcelense	2
Sesimbra-Sintrense	1
Luso-Seixal	1

PROMOÇÕES NO SPORTING DE ESPINHO

A carreira da equipa principal do Sporting de Espinho, nesta época, tem preocupado particularmente os dirigentes do clube. Assim, decidiram regularizar a situação de quatro ex-juniões, que subiram a seniores. São eles: José Manuel e Abreu (médicos), Pintinho e Chico (avancados).

É natural que no próximo jogo da colectividade espinhense, a efectuar no campo do Tramagal já alinhem alguns destes prometidos futebolistas.

A máquina da «Universiada» está em pleno funcionamento. No Estádio do Resto, cujos trabalhos estão já consideravelmente adiantados como se vê na gravura. Espera-se — segundo informou o dr. Armando Rocha em recente colóquio com os jornalistas — que na grande competição universiada do próximo ano, a piscina tenha já a rodeá-la as bancadas definitivas para acomodação do público

A SELECÇÃO DE «PROMESSAS» RETOMA A ACTIVIDADE

• Jogos prováveis em 11 de Janeiro
16 de Abril e 28 de Maio

Para além do interesse imediato na preparação da equipa nacional, que, no próximo mês, defrontará a Grécia, em Atenas os «responsáveis» procuram ainda a confirmação de novos valores, capazes de dar o seu contributo à selecção num futuro mais ou menos próximo.

Dentro deste princípio, o seleccionador nacional, dr. José Maria Antunes, vai propor à Federação a realização de um desafio Norte-Sul em «promessas», provavelmente no dia 11 de Janeiro, no Resto, no sábado que antecede uma eliminatória da Taça de Portugal, ainda sem participação dos clubes primodivisionários.

Estão, ainda, previstos dois

encontros para as «promessas»: o primeiro a 16 de Abril, em Inglaterra e a 28 de Maio, no Funchal.

ANDEBOL

Campeonato do Porto

Em diversos campos norte-nhos, prosseguiram ontem os campeonatos regionais de andebol de sete. A jornada forneceu os seguintes resultados — Seniores (1.ª Divisão): Padroense, 20-C. D. U. P., 20; Vigorosa, 22-Salgueiros, 18. Em juniores: Gaia, 19-Boavista, 7; Académico, 11-Leixões, 9, e Padroense, 15-C. D. U. P., 15.

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreia de hoje — EM TERRITÓRIO INIMIGO — Politeama

SÃO JORGE

(M. 17 anos) Tel. 54154
As 15.15, 18.15 e 21.30
6.ª SEMANA
O melhor filme do ano
— 5 «Oscar» —
NO CALOR DA NOITE
com Reg. Steiger e Sidney Poitier

AVIS

(Adultos) Tel. 47163
As 15.30 e 21.45
O êxito de uma canção inspi-
rou uma divertida comédia
**QUANDO DIGO
QUE TE AMO**
c/ Tony Renis e Lola Falana

LUMIAR

(Adultos) Tel. 79 15 74
As 15.30 e 21.30
O filme de grande espectáculo
O REINO DE BUDA
Technicolor - Technirama
Ar condicionado
PARQUE PRIVATIVO

ESTÚDIO

6.ª SEMANA Tel. 553134
As 15.30, 18.30 e 21.45 (Adultos)
Um filme de Francis Coppola,
c/ Elizabeth Hartman, Geraldine Page e Peter Kastner
A NOITE É PERVERSA

ESTÚDIO 444

(Adultos) Tel. 779995
As 15.30, 18.30 e 21.45
A obra-prima
de François Truffaut
em 4.ª semana
«Palma de Ouro»
do Festival de Cannes
**OS QUATROCENTOS
GOLPES**

ROMA

(Adultos) Tel. 727778
As 15.30 e 21.45
3.ª SEMANA
Um policial de alto nível
c/ Jean Gabin e Dany Carrel
**A NOITE ESCALDANTE
DO INSPECTOR JOSS**

ALVALADE

(M. 12 anos) Tel. 763080
2.ª SEMANA
As 15.45 e 21.45
John Wayne-Kirk Douglas em
(Technicolor — Panavision)
**ASSALTO AO CARRO
BLINDADO**
Dois homens invencíveis: in-
imigos mas que selaram um
pacto indestrutível

SÃO LUIZ

(M. 12 anos) Tel. 327172
As 15.15, 18.15 e 21.30 h.
2.ª SEMANA
(Technicolor — Panavision)
John Wayne Kirk Douglas em
**ASSALTO AO CARRO
BLINDADO**
Dois homens invencíveis: in-
imigos mas que selaram um
pacto indestrutível

IMPÉRIO

(Adultos) Tel. 55 51 34
As 15.15 e 21.30
3.ª SEMANA
Poderá uma mulher como Pe-
tulia agir como ela o fez após
seis meses de casada?

PETOLIA

Um filme de Richard Lester
c/ Julie Christie, George O.
Scott, Richard Chamberlain
(Dr. Kildare) Joseph Cotten.

TIVOLI

(M. 17 anos) Tel. 50595
As 3 e 6.15 da tarde (a p. r.)
e 9.30 da noite
Anouk Aimée e Yves Montand
no famoso filme de André
Delvaux
LAÇOS ETERNOS

MUNDIAL

(M. 12 anos) Tel. 538743
As 15.15, 18.30 e 21.45
A sensacional Julie Andrews
ama, dança, canta e encanta no
filme que o público aplaudiu!

MILLIE, RAPARIGA MODERNA

Uma comédia musical
em technicolor
4.ª semana de encontros
Metro — Estação Picoas

POLITEAMA

Tel. 326305
HOJE, às 21.30 (Adultos)
GRANDIOSA ESTREIA
Extraordinária revelação de
uma arrojada proeza da es-
pionagem francesa
**EM TERRITÓRIO
INIMIGO**
(VER ANÚNCIO ESPECIAL)
HOJE, às 18.30 — SESSÃO
CLASSICA
com LANA TURNER
(Adultos)

LIDO

Tel. 93 75 93 — A M A D O R A
As 21.30 (M. 12 anos)
A melhor comédia do cinema
francês!
A GRANDE PARÓDIA
c/ Louis de Funès e Bourvil

EDEN

(M. 12 anos) Tel. 320768
2.ª SEMANA
As 15.15, 18.30 e 21.45
Panavision — Technicolor
A BATALHA DE ANZIO
...onde o fim da II Guerra
começou
A partir de Anzio todos os ca-
minhos vão dar a Roma!
c/ Robert Mitchum, Robert Ryan,
Peter Falk, Earl Holliman e
Arthur Kennedy

ODEON

Tel. 326283
HOJE, às 15.15 e 18.15 (p. r.)
e 21.30
2.ª MÊS... — 7.ª SEMANA
do filme português
ESTRADA DA VIDA
Que atitude deve tomar uma
mulher perante uma infideli-
dade do marido? Perdoar-lhe
ou abandoná-lo?
c/ Paulo Renato e Laura Soveral
(Maiores 17 anos)

CONDES

Tel. 322523 e 326710
As 15.15, 18.15 e 21.30
(M. 12 anos)
3.ª SEMANA
**7 NOIVAS
PARA 7 IRMÃOS**
com Jane Powell — Howard Keel
e Russ Tamblyn

EUROPA

(M. 12 anos) Tel. 661016
As 15.15 e 21.30
A vitória do Homem sobre o
infinito. A obra-prima de
Stanley Kubrick
**2001 ODISSEIA
NO ESPAÇO**
5.ª SEMANA

RESTELO

Tel. 61 03 75
As 21.30 (M. 12 anos)
O MERCENÁRIO
c/ Gian Maria Volonte
e Lou Castel

LIZ

(Adultos) Tel. 48560
As 21 h.
A HORA DA FÚRIA
**A SOLTEIRA E O ATRE-
VIDO**

CHIADO TERRASSE

(M. 17 anos) Tel. 320917
As 15 e às 21 h.
ONDE COMEÇA O SUCESSO
**A FABULOSA TROCA
DE CAIXÕES**

MONUMENTAL

(M. 17 anos) Tel. 555131
As 15.15 e 21.30 — 2.ª SEMANA
Cada cozinheiro tem a sua es-
pecialidade...mas este filme
vai agradar ao seu «paladar».
**EM PONTO
DE REBUÇADO**
com James Garner e Debbie
Reynolds

QUINZENA ANTONIONI

AMANHÃ (Ad.) às 18.30 h.
**A HISTÓRIA DE UM FOTO-
GRAFO (BLOW-UP)**, de An-
tonioni, com David Hemming,
Vanessa Redgrave, Sarah Mil-
les
Próx. Quinzena: TERROR

CASINO ESTORIL

(M. 17 anos) Tel. 260729
As 17 e às 21.30
**HISTÓRIA
DE UM FOTÓGRAFO
(BLOW-UP)**
c/ Vanessa Redgrave

IMPERIAL

As 15 e às 21 h. (Adultos)
CINCO ANOS DEPOIS
MEL AMARGO

IDEAL

Tel. 324194
As 21 horas (M. 17 anos)
**ESPIA EM CALCINHAS
DE RENDA**
**OS TURBULENTOS
DE MONTANA**

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Em Lisboa — Turno J

(Ver pelos barros das me-
dições e telefone entre
parêntesis)

AJUDA — Mendes Gomes, Calça-
da da Ajuda, 22 (63256) *
Tapada, Lda., Calç. da Tapada,
83-A (63472).
ALCANTARA — Ester Nogueira,
R. de Alcântara, 5-A (637563).
ALMIRANTE REIS — Antónia,
Lda., Av. Almirante Reis, 88-B-C
(44173) * Magalhães, Av. Al-
mirante Reis, 4-D a 4-F (49479)
ALVALADE — Libão, Av. da Igre-
ja, 4-B-C (71168) * Maribel,
Av. de Roma, 131-A (776235)
* Benha Duarte, R. Moura
Girão, 3-B (70621).
AMOREIRAS — Amoreiras, Praça
das Águas Livres, 8-D (681515).
AREIRO — Lusitana, Av. de Ro-
ma, 8-A (725443) * Childe,
R. Agostinho Lourenço, 6-B
(710331).
AVENIDAS NOVAS — Providência,
R. D.ª Filipa de Viçena, 9-C
(770324) * Sá da Bandeira, R.
Marquês Sá da Bandeira, 36-42
(4196-54672) * Oliveira Vie-
gas, R. Viriato, 29-A (48966-
553601).
BAIRRO DA ENCARNACÃO — Zira,
Pr. das Casas Novas, Lote 66
(310172).
BAIXA — Formosinho, P. dos Res-
tauradores, 8 (30927) * Nor-
mal, R. da Prata, 220 (321342-
325553).
BENFICA — Benfite, Est. de Ben-
fica, 444-A (782606) * Alegria,
Est. de Benfica, 80-A-B (78050)
* Progresso, Est. A-da-Moia,
64-C (702226) * Macedo, Est.
do Poço do Chão, 69-C (703697).
CAMPO DE OURIQUE — Linaldo
— R. Ferreira Borges, 30
(660955) * Findor — R. D.
Maria Pia, 514 (687949).
CAMPOLIDE — Ronil, R. Rodrigo
da Fonseca, 153 (683438) *
Zenel, R. A. 82, Bairro da Li-
berdade (651840) * Nova, R.
de Campolide, 297-C (687475).
CAMPO DE SANTANA — Penin-
sular, Campo das Mártires da
Pátria, 117-118 (593308).
ESTEFANIA — Délio, R. Acores,
32 (52388).
ESTRELA E LAPA — Neves, Suc.,
R. da Bela Vista, 4 Lapa, 37
(661251).
GRAÇA — Higienista, R. Heliadora
Salgado, 20-A (84436).
LUMIAR — Patuleiro, Herdeiros,
R. do Lumiar, 122-124 (790332)
* Douro, Al. das Linhas de
Torres, 93-A-B (791131).
OLIVAIS — Higienista, R. Cidade
Vila Cabral, lote 43 (Olivaís
Sul) (310026).
PALHAVA — Canto, Est. das La-
ranjeiras, 202-B (780841).

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

TRINDADE — As 21 e 45: «A torre
e o galinheiro» (12 anos).
COLISEU — As 21 e 30: «Holiday
on Ice» (12 anos).
MARIA VITÓRIA — As 20 e 45 e
23: «Grande Poeta é o Zé»
(17 anos).
MONUMENTAL — As 20 e 45 e 23:
«Lisboa é sempre mulher»
(17 anos).
VARIEDADES — As 21 e 45 «O
Amor 68» (17 anos).

CINEMAS

ARCO IRIS — As 21: «Sem cons-
ciência» (17 anos).
CINEARTE — As 21: «O Bobo»
(17 anos).
JARDIM — As 21: «As Irmãs Zorro»
(12 anos).
PARIS — As 21: «A Última Vi-
tória» (17 anos).
ROYAL — As 21: «Viver para
Viver» (17 anos).
OLIMPIA — As 21: «Carabins
inimigos» (12 anos).
SALAO LISBOA — As 19: «As 4
Bodas de Marisol» (12 anos).
CINE-MOSCAVIDE — As 21: «Os
Profissionais do Crime» (17 anos).
A VOZ DO OPERÁRIO — As 21:
«Os assassinos de karate» (17
anos).
ENCARNAÇÃO — As 21: «Diabolix»
(17 anos).
ORIENTE — As 21: «A 25.ª Hora»
(17 anos).
UNIVERSAL — As 21: «A Prin-
cesa» (17 anos).
SPORT LISBOA BENFICA — As
21 e 15: «A Máscara do Zorro»
(12 anos).

Linha de Cascais

OEIRAS — OEIRAS-CINE — As
21: «Um espírio chamado Selo»
e «Depressa antes que te der-
retas» (17 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — As
21: «O tesouro dos Astecas»
(12 anos).
ESTORIL — CASINO — As 17 e
21 e 30: «História de um
fotógrafo» (17 anos) e CINE-
-ESPLANADA — As 21 e 30:
«Armadião Estambul» (12 anos).

Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — As
21 e 30: «Quanto mais quente
melhor» (17 anos).
VENDA NOVA — CINE-PORTU-
GAL — As 21 e 15: «A minha
queixa» (12 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPOR-
TIVOS — As 21 e 15: «Missão
inquietante» e «Crónica de Ber-
lim» (17 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — As
21 e 15: «O estrangeiro» e «A
lei da violência» (17 anos).
SINTRA — CARLOS MANUEL —
As 21 e 30: «Gringo não per-
doa» (12 anos).

Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — As 21
e 15: «Flashman contra o ho-
mem invisível» (12 anos); ACA-
DEMIA — As 21 e 15: «A
chaduna misteriosa» (12 anos).
TRAFARIA — PAVILHÃO JAR-
DIM — As 21 e 15: «Ou vai
ou racha» (12 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIAO
ARTISTICA — As 21 e 15:
«Cinco destemidos para Singa-
pura» (17 anos).

NOS PALCOS DO MUNDO

■ O Grupo de Teatro Clássico
vai prestar homenagem
a Sérgio Porto, no teatro
que tem agora o nome da
quele humorista. O produ-
tor Claudio Bueno Rocha
apresenta a gravação au-
têntica do «Show do
Crioulo Doido», sendo
quase certa a presença
dos artistas que tomaram
parte no espectáculo
(Quarteto em Cy, Alegria
e o conjunto de Oscar
Castro Neves). Na festa
será inaugurada uma pla-

ca com o nome de Sérgio
Porto.
■ Louis Ducreaux, director
da Ópera de Monte Carlo,
vai apresentar cinco obras
líricas no Principado, en-
tre 9 de Fevereiro e 18 de
Abril: «A Danação de
Faust», «Rigoletto», «O
Martírio de São Sebastião»
(com Ludmilla
Tcherina), «Eugene One-
guine» e «A Boémia». Des-
tacam-se entre os cantores
Gianna D'Angelo, Peter
Gottlieb, Albert Lance e
Gian-Piero Mastromei.

BOM APETITE

XANGAI
Av. Duque de Loulé, 20-B
Tel. 5 73 78
(frente
à Embaixada Americana)
AMANHÃ EXPERIMENTE
GALINHA «YO LYN»
E FICARÁ CLIENTE

**QUINTA DE
S. VICENTE**
RESTAURANTE
Telheiras de Cima, 144
Tel. 790211
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
JANTARES DANÇANTES
c/ conjunto privativo
(Maiores de 15 anos)

CASTANHEIRA
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA
DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 15 anos)

Tamborim
Restaurante — Snack-Bar
Cervejaria
Especialidades diárias
ACORDA DE LAGOSTA
e COZINHA GOSTA
Rua Gomes Freire, 14
(Ao Campo Santana)
Telefone 4 62 47

TARANTELA
RESTAURANTE • SNACK-BAR
L. D. Estefânia, 23 a 27
Tel. 58 52 03

ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Sala no 1.º andar para
Banquetes
Lanches de Casamento

**PARREIRINHA
DO RATO**
Restaurante — snack-bar
cervejaria
Especialidades de churrasco
de frango, pato, porco
e cabrito
Largo do Rato, 11
(entrada pela arco)
Telefone 68 59 08
Porque para automóveis

APÓS AS REFEIÇÕES — CHAVE D'OURO — O MELHOR CAFÉ

SERVÍCIOS URGENTES

Telefones
AGUA, GAS E ELECTRICIDADE —
Companhias das Águas, 361353
* Companhias Reunidas, 537011
* Gascid, 538821 * Gascid,
dla (dom e feriados), 382069.
BOMBEIROS — Sapadores, 322222
* Voluntários, 538524.
POLÍCIA E G. N. R. — Serviço de
emergência, 115 * Segurança
Pública, 566141 * Judiciária,
535380 * Marítima, 326456 *
Internacional, 362721 * Via-
ção e Trânsito, 42205 * G. N.
R. (área rural), 36865.
SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342
* Enfermagem permanente,
766161 * Enfermagem de ur-
gência, 43738 * Hospital de
Santa Maria, 775171 * Hospi-
tal de S. José, 860131 * Son-
gue, oxigénio e soros, 771168
e 771169 * Transfusões, soros
e oxigénio, 538524 * Centro
de Intoxicações (informativo),
767777, 761176 e 763456.
TRANSPORTES — Aeroporto,
721101 * Caminhos de ferro
(C. P.), 869029 * Caminhos de
ferro (Estoril), 361121 * Estação
fluvial (T. Paço), 325345 *
Estação Marítima de Alcântara,
663195 * Estação Marítima de
Rocho, 672445 * Estação fluv-
ial (Belém), 638531.

Diário de Lisboa

Renascença Gráfica S.A. L.
Editor João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telex: 320271-23 e 321154-6
Publicidade 34221
End. Tel. DBOA, Telex 136
Lisboa 2 — Portugal



De vez em quando

O Centro Português de Actividades Subaquáticas anuncia agora o seu 38.º curso de mergulhador amador. Pelo número se percebe estar na moda saber dar um mergulho como mandam as regras. E, a confirmá-lo, vem o aviso daquela colectividade: «Os interessados devem fazer rapidamente a sua inscrição, dada a afluência habitual de candidatos». Pelos vistos, então que fez Noé antes do dilúvio, são cada vez mais os interessados em se preparar para ir para o fundo. Parafraseando um «slogan» publicitário que está em voga — «eles lá sabem porquê». E você, sabe?

V. D.

o tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE: Em Portugal continental, o céu estava geralmente muito nublado, o vento era moderado dos quadrantes de Oeste e chovia ou caía aguaceiros em várias regiões.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Tavira, 21; Mínima: Penhas da Saúde, 3.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Coimbra, 13; Faro, 19; Lisboa, 16; Penhas da Saúde, 5; Portalegre, 12; e Porto, 15.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 17,3; na água do mar: 17.

PREVISÃO GERAL ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Aguaceiros por vezes fortes nas regiões do Norte e Centro, podendo ser acompanhados por queda de granizo ou trovoadas; vento moderado de Noroeste, soprando com rajadas fortes; melhora gradual do estado do tempo a partir da noite.



Amãhã
Nascer às 8 e 11
Ocaso às 18 e 30



DIAS 13 20 26 4

MARÉS
PREIA-MAR: Dia 7 — 5 e 18 (3,9 m); 17 e 38 (3,7 m); Dia 8 — 5 e 47 (3,8 m); 18 e 09 (3,6 m); Dia 9 — 6 e 17 (3,7 m); 18 e 39 (3,4 m).
BAIXA-MAR: Dia 7 — 10 e 57 (1,1 m); 23 e 10 (1,2 m); Dia 8 — 11 e 30 (1,2 m); 23 e 40 (1,3 m); Dia 9 — 12 e 07 (1,3 m).



MARCELINO PERES DOS SANTOS

Rua Cândido dos Reis, 65
Lagos
Telex 324

O PRESIDENTE DO CONSELHO VISITA ARGANIL E PAMPILHOSA

ARGANIL, 7 — Está prevista para sábado, às 9 e 30, a chegada ao limite deste concelho do sr. prof. dr. Marcello Caetano, que seguirá depois para Coja, Fajão, Vidual, Cabril, Sobral, Valado, Pampilhosa da Serra, Pessegueiro e Colmeal.

Em Pessegueiro, terra da naturalidade de seu pai, o sr. Presidente do Conselho assistirá, às 13 e 30, a uma missa e ao descerramento de uma placa. Mais tarde, deslocar-se-á a Colmeal, onde nasceu sua mãe.

CONSELHO SUPERIOR ULTRAMARINO

Prosseguiram hoje, no Ministério do Ultramar, os trabalhos da reunião do Conselho Superior Ultramarino, inaugurada no passado dia 28, à qual preside o comandante Peixoto Correia.

O estado do Presidente Salazar

Assinado pelo prof. Eduardo Coelho, dr. Vasconcelos Marques, prof. Almeida Lima e dr. Miranda Rodrigues, foi ontem divulgado na Casa da Saúde da C. V. P. o seguinte boletim clínico relativo ao estado de saúde do Presidente Salazar:

«O estado do Presidente Salazar é idêntico ao de ontem. Os valores registados às 20 horas eram os seguintes: temperatura, 36,3; tensão arterial, máxima, 13,5; mínima, 8; pulso cheio e rítmico em 68 pulsações por minuto. Caso não surjam alterações especiais, o próximo boletim será dado no dia 8.»



CARROS USADOS

VÁRIAS MARCAS E MODELOS PRO- V E NIENTES - DE TROCAS

Fac. troca e pagamento

Stand Moderno

Rua João Saraiva, n.º 15 (Alvalade)

CONCESSIONÁRIO



Contra a moda de Florença, os manequins de Paris conservam, pelo menos, na aparência a linha «Twiggy»

O CORPO É QUE MARCA A CINTURA — A MODA APENAS VALORIZA A LINHA

FLORENÇA, 7 — (Por Brenda Rotzoll, da U. P. I. - A. N. I.) — Os costureiros florentinos «esqueceram-se» da cintura, na moda Primavera-Verão de 1969. É, pelo menos, o que se conclui da passagem de modelos realizada, a noite passada, em Florença.

Portanto, pode dizer-se, no próximo Verão, a cintura deixa de ser uma preocupação tão feminina, como tem sido.

A maior parte das vezes, a cintura nem sequer é marcada: a linha geral é, toda ela, tendente a definir bem o corpo. Acontece que, muitas vezes, a cintura é perfeitamente «visível», pois os corpos dos vestidos terminam abaixo do busto e a saia só começa nas ancas.

Pucci, que exibiu malhas de alta costura, apresentou modelos em que a cintura não é vincada.

Uma só peça

Por outro lado, «passou» modelos em que os manequins traziam a cintura despida, especialmente em vestidos de noite com calças «Palazzo».

Os vestidos de dia, de uma só peça, esses, tinham a cintura marcada de uma forma diferente do habitual: no seu lugar, havia barras de cores diferentes.

Quando Pucci mostrou modelos com a cintura marcada, esta era geralmente subida, como aconteceu num vestido de noite, em malha de seda preta, de decote subido. O busto era muito marcado por um cinto largo, estilo Império, com a fivela preta enfeitada de pedras preciosas.

As saias dos vestidos de dia eram, por vezes, rodadas, outras vezes, travadas. Além dos modelos em malha, Pucci apresentou modelos em «chiffon» muito transparentes.

Nardini exibiu vestidos de preferência em tons de verde-dourado, com calças que apertavam aos lados com botões dourados. A transparência dos tecidos era «limitada» pelos bolsos cosidos por fora.

Cintos e brincos

Nas dezasseis «casas» que apresentaram modelos em malha, os cintos feitos de cadeias de metal ligadas entre si por barras de metal dourado tiveram larga representação, bem como as «écharpes» apareciam quer em fatos-calça, quer em vestidos de noite.

Os brincos são compridos ornamentos.

As meias, quando não eram de «nylon» vulgares, eram finas — o que constitui uma inovação em relação à moda das últimas estações — às vezes com riscas verticais pretas e brancas, como as apresentadas por Laura Apon-te. Os vestidos brancos eram debruados a preto, a condizer com essas meias.

Naka apresentou modelos pintados à mão, com muitos motivos em riscas diagonais.

Noni-Sport apresentou modelos brancos, castanhos e pretos, com riscas horizontais. Um dos manequins apresentou um vestido branco, de noite, até aos pés, que era aberto de um dos lados desde a bainha até à cintura. O manequim trazia, por baixo, calções «raparizinho», a condizer.

O pré-colombiano

Mirsa «passou» conjuntos brancos, azuis e de xadrez, que foram muito bem recebidos: os vestidos eram de seda e os casacos de lã.

Os fatos de calça e túnica apareceram com muita frequência.

Maljana escolheu para estes modelos o branco e o preto, num estampado pré-colombiano. Um destes modelos era formado por calças boca-de-sino, com blusa estampada e túnica branca. As mangas também em boca-de-sino.

Havia depois outros modelos mais complicados, com os quais se pretendia apenas divertir os espectadores.

E mais nada. Esta é a linha da Moda-69.



A nova linha de «cintura-a-moer» da moda florentina



FERNANDOS & RIJO, LDA.

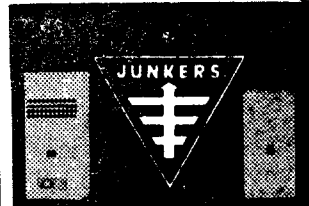
Rua do Montepio, 1

Telex 510

ABRANTES

JOQUE NO CAMPIÃO

SEXTA-FEIRA 4000 CONTOS



ELECTRIX — PEREIRA & SANTOS, LDA.

Rua Cândido dos Reis, 12

Telex 24666

EVORA

SUPLEMENTO

Diário de Lisboa

LITERÁRIO

Alexandre Pinheiro Torres
Álvaro Manuel Machado
Eduardo Prado Coelho
José Vaz Pereira
Júlio Moreira
Raul Hestnes Ferreira
Rocha de Sousa
Sheppard de Moraes

N.º 536/7 DE NOVEMBRO DE 1968

As «situações» de Sartre

por Eduardo Prado Coelho

NO TEXTO que dedicou a Merleau-Ponty, por ocasião da sua morte, Sartre escrevia: «Se a Verdade é uma, é preciso fazer como Gide disse de Deus: não a procurar em parte alguma mas por todo o lado. Cada produto social e cada atitude — a mais íntima e a mais pública — são dela encarnações alusivas. Uma anedota reflecte uma época tanto como uma constituição política. Seríamos caçadores de sentido, diríamos a verdade sobre o mundo e as nossas vidas. Merleau achava-me optimista: estava eu certo de que em todo o lado havia sentido? Ao que eu poderia ter respondido que o sentido do não-sentido existe e que cabia a nós encontrá-lo».

Este texto de Sartre, sendo o programa de *Les Temps Modernes*, é também a definição de *Situações*: procurar encontrar em cada livro, em cada facto, em cada escultura, em cada decisão, um fio de sentido que se entrelace na totalização da história. No 1.º volume dos seus ensaios, agora publicados pela Europa-América, em excelente tradução de Rui Mário Gonçalves, Sartre ocupa-se sobretudo de textos literários: Faulkner, Nizan, John dos Passos, Mauriac, Giraudoux, Bataille, Blanchot, Jules Renard, Camus, entre outros. Apenas encontramos dois artigos de carácter filosófico: um ensaio, muito famoso pela função histórica que assumiu, sobre «uma ideia fundamental da fenomenologia de Husserl: a intencionalidade», e um outro sobre a liberdade para Descartes. Há ainda um longo estudo, semiliterário e semifilosófico, em que Sartre se ocupa da obra ambígua e imprecisa de Brice Parain.

NA CRÍTICA LITERÁRIA

O aspecto mais importante deste volume inicial reside num ponto: revelarmos a excepcional capacidade de Sartre como crítico literário. Houve durante algum tempo uma certa tendência para se pensar que Sartre tinha dificuldade em apreciar uma obra literária como obra literária. E a principal acusação que é habitual dirigir-se ao seu *Baudelaire* é precisamente essa: onde está a literatura no decurso dessa análise exaustiva? Confusão típica: censurar alguém por não fazer o que esse alguém nunca pretendeu. *Baudelaire*, Sartre aborda o projecto total duma existência, de tal forma que todos os actos e todos os

textos dessa vida devem ter um sentido, devem ser sintomas dum sentido a encontrar. O mesmo acontece em *Saint-Genet*, mas aí o objectivo de Sartre é mais ambicioso, e trata-se, sem dúvida, de um dos poucos exemplos de uma crítica total.

Pois em *Situações*, Sartre demonstra-nos uma excepcional sensibilidade para a análise do romance, e mesmo, com Francis Ponge, para a análise do trabalho poético (não esqueçamos também que Sartre escreveu longas páginas, em parte publicadas, em parte inéditas, e em parte também perdidas, sobre Mallarmé). E as suas intuições críticas têm tanto

está fora. tudo, até nós próprios: fora, no mundo, entre os outros. Não é em nenhum refúgio que nos descobriremos: é na rua, na cidade, no meio da multidão, coisa entre as coisas, homem entre os homens». Por outro lado, Sartre interessa-se já por questões importantes como a das relações entre a linguagem e o silêncio (Blanchot, Bataille, Parain) ou a das relações entre as palavras e as coisas (no estudo sobre Ponge). E é curioso assinalar como os nomes de Georges Bataille e de Maurice Blanchot, hoje tão frequentes no ensaísmo e na crítica, aparecem aqui apontados e analisados no momento em que pouco justificaria ainda uma tal atenção.

TECNICA E METAFISICA

As análises de Sartre nada têm de particularmente filosófico: muito pelo contrário, se certos temas filosóficos circulam insistentemente, eles aparecem sempre envolvidos em reflexões muito concretas sobre a técnica literária e as suas implicações. A famosa afirmação de Sartre (a propósito de Faulkner) de que «uma técnica romanesca leva-nos sempre à metafísica do romancista», devendo o crítico partir desta para explicar aquela, aparece aqui claramente demonstrada. Mas note-se: Sartre não diz que uma técnica literária implica uma metafísica. Diz, sim, que, num determinado escritor, uma determinada técnica só se pode entender na sua relação com a metafísica que a articula no projecto global que subentende a obra. O que é um pouco diferente das relações em abstracto que alguns críticos de literatura (e de cinema...) têm tendência a fazer.

Partindo deste postulado, Sartre procura encontrar as implicações, por vezes muito ténues e subtis, entre determinados processos e determinadas perspectivas ideológicas dos autores que os utilizam. Recorde-se, por exemplo, a importância do «parfait composé» em *O Estrangeiro* de Camus e a relação entre o efeito estilístico e a intenção estética: do «parfait composé» passa-se para uma temática do absurdo.

E está ainda na memória de todos a célebre «exceção» de François Mauriac (que se vingou designando, com um bom gosto algo duvidoso, a teoria de Sartre como «excrementalismo»). Para Sartre, Mau-

riac não poderá nunca ser um bom romancista, porque o romancista nunca pode criar as suas personagens do lugar de um Deus, determinando-as antecipadamente na rigidez de um destino. Mauriac não gosta do tempo, e por isso escreve do ponto de vista do absoluto e da eternidade. Ora «num verdadeiro romance, tal como no mundo de Einstein, não há lugar para um observador privilegiado». Porque «um romance é escrito por um homem para os homens» (compare-se com a frase final do ensaio sobre Husserl) e «para o olhar de Deus, que atravessa as aparências sem se deter nelas, não há romance, não há arte, porque a arte vive de aparências. Deus não é um artista; Mauriac também não».

POSSÍVEIS RESERVAS A SARTRE

Poderíamos prolongar a análise deste livro alician- te e inesgotável. São inúmeros os temas importantes que o percorrem e se repercutem em toda a restante obra de Sartre: a questão da liberdade (de Descartes a Mauriac), a discussão do materialismo ontológico (partindo da leitura atenta de Ponge), a reflexão sobre a linguagem (a propósito do Parain ou de Bataille, por exemplo).

A sua indiscutível actualidade permitir-nos-ia ainda utilizar uma perspectiva diferente: confrontar, por exemplo, o estudo sobre Bataille com as observações que Jacques Derrida lhe dirigiu no seu ensaio recente sobre o mesmo autor (em *L'écriture et la différence*), seria extremamente fecundo, porque nos iria pôr em relevo as diferenças, os pontos de ruptura, as alterações essenciais entre a leitura de Sartre e os métodos e teorias hoje em elaboração. A sobrançeria de Sartre em relação ao valor filosófico de Bataille (tal como as suas observações sobre a psicanálise, em que nos fala dos «métodos grosseiros e suspeitos de Freud, de Adler e de Jung») aparece-nos hoje excessivamente datada. E temos de concordar que Sartre nem sempre apreendeu os motivos que viriam a determinar a actual fascinação por Bataille: a forma dispersa e invertebrada da sua obra, o seu desvio em relação às normas estabelecidas para o filosofar, o seu excesso em relação à racionalidade hegeliana,

[Continua na 6.ª página]



Malamud: ouvir para julgar

por Alexandre Pinheiro Torres

DURANTE vários séculos (e mesmo agora) a Europa sentiu ser privilégio seu fazer diagnósticos sobre a América. Uma Europa de hospital, enfermaria cheia de países doentes, procurava com avidez a cobaia que lhe indicasse qual a origem dos seus males. O que levou Marcuse a categoricamente declarar, em data recente, que a América fora sempre a «má consciência» da Europa. Terá nascido daí o antiamericanismo? É o que sugere Marcuse quando nos diz que o ódio que a Europa experimenta por si própria o sente na carne dos Estados Unidos.

Mas houve uma *belle-époque* da América em que as perturbações de que a Europa sofria não chegavam a atravessar significativamente o Atlântico. Porquê? Vou tentar uma resposta pessoal: a América ainda não era suficientemente madura para ter aprendido a difícil arte de ouvir. A mim parece-me que um dos índices de civilização reside precisamente em tal capacidade. Nunca vi que uma nação insuficientemente civilizada escutasse. E a mesma observação é extensível aos indivíduos.

Questão crucial: se uma nação europeia ou do continente americano não se encontra em condições de utilizar o sentido do ouvir ou de fazer uso do estetoscópio para diagnosticar doenças próprias e alheias como reivindicar qualquer título de defensora da civilização ocidental?

Chegou, todavia, o momento em que a América atravessou o Atlântico de estetoscópio nas mãos. Como compreender-se a si própria sem compreender a Europa? Foi a altura de

procurar no nosso continente o diagnóstico dos males, que, depois de um período de auto e hetero-classificação de ser uma utopia realizada (ler o preâmbulo da *Declaration of Independence*, 1776, de Jefferson), descobria afinal existirem também em si própria.

É de tal aproximação que nasce a obra de um William ou de um Henry James, e, já neste século, a de toda a «geração perdida» (Gertrude Stein, Hemingway, Scott Fitzgerald, etc.).

Como europeus teremos de recusar ou estranhar que ao antiamericanismo tenha correspondido, além-Atlântico, um anti-europeísmo? Esse anti-europeísmo (aceitas as premissas anteriores) é, aliás, salutar num sentido: corresponde à necessidade de a América, consciente ser uma utopia não realizada, ir descobrir algures a origem das suas doenças. Parafraseemos o diagnóstico de Marcuse: a Europa é também a «má consciência da América».

Mas, num dado país, todos assumirão conscientemente a necessidade de diagnósticos das suas próprias doenças? Certo que não. Quanta pessoa conhecemos nós que se recusa ir ao médico com a desculpa pura e simples que prefere viver na ilusão de que não sofre de nada? Se uma missão médica europeia se dirige à África para vacinar contra o tifo uma tribo infectada não consistirá isso num insulto para os feiticeiros que vivem dessa doença? Donde se conclui que a necessidade de diagnósticos sérios não é expre-

[Continua na 6.ª página]

SUPLEMENTO Diário de Lisboa LITERÁRIO

LETRAS PORTUGUESAS

O regresso do desterro

CRÓNICA

O inventor do submarino, por Alexandre O'Neill

LETRAS ESTRANGEIRAS

As «situações» de Sartre, por Eduardo Prado Coelho
Malamud: ouvir para julgar, por Alexandre Pinheiro Torres
Gerstein ou a ambiguidade do mal, por Sheppard de Moraes

ENTREVISTA

Encontro com Claude Michel Cluny, por Alvaro Manuel Machado

ARTES PLÁSTICAS

História (plástica) de Anísio, por Júlio Moreira
Aventura alquímica, por Rocha de Sousa
Um Alentejo inalterável, por R. S.

CINEMA

Caminhando para 1984, por José Vaz Pereira

URBANISMO

Concentração urbana ou dispersão? (2), pelo arq. Raul Hestnes Ferreira

HUMOR GRAFICO

México — 68, por Carlos Worm

O regresso do Desterro

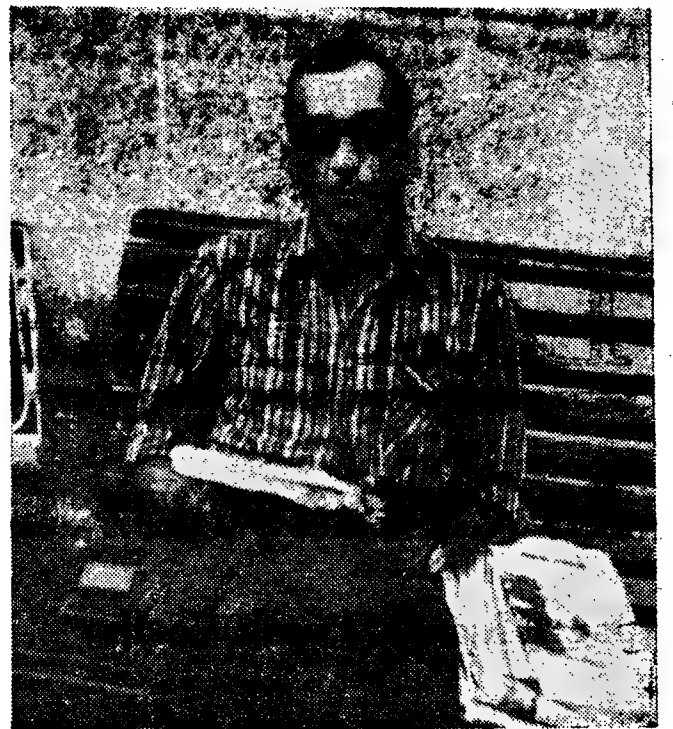
«Ilha do Desterro: arena rectangular / palco de terra batida. / Cenário: azul no azul: o mar.»

A secura lírica do novo livro de poemas de Alexandre Pinheiro Torres, *Ilha do Desterro* (col. «Poetas de Hoje», Portuguesa Editora), cabe exemplarmente nesta definição de abertura. *Azul no azul...* — o tom pessoal mais objectivo carregando a objectividade de uma paisagem humana. Repúdio do exotismo e do deleite formal para tornar mais estrita, mais pensada e menos imediata uma realidade que se canta. Um decantar, afinal, de uma experiência por intermédio de uma aturada busca de expressão e de ritmo.

Realmente, o que se passa nesta notável colectânea de poemas é um decantar, um amadurecer de experiência e de ofício que em 18 anos de poeta se mantém integras de mensagem mas enriquecidas,

de livro para livro, de exigência de comunicação. O humor que por vezes transparece dos versos de Alexandre Pinheiro Torres carrega ainda mais a inquietude e segura busca da expressão e não raro (veja-se esse belo poema «O meu Filho vê o Mar») a simplicidade quase rorântica do traço vem enobrecer de contrastes a trabalhada forma do conjunto.

Lá vai o tempo (felizmente) em que Crítica e Criação eram formas «antagónicas» e em que a primeira se estratificava com azedume no ouropel da erudição ou nas arrogâncias dos ficheiros académicos. Hoje um Mário Dionísio, poeta-contista, um Mário Sacramento, dramaturgo-ensaísta, e mesmo um Oscar Lopes cuja obra se tem confinado à investigação literária, hoje qualquer destes escritores de primeira grandeza demonstram que a crítica



Alexandre Pinheiro Torres: experiência e ofício de poesia

(também entre nós) é um terro de Alexandre Pinheiro Torres, um ensaísta e professor de literatura que, ao fim de tantos anos de estudar a poesia dos seus confrades e depois de tanto trabalho de investigação e de polémica, reaparece na Poesia com uma frescura invejável.



Homenagem a Pasárgada

Poesias de Manuel Bandeira, que a Portuguesa Editora acaba de editar é uma criteriosa antologia organizada por Adolfo Casais Monteiro e raramente um poeta é tão certamente interpretado por outro, como neste caso. Ambos ligados ao modernismo e ambos ultrapassando-o ambos escritores de originais virtudes líricas, a compreensão estética que os une patenteia-se nesta homenagem antológica que não elimina um fundo sentido crítico e uma independência de vistas que só a tornam mais digna e valiosa.

Casais Monteiro no estudo que dedica a Manuel Bandeira desde as suas fases simbolista e parnasiana e da reviravolta definitiva de Carnaval (1919) até aos poemas dos oitenta anos em que, mais uma vez e sempre, ele se mostra inovador inquieto e imaginoso artífice. Essa constante é, aliás, sublinhada ao longo do prefácio de Casais Monteiro que, a poucos passos do fim, a resume de maneira inequívoca:

«No momento em que o poeta corre mais que nunca o risco de ser transformado em estátua, necessário é, mais que nunca, acenar, acima de todas e quaisquer outras virtudes, o carácter essencialmente «fora dos moldes» que marcou a ocupação de Manuel Bandeira de um lugar de primeiro plano no modernismo brasileiro e na poesia universal.

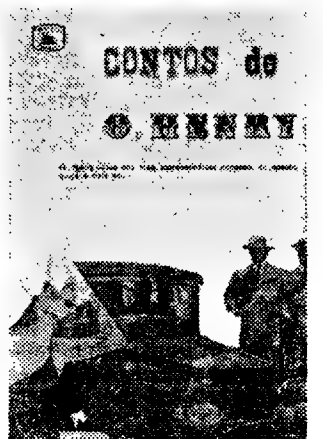
O'Henry pintado de novo

EM TRADUÇÃO DE Eduardo Saló, a *Galeria Panorama* acaba de lançar no mercado um volume de contos de O. Henry (1862-1910), contribuindo assim para um conhecimento mais íntimo, entre nós, daquele que foi dos mais populares contistas americanos do seu tempo.

A obra de O. Henry — algumas dezenas de contos espalhados um pouco ao acaso por jornais e revistas e reunidos depois em volume — entronca, no seu lirismo breve e directo, em Mark Twain, cujo livro *Huckleberry Finn* está na base (segundo Hemingway), de toda a moderna literatura americana. Como Mark Twain, O. Henry busca inspiração na sua experiência vital (acidentada) e na observação terna e minuciosa do real quotidiano, dando preferência às pessoas e casos dos bairros miseráveis de Nova Iorque. «A (sua) forma de escrever — revela Harry Hansen no prefácio do volume — recolhia algo de vulgar, da rotina da vida quotidiana, e associava-o a um dos seus temas favoritos: a fortuna dos apaixonados, separados no labirinto de uma grande cidade e reunidos por um acidente providencial». Operário de uma literatura aparentemente menor mas apta a equacionar os problemas e anseios de uma população sujeita ao peso do ar condicionado, O. Henry veio a conhecer grande popularidade na primeira década do século. «Sem dúvida — escreve Geoffrey Moore — que nós não entramos nas (suas) personagens, como acontece com as de Katherine Mansfield ou William Faulkner. Não existe uma

intenção imediata em O. Henry. Ele é apenas um homem que cria uma história com a imaginação mais fértil que jamais existiu (todas as reticências da nossa parte...), com o humor audacioso do Oeste americano, e com um sentido da humanidade e um conhecimento dos seus fracassos que fazem dele um retratista. O. Henry é um espelho distorcido, e tal como um espelho distorcido ele espanta-nos, faz-nos sorrir (...). Com ele estamos numa feira».

Os contos agora antologados — os primeiros de



uma série que a *Galeria Panorama* intenta apresentar — dão-nos bem a medida do naturalismo melancólico de O. Henry. E também da sua capacidade de improviso mediante o mais banal acontecimento do quotidiano, por ele transfigurado para o significativo. A virtude última de O. Henry residirá nesta apreciação do editor Robert H. Davis: «Se todos os documentos oficiais se extraviassem, as quatro dezenas de contos que têm Nova Iorque como fundo serviriam para que um futuro historiador reconstituisse uma cidade grotesca e fascinante, que seria a cidade da década de 1900-1910, reflectindo a sua voz e exprimindo o seu modo de ser».



ESCAPARATE

Autores portugueses

Título — «Grandes Chefes Militares Contemporâneos» (Joffre — Foch — Pétain — Lyautey).
Autor — General Ferreira Martins.
Editora — Edições Excelsior — Lisboa.
Número de páginas — 246.
Preço — 30\$00.

Título — «As Chaves do Inferno».
Autor — Ferreira da Costa.
Editora — Editora Pax — Braga.
Coleção — «Metrópole e Ultramar» — 30.
Número de páginas — 309.
Preço — 40\$00.

Título — «Diário» — 10.º volume.
Autor — Miguel Torga.
Número de páginas — 197.
Preço — 30\$00.

Título — «Avieiros» — Romance.
Autor — Alves Redol, 5.ª edição.
Editora — Europa-América — Lisboa.
Número de páginas — 326.
Preço — 60\$00.

Título — «Ilha do Desterro».
Autor — Alexandre Pinheiro Torres.
Editora — «Portugalia Editora» — Lisboa.
Coleção — «Poetas de Hoje» — 29.
Número de páginas — 114.
Preço — 35\$00.

Título — «Um Sino na Montanha» — Cadernos de um Escritor.
Autor — Fernando Namora.
Editora — Europa-América — Lisboa.
Número de páginas — 297.
Preço — 55\$00.

Autores estrangeiros

Título — «Novos Horizontes da Psicologia».

Autor — Brian M. Foss.
Tradutor — Fernando Barros.
Editora — Editora Ulisseia — Lisboa.
Coleção — «Livros Pelicanos» — FP — 66.
Número de páginas — 507.
Preço — 60\$00.

Título — «Um Negro no País das Loiras» — Novela Adulta.
Autor — Hernâni Anjos.
Editora — Editorial Minerva — Lisboa.
Número de páginas — 500.
Preço — 60\$00.

Título — «A Moral depois do Concílio».
Autor — Bernhard Haring.
Tradutor — José Rodrigues.
Editora — Morais Editores — Lisboa.
Coleção — «Círculo do Humanismo Cristão».
Número de páginas — 153.
Preço — 37\$50.

Título — «A Europa na Abundância».
Autor — François Hetman.
Tradutor — Jorge Alvarez.
Editora — Editora Ulisseia — Lisboa.
Coleção — «Ulisseia» — n.º 2.
Número de páginas — 373.
Preço — 55\$00.

Título — «O Diário do Concílio» — 3.º volume.
Autor — Henri Fesquet.
Tradutor — Vasco Miranda e Costa Maia.
Editora — Europa-América — Lisboa.
Número de páginas — 388.
Preço — 80\$00.

Título — «Kurt Gerstein: Entre o Homem e a Gestapo».
Autor — Saul Friedlander.
Tradutor — Maria Jock Miranda.
Editora — Morais Editores — Lisboa.
Coleção — «A Marca do Tempo».
Número de páginas — 180.
Preço — 70\$00, enc.

CHEGOU O OUTONO e para leitura a NOVIDADE LITERÁRIA apropriada JORNADA SEM FIM

(2.º Vol. do Ciclo Moçambique)

DANIEL SEVERINO

(«Inegável vocação de ficcionista» — «Diário de Notícias» de 1-3-957)

Autor de «O AMOR E UMA CABANA» — 1.º Vol. do Ciclo Moçambique — («Um longo, denso e amadurecido romance de costumes, este livro», «O livro, de aliciante leitura, é promissor preâmbulo dos volumes que, incluídos no mesmo ciclo, DANIEL SEVERINO se propõe publicar: «JORNADA SEM FIM» e «MIRAGEM TROPICAL» — «Diário Popular» — Secção Letras e Artes, de 17-5-962.

DANIEL SEVERINO é Autor, também, de «CONTOS DO NATAL»

(«O primeiro conto destes paradoxais Contos do Natal — Adeus, Amigo! — é das histórias mais potéticas que temos lido em língua portuguesa. E a sua originalidade, talvez insensiente e por isso ainda mais apreciável, não a podemos relacionar com a novelística corrente. Por vezes, vem-nos ao espírito «O ESTRANGEIRO» de Camus») — Dr. JOÃO GASPAR SIMÕES

Aventura alquímica

por Rocha de Sousa

LEONOR PRAÇA
Galeria Divulgação
Lisboa

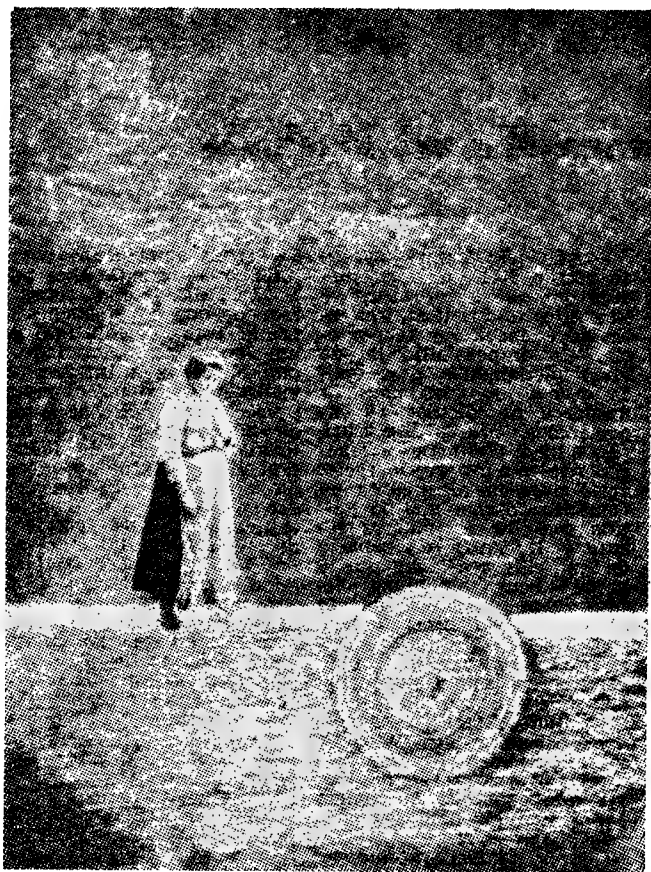
É mais sedutor percorrer o texto cintilante que Lima de Freitas dedicou, num pequeno ensaio à pintura de Leonor Praça, do que estabelecer com essa pintura o diálogo disponível que logo nos ocorre. Se os quadros apresentados na galeria Divulgação nos assaltam efectivamente com a sua madrugada de raízes, com a sua ingénua antiguidade recuperada, o certo é que as convicções de Lima de Freitas ganham ali uma ressonância surpreendente e talvez a sua melhor adequação em ordem a um facto pictórico conhecido. Realmente elas se explicam com agitada sinceridade à medida que se reconhecem frustradas nessas formas ou que para elas convergem. E por opostas que sejam as nossas próprias convicções, não podemos deixar de referir em Lima de Freitas, particularmente neste caso, uma constante e decidida exigência de princípios, uma força de compromisso claramente apontada ao homem, um desejo manifesto de garantir pela arte, ou na arte, a vertical conservação das consciências.

VOCAÇÃO DE UM TEXTO

No ensaio citado, aquele autor recusa mais uma vez o primado das formas consideradas em si mesmas, destituídas de relações de conceito e conteúdo, ou vistas como aparências que implicitamente se significam. Para ele a arte tem de valer, não a este nível da específica organização

de formas auto significantes, mas como processo germinativo, como metamorfose do sentido mais íntimo das formas e portanto como manifestação plural das raízes da vida. Esquece em parte que alguns dos processos actualmente desenvolvidos na investigação plástica, por muito que pareçam debater apenas o problema da forma naquele sentido, é sobretudo a realidade que analisam em termos de uma nova problemática: a de saber, afinal, qual o melhor caminho para o seu conhecimento, a de reunir os recursos apropriados para que a visão, reeducada pela base, possa contribuir para uma amplificação da consciência e naturalmente possa restabelecer o teatro de acção das consciências. Mas o objectivo deste trabalho ambicioso (que de qualquer modo se faz no fazer-se de cada artista) tem de procurar-se a partir das estruturas mais elementares, da desmontagem sistemática das aparências, da relação constante e progressiva das diferentes propostas alcançadas. É sempre um recomeço. Um recomeço ao nível da peça, do momento, da fase, e um recomeço ao nível da corrente ou de um conjunto de obras. De qualquer forma, um acto de partida e de aventura, portanto um mecanismo que não pode deixar de se entender como primordialmente referido à vida do homem. É nela que se alimenta e que se decide, é nela, em suma, que se reconhece.

Assim poderemos talvez compreender melhor que os modos de acção dos artistas actuais, ao contrário do que parece afirmar Lima de Freitas, não representam em si mesmos um derivati-



Leonor Praça: um espaço mágico

vo da moda, mas referem muitas vezes a desesperada bifurcação dos métodos. Recusando-se a ficar encerrado num mundo absurdo, cada vez mais espesso na sua inquietante transformação, o artista de hoje alarga os seus meios de expressão e de análise para romper o cerco, significando desesperadamente o que lhe resta da realidade, onde o seu destino afinal se cumpre. Quando reconhecemos a divisão da arte em géneros, para uma comodidade da fala, isso não quer dizer que só a certos géneros correspondam as faculdades justas para o processo germinativo da verdadeira arte. O mesmo se deve afirmar em ordem às experimentações artísticas actuais, que no fundo tão claramente reflectem a inquieta diversidade de comportamentos e a complexa articulação do aparelho social, para além de traduzirem o efeito do in-

conformismo humano, a rebeldia do homem a modelos fechados e permanentes, o sinal da sua inteligência desdobrando e criando situações, o trabalho da sua mão agindo sobre os materiais e sobre o mundo.

E é neste sentido, oposto às reservas de Lima de Freitas, que a esse autor inversamente damos razão: para a viagem invisível de Leonor Praça, para o seu método, para o reflexo da sua laboriosa alquimia, para a verdade do seu testemunho aberto «na modéstia e na ocultação». É nesse exemplo que oportunamente retomamos a questão dos modos, e agora mais de frente para os que também encaram o actual na obsessiva defesa de um sector restrito da experimentação artística, nomeadamente o que se explica em termos de vanguarda. A própria vanguarda, de resto, redefine-se constantemente na plu-

ralidade das indagações e estas só convergem ao nível de certos princípios gerais. Fundamentalmente, as experiências actuais mais especulativas residem ainda no trabalho individual, procurando por meios diferentes consolidar um novo conhecimento do real. Em boa verdade, é tão legítimo que este conhecimento se restabeleça a partir dos elementos primários da aparência, como em função de um novo aprofundamento das raízes do ser e das suas memórias mais remotas. Com efeito, o nosso exercício visual, por muito que se reduza ao seu mecanismo de base, não deixa de sofrer uma informação considerável da prática social, dos hábitos adquiridos, da herança biológica e da antiguidade que em todos nós permanece. A uma nova descoberta do real, na sua espessura e na sua mutabilidade deve corresponder uma argumentação técnica bastante vasta, portanto um ajustamento de indagações paralelas mas diferentes. Seria pretensioso afirmar que a utilidade do trabalho do artistas de hoje se restringe às mais recentes propostas de um espaço global, onde a participação do espectador se alarga pela diversidade e pelo confronto. A insistência de uma pesquisa no domínio (por exemplo) do plano ou da geometria, retomando o que está longe de ter sido esgotado, é tão importante para as artes como é para a ciência a revisão arqueológica das mitologias antigas e dos fenómenos que ficaram por analisar.

VOCAÇÃO DE UMA PINTURA

É desta forma que se pode entender a actualidade de Leonor Praça e a singular atmosfera da sua proposta. É mais do seu programa, de resto, que se deve falar, já que a forma desenvolvida tem ainda (e apenas) a frescura das hesitações e o tom de uma sinceridade comovente. A

sua atitude mais profunda procura significar, ou revelar, as imagens antigas de uma experiência humana longamente aprendida na vida colectiva e herdada por nós através dos signos, dos códigos, dos emblemas da civilização que nos define. Assim Leonor Praça, para o conhecimento da nossa realidade e dos nossos mecanismos, parte à descoberta de um mundo imaginário que se sobrepõe ao mundo das coisas antigas, as memórias fossilizadas da viagem do homem, os seus sonhos, os seus símbolos. A colagem de fragmentos de figuras — escritas passadas, episódios gráficos, documentos mutilados da magia — conjugam-se com a caligrafia de uma representação juvenil das cores: recuperam-se desse modo, emblematicamente por vezes certas paisagens desoladas, flores, pétalas soltas, auras simbólicas, crianças e animais, elementos que mágicamente referem memórias presentes, milénarias heranças. É esta aventura de mergulho nas raízes que Lima de Freitas identifica por aventura alquímica; e para tanto enumera as figuras que de facto ou metaforicamente se ligam a essa experiência, a essa viagem, a esse mergulho revelador. Assim se redescobrem os passos rituais de um hermetismo perdido ou recusado, e as ligações possíveis que modernamente o surrealismo suscitou.

Neste caminho, Leonor Praça retoma a imagem onde a vão deixando os pintores dos nossos dias. Retoma igualmente a memória antiga e o mito onde a pretensão racionalista os abandonou. Retoma também o sinal de uma poética desusada, corajosa na sua obediência a um apelo natural, e parece dar testemunho de que espera para amanhã a recuperação de grande parte desse comportamento. Acredita-o hoje, isso é manifesto. É singular. Merece portanto o nosso respeito; porque, efectivamente, ainda vivemos a aventura alquímica.



ESPIGA PINTO
S. N. B. A.
Lisboa

De um lado, o bom gosto, a epiderme aveludada dos tons, o jogo das harmonias. Do outro lado, a convenção enganadora, a frivolidade, a estereotipia. E não se trata de uma balança, onde finalmente os pratos se compensam ou descompensam. Tudo o que na pintura de Espiga Pinto se opõe, se contradiz, se afirma e se nega, está objectivamente no mesmo lugar, simultaneamente explicando o anverso e o reverso de um talento admirável. O anverso da sua indiscutível capacidade artesanal, do seu modo de ser, do recorte exacto da sua escrita; e o reverso da fácil anedota decorativa, das aparências

Um Alentejo inalterável

luxuosas, de um formulário que a tudo responde da mesma maneira e a breve trecho se expõe deliberadamente em termos de consumo, não exactamente em termos de indagação.

Há ainda o Alentejo. Todos dizem que o Alentejo pertence às memórias de Espiga Pinto, vive na sua pintura como essas obsessões que profundamente se retomam nos actos essenciais da vida. Dizem os pintores, dizem os prefaciadores, dizem os críticos e dizem os poetas. «O seu inalterável Alentejo», diz em. «Um ramo pintado nos teus pulmões de ar queimado», cantam. Mas o reconhecimento desta presença não altera sobremaneira o que se possa dizer acerca dessa pintura. E por falar de Alentejo: do mesmo modo ele está e não está nos quadros de Espiga Pinto. Rodando nas rodas suspensas, lá estão as rodas, a madeira dos utensílios, os carros cravados no chão, os animais e os homens, as raízes do céu e da terra; mas ao contrário e do mesmo modo, à quem das raí-

vas e das esperanças que ao Alentejo emprestam o fogo de uma paisagem específica, as rodas, os carros, os animais e os homens pertencem a um jogo estilístico cheio de facilidades e concessões. As facilidades da oficina, as concessões do espírito. Ali, o trabalho — destino, definição do homem — é pretexto para um exercício digestivo, maquinal e luxuoso. Em suma, é o trabalho de um Alentejo sem raízes e sem esperanças, talvez sem homens, onde a terra é castanha e negra para servir de fundo discreto ao quotidiano lisboeta.

Podemos pensar que a transposição plástica do Alentejo, se alguma vez Espiga Pinto a tentou como dizem, fez-se do lado errado, ou do que parece errado, ou do que não se parece com o Alentejo. Até pensamos que esse programa, se reconhecidamente deliberado, pode ter o seu mérito. Mais: que não há qualquer fatalidade ou urgência em reconhecer o Alentejo nos objectos de Espiga Pinto. Melhor: que

o Alentejo efectivamente ali não está. Mas estão, sem dúvida, os dedos adestrados do pintor, um artesanato que a tudo se sobrepõe, um estilo omnipotente que tudo absorve, um gesto narcisista pelas belas palavras repetidas, um desenho excessivamente gráfico, fingidamente simples na sua pomposa e artificial estilização. Por isso, também, as formas indecisamente abstractas, esplendidamente tratadas em grandes círculos suspensos da parede ou em grandes esferas rodando electricamente no chão. Electricamente de facto, sem metáfora, como se estivessem pousadas no hall de uma agência de viagens. Belas, lentas e brilhantes, instalando para os olhos uma emblemática da frivolidade. Tudo é ponderado e cosmopolita, bem pintado e bem feito, grave sofisticado, definitivo. Nenhum rompimento, nenhuma rebeldia, nenhuma dureza. Um doce cheiro a comodidade por toda a parte. E a lassidão infundável das harmonias.

UM GRANDE ROMANCE,
NOVO E OUSADO. DE

MORAVIA
a atenção

A ATENÇÃO assenta numa situação escabrosa e em amores quase proibidos. Mas o mal também existe na vida — o incesto, a prostituição —, sem contudo perturbar muito a ordem aparente do mundo. Que significa, então o realismo? Deve o escritor renunciar ao drama, ao romanesco? Moravia, graças ao Diário do seu herói, contenta-se em mergulhá-los no tecido conjuntivo da banalidade quotidiana — insignificante no plano dos factos, muito significativo e audacioso no dos sonhos

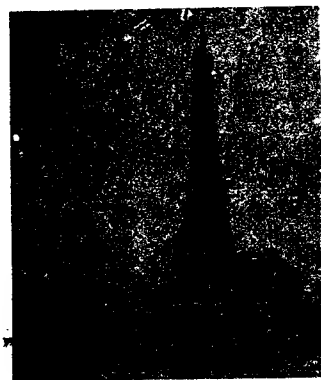
Jacqueline Platier
(Le Monde)

COLECÇÃO CONTEMPORÂNEA

Portugalia Editora
AV. DA LIBERDADE 13 LISBOA

Paris-68: Encontro com Claude Michel Cluny

por Álvaro Manuel Machado



Tenho diante de mim, no meu gabinete de trabalho, Claude Michel Cluny, escritor, crítico e director da Biblioteca da Rádio Televisão Francesa. É um homem de trinta e tal anos, sereno mas ambíguo, secreto, simultaneamente irónico, discreto, dominador, solene e subitamente adolescente.

Como crítico literário das *Letres Françaises* e da *Quinzaine Littéraire*, Claude Michel Cluny dá-nos uma lição de rigor histórico e de inspiração universalista qualidades raríssimas nos críticos franceses, voltados habitualmente para a especulação formalista e os escritores franceses de moda. Veja-se, neste sentido de espírito universalista, a sua recente crítica (*Quinzaine Littéraire* de 16/30 de Setembro) aos *Poemas de Alvaro de Campos* que acabam de ser publicados pela Gallimard, numa tradução brilhante de Armand Guibert.

Como poeta (*Désordres*, ed. Gallimard) e principalmente como romancista (*La balle au bond* e *Un jeune homme de Venise*, ed. Denoël) Claude Michel Cluny parece-me importante sobretudo na medida em que representa uma tendência neo-romântica da moderna literatura francesa. Poder-se-ia invocar, em paralelo ao seu, os nomes já consagrados de Georges Bataille, André Pieyre de Mandiargues, Michel Leiris.

Esta personalidade neo-romântica revelou-se a Claude Michel Cluny na ficção sobretudo com o seu romance mais recente, *Un jeune homme de Venise*. Jogo de

xadrez discretamente sensual entre o amor e a morte, *Un jeune homme de Venise* é essencialmente um romance de «clima», o clima de uma época e de uma cidade (decadência de Veneza no século XVIII) matificadas pela memória doente de um poeta francês de espírito pré-romântico, Saint-Sever. Abandonando-se ao fluxo e refluxo da memória e da paixão, Saint-Sever volta a Veneza ao pressentir que está para morrer. A visão agonizante do seu passado amoroso em Veneza (paixão heterossexual por uma bela patriciã, Laura Foscarini, e por um enigmático *jeune homme de Venise*, Fabiano Fabiani) contrapõe-se a visão orgiástica do Carnaval de Veneza, enquanto ao largo se trava uma batalha naval sangrenta contra os turcos.

Mais do que uma meditação sobre a morte *Un jeune homme de Venise* é uma meditação sobre a agonia como estado de voluptuosa lucidez.

«Creio num ressurgimento do romantismo»

Duas e meia da tarde. Um sol doente infiltra-se por entre as nuvens densas que pesam sobre Paris. Uma luz parda entorna-se por instantes sobre os milhares de vidros das janelas da Televisão Francesa.

Um estalido seco, um ronronar dormente: as bobinas do gravador começaram a rodar.

— O culto das antinomias absolutas (amor e morte, prazer e solidão), da decadência histórica ligada a um certo erotismo igualmente decadente e enfim o culto puramente estético do eu e da infelicidade no amor, tudo isto levou-me a pensar num certo neo-romantismo quando li o seu «Un jeune homme de Venise». Diga-me, Claude Michel: acha que há, em si e numa certa tendência da literatura mundial contemporânea, um regresso ao século XIX?

— Não, não é um regresso ao século XIX, mas na medida em que a literatura se tornou auto-analítica, reflecte uma época de tecnocracia, de impossibilidade de viver plenamente, uma época que só se vive para os números, os cálculos, as experiências. Ora, a literatura não é nada disso. Daí a reacção neo-romântica. De facto, creio num ressurgimento do romantismo, mas não no sentido que lhe atribuía o século XIX, antes no sentido de uma literatura em que o homem ocupa um lugar predominante, e com o homem as grandes correntes do pensamento, os grandes movimentos individualistas, uma espécie de tomada de consciência da posição do homem no mundo. Creio que o neo-romantismo é isso. Você falou há pouco de «antinomias». É isso mesmo: pensar que as coisas só podem ser destruídas pelo seu contrário. Isto é válido aliás em todos os planos, mesmo no da criação literária: escrever um livro é realizarmos na vida mas em detrimento da própria vida, pois o livro devora-a.

— Nesse caso, a literatura para si é uma espécie de evasão, um jogo...

— Não, não creio...

— Note: digo jogo não num sentido fútil...

— Bem, então será um jogo com a morte. Sim, é isso. No fundo, escrevemos porque? Para tentarmos marcar a nossa presença na passagem do tempo. É a única razão, acho eu.

Erotismo e moda

— Há uma outra questão que o seu livro levanta: o erotismo. Por mim, acho que o erotismo em França não passa de moda, mesmo na literatura. Mas em si o erotismo parece-me ser encaixado a sério...

— Sim, creio, que sim...

— Vejamos então: por que razão se instalou em França a moda do erotismo?

— A causa está talvez no êxito de um certo número

de livros americanos sobretudo, que transpunham para a literatura idelas sobre o sexo de que em França sempre se tinha fugido. Isto por um lado. Por outro lado, a publicidade e a imagem invadiram as ruas, o metro, o «écran», invadiram a vida de toda a gente, isto de uma forma destituida de toda a espécie de sentimento, de toda a espécie de força criadora. Os franceses consideram erótico uma espécie de decação daquilo que eles não têm a coragem de fazer, daquilo que gostariam de fazer. Evidentemente, o erotismo não é isso. O erotismo é a relação que há entre o amor e a morte.

— Isso é uma concepção romântica do erotismo.

— Sim, claro que sim. Mas



note que essa concepção é romântica na medida em que o romantismo francês a adoptou. Porque, afinal, essa concepção do erotismo remonta ao tempo das civilizações antigas, do Egipto antigo, por exemplo, ou da Grécia.

«Collage» e romance

— Há outra coisa que me chamou a atenção no seu romance «Un jeune homme de Venise»: a estrutura poética, quer dizer, mais uma vez as antinomias (a divisão do romance não em capítulos mas em fragmentos de sugestão poética: «Noites», «Alvoradas», «Festas», «Sangue», «Chuvas», «Sols», etc.). Vejamos: em que medida o romance não poderá sobreviver se não tomar a forma de, digamos, poesia da memória?

— Sabe, creio que o romance, tome a forma que tomar, volta sempre a impor-se. Julien Green disse-me um dia, quando lhe fiz uma pergunta semelhante, que o facto de a sua obra se manter tradicional relativamente à *avant-garde* não o preocupava. Respondei-lhe: «acho que os homens gostam e gostarão sempre que lhes contem uma história». De facto, acho que o romance será sempre bem recebido. Aliás, o romance que toma a forma de «poesia da memória», como você o define, tem imensas possibilidades de se expandir. E, claro, há ainda outros processos... Sabe, creio que o romance tradicional não morreu, renova-se, de certo modo. Quanto ao romance experimental...

— A «collage», por exemplo... o sistema de «collage»...

— Não, não acredito no sistematismo. Fazem-se coisas nesse género desde há... há quarenta anos, e nunca se viu aparecer uma obra-prima.

— Estou absolutamente de acordo consigo, mas levantei a questão porque, por exemplo, Burroughs, afinal, é também um romântico, um neo-romântico, enfim...

— Absolutamente. — Acho isso espantoso. Porque, repare, como é que se pode conciliar a «collage», que é sem dúvida um sistema, um sistema rigorosamente técnico, e o espírito neo-romântico...

— Sabe, não se podem estabelecer receitas. Tudo depende do temperamento do escritor. Balzac, Proust, Stendhal não escreveram a partir de um método, e no entanto os três, embora sendo muito diferentes entre si, criaram obras importantes e que ainda não estão esgotadas.

Esclerose da literatura francesa actual

— Já que falamos especialmente da literatura francesa... Creio que actualmente há uma esclerose, um beco sem saída. O escritor francês actual ou é frivolumente intelectualista, um jongleur de ideias e de palavras, ou então aproveita-se ainda do prestígio da Resistência, que não passa de uma retórica sediciosa... Diga-me: quais são para si os escritores franceses actuais mais importantes, quer dizer, os que conseguiram evitar o beco sem saída.

— Dos mais novos? — Sim, quer dizer, dos escritores franceses, digamos, depois de Sartre.

— É difícil responder à sua pergunta. Antes de mais porque a literatura se modifica dia a dia, e um escritor que pode parecer hoje promissor, dentro de cinco anos pode não se renovar, cair no vício da receita. Enquanto que um escritor que pode parecer hoje prisioneiro de um método, poderá libertar-se disso no futuro e tornar-se mais rico, mais aberto. Foi o que aconteceu, por exemplo, com Jean Thibaut, cujo primeiro livro...

— Li a sua crítica a «Imagez la nuit», nas «Letres Françaises».

— Pois. Como dizia, o seu primeiro livro era uma espécie

Brasil-68: História (plástica) de Anísio

por Júlio Moreira

Simultaneamente existiam todas as coisas. Mal o sabemos.

Simultaneamente rebentavam as ondas em Ipanema e em Algés. A onda de hoje em Algés parece-me tão inexistente como as de Ipanema há poucos dias. A atenção fixa-se ao que está ao pé. Assim nos deixamos morrer cada dia.

Só em raros momentos haverá uma consciência universal. Os que a experimentam podem nem reconhecer-lá. Porque não é uma consciência da forma das coisas, mas da sua existência.

É no acto de criação que essa possibilidade existe. O obscuro pintor que aguarda um ainda incerto «ver-nissagem» em Lisboa ou no Porto sabe que algum ir-mão desconhecido perseguirá naquele instante exacto, no Rio ou em S. Paulo, a mesma onda que torne possível a comunicação.

Por isso, para dar uma

forma a esse impulso de comunicação, reflecto, em onda, ANÍSIO.

ANÍSIO

Primeira exposição individual na galeria OCA, P. General Osório, Ipanema, Rio de Janeiro. Anísio Dantas Filho: *Quería destruir o homem. Quería fazer uma série de imbecis. No fundo acabei fazendo o auto-retrato.*

NO PRINCÍPIO ERA O ROSTO

Quando entrei para a escola não queria copiar. A minha intenção não era fazer o elogio à pessoa, à beleza. O que queria era fazer o retrato do que me apercebia nas pessoas. Mas todo o mundo quer ficar bem no retrato. Ninguém quer que se veja o que tem no interior. Só descobri isso quando comecei a fazer retrato.

E O ROSTO FEZ-SE MAQUINA

Quando percebi que as pessoas não gostavam de

ser retratadas, que todas queriam o elogio da beleza ou qualquer coisa assim, abandonei o retrato.

Tentei abandonar a figura humana fazendo só máquinas. Mas não conseguí. Acabei voltando à figura humana.

HOMO EX MAQUINA

O Anísio depressa abandonou as máquinas. Decididamente que o Anísio mesmo impondo-se um programa de homem tranquilo (que consegue fazer aceitar pelos amigos), não podia abandonar o plano da luta, o plano da figura do homem, onde tinha sofrido a derrota do rosto.

E o homem não estava na máquina.

DO OUTRO LADO DO ESPELHO

Quería destruir o homem. No fundo acabei fazendo o auto-retrato. A minha forma de destruição era pegar na figura que eu tra-

balhava, nos modelos, e re-bentar com a proporção, com as linhas.

Torna-se evidente que o Anísio hesitava no acto de destruição. Estava perante o espelho (o auto-retrato) e não tinha coragem de o estilhaçar. A violência ficava potencializada pelo respeito, numa luta cheia de malícia e de subentendidos, luta de vida ou morte das imagens que são a nossa imagem.

Daí vem para a pintura de Anísio o humor.

Essa luta é a parte pior. Tinha de me libertar das raízes através duma aprendizagem.

Por coincidência nessa altura surgiu na minha vida um problema psicológico, uma ameaça de destruição. Então é que eu iniciei essa série de imbecis, achando que o mundo só tinha imbecis.

Nessa altura eu crio uma figura. Não a reconheci nesse momento. Estava meio envolvido e não deu para sentir. Só depois reconheci que tinha criado uma figura mesmo. Então tentei lançar essa figura como uma coisa definitiva,

como um elemento de pintura meu.

ECCE HOMO

Com essa figura fiz uma série de santos.

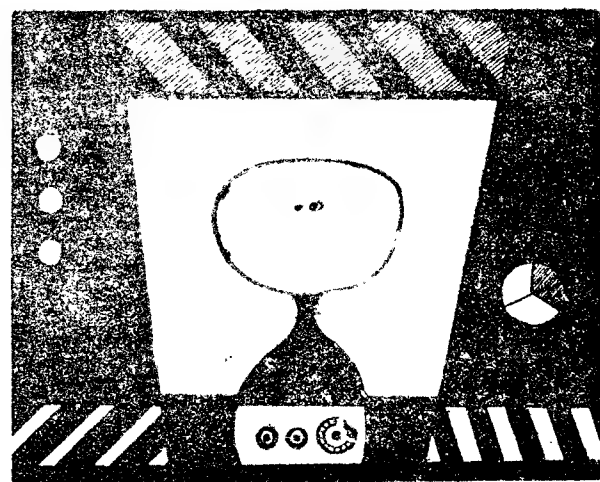
No momento não sabia explicar. Agora posso dizer que havia já uma estabilidade emocional e não que-

ria mais destruir o homem. Eu não queria fazer santos, mas as figuras depois apareciam como santos.

LOGOS

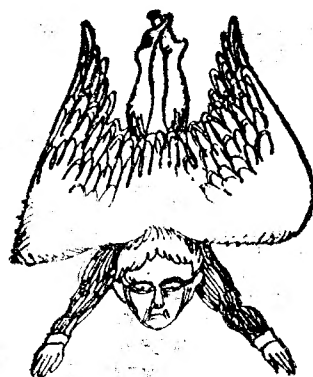
Depois da entronização do homem, veio o problema da comunicação. Não

anísio



O INVENTOR DO SUBMARINO

por Alexandre O'Neill



de cópia dos romances de Robbe-Grillet ou de Sarraute. Mas Thibaudau conseguiu libertar-se desse método e encontrou outro, mais pessoal...

— Se não estou em erro, Thibaudau está ligado à escola da revista «Tel Quel» e a Philippe Sollers...

— Sim, sim. Mas Sollers é justamente um dos escritores franceses modernos que chegaram a um beco sem saída...

— Absolutamente. Sollers partiu das limitações de François Sagan para acabar por escrever livros que não são nem romances, nem tratados teóricos, nem obras de filosofia. Livros demasiado ambiciosos e ilusivos.

— Em suma: Philippe Sollers é mais uma moda francesa, entre tantas...

— Sim. E a moda é perigosa quando a lançamos e muito mais quando sofremos as suas consequências. É o que acontece actualmente ao grupo «Tel Quel».

Literatura e cinema

— Vá lá falou há pouco em Robbe-Grillet. Vou fazer-lhe agora uma pergunta sobre cinema, já que você é também crítico de cinema: acha que o cinema acabará por tornar-se mais importante que a literatura?

— Não, não creio. O romance não eliminou o teatro nem a poesia, não vejo porque havia o cinema de eliminar o romance. Aliás, há temas que podem ser tratados num romance e que não poderiam nunca ser tratados em cinema.

— Por exemplo...

— Não vejo como se poderia transpor para o cinema a Recherche du temps perdu. Nem um romance de Virginia Woolf ou de Henry James.

— E no entanto os livros de Virginia Woolf, por exemplo, são um mundo de imagens, de metáforas.

(Continua na 7.ª página)

P

EGOU-ME na mão e, de mansinho, experimentou repetir o convite: «Vá, anda ver!». Eu, que o enxotara já duas vezes, desci do Cáucaso, levantei os olhos do livro (Nouvelles Asiatiques, Gobineau) e, com eles, fui coroar de ternura a cabecinha de cabelo «à bestia» que, a meu lado, acenava, a pedir que sim.

Na banheira, o H-327 derivava lentamente entre duas águas. Maravilha! Senti — que querem que lhes faça! — um sincero grande orgulho. Eu era o pai do inventor do submarino! Quando pus os olhos nos olhos do inventor, este semi-sorria, corado de prazer.

H-327: um tubo de vidro transparente de quase dois palmos e de diâmetro igual ao de uma cápsula de garrafa de cerveja («carica», no especializado vocabulário dos inventores...). Onde desencantara o inventor o tubo foi coisa que eu nunca quis apurar. De rãs saltadoras e despertadores de caixa de latão desventrados, de frascos de boca larga com cabeçudos nadadores, mais pequenos que fiapos, a escreverem continuamente zês (zzzzzz) na água suja, em rápidos, eléctricos movimentos de corpo, a um estranho dinamismo manual que fazia tft-tft-tft a cada fálscia que saltava dentre as escovas, o inventor habituara-me a todos os aprestos de que o seu génio criador necessitava. Mas o H-327, assim à deriva sob meio palmo de água, era positivamente de tarar!

O inventor ajustara-lhe duas roldanas dentro e roldanas, nas extremidades, com outras duas. Criara, deste modo, três compartimentos no H-327. O compartimento central abrigava a tripulação: duas moscas desasadas. O comandante-mosca (ou a mosca-comandante) distinguia-se do resto da tripulação (simbolizado, muito inteligentemente, pela outra mosca) porque o inventor lhe pintara o sim-senhôr de vermelho. Os compartimentos das extremidades constituíam os depósitos do lastro: água e, para melhor contrabalanço, algumas tachas.

A tripulação parecia atenta (já estaria meio asfixiada?) e o inventor resolveu experimentar, mais uma vez, a estabilidade, em imersão, do H-327. Arregaçou a manga, meteu a mão, em espátula, na água, e desenca-

deou na banheira uma tempestade pior que a que meteu a pique a Invencível Armada. Foi aí que o meu entusiasmo abandonou todo e qualquer paternalismo, para se tornar um entusiasmo de igual para igual. O H-327 era simplesmente formidável!

A banheira deixou de ser a banheira. Passou a Base Naval Coelho da Rocha (por essa altura, nós morávamos em Campo de Ourique, na rua do mesmo nome). E eu corri à colecção do «Paris-Match», que tem muito bom papel para aviões, e em três tempos fiz duas esquadrilhas de combate anti-submarino. O inventor, entretanto, protestava que a banheira não podia ser a Base Naval Coelho da Rocha, que era, evidentemente, o alto-mar. Eu não o contrariei, confiado como estava na superioridade da minha aviação.

Ao terceiro bombardeamento, com o mar muito agitado pelo inventor, o H-327 foi atingido por uma bomba das grandes: mola-de-roupa de arame. O submarino girou sobre si mesmo. O comandante sacudiu o sim-senhôr vermelho e firmou-se melhor nas patinhas. A mosca-marinagem não dava sinal de vida. Eu perderei, contudo, um avião de observação, que, numa «vrille» desastrada, fora cair na Base, perdão, no mar. Soraya, cujo retrato, por um feliz acaso, coincidia com o verso de uma das asas desse avião, sorria-me de dentro de água, já muito desbotada.

O inventor rejubilava com a estabilidade do H-327, que atravessara, bravamente, a terrível prova. E os bombardeamentos continuaram pelo que restava da tarde. Eu e o inventor revezávamo-nos na produção ininterrupta de tempestades e ataques aéreos. O H-327 sofreu tratos sem fim: o tremendo impacto das bombas de profundidade (para o delirante efeito, lindas grajeiras de sonífero furtadas da farmácia da velha), o tiro de salva de baterias costeiras, cujo longo alcance fora engenhosamente garantido por duas ligas da velhota, enfim, um sei-la de truques bélicos qual deles o mais arrazador. Nada! O H-327 era um grande vaso de guerra!

Já com a batalha a passar-se à luz da electricidade, o inventor, que estava, nessa

altura, «ao submarino», pediu tréguas para trazer o H-327 à superfície. Concedidas por dez minutos.

E foi durante esse curto período de tréguas que a gloriosa carreira do H-327 se viu abruptamente cortada pela entrada prosaica da nossa velhota (minha mãe e avó do inventor). Cansada de dar ao dedo na agacésar o dia todo, por canto de Matos & Carthó, Lda., Arameiros Reunidos da Pampulha, a Joana não conseguiu sintonizar o comprimento de onda altamente poético em que eu e o inventor estávamos a emitir:

— Tu, já prá cama, e sem jantar! E tu (era eu...) devias ter vergonha! Que linda educação estás a dar ao teu filho!

Cabisbaixos, eu e o inventor separámo-nos com um magoado entreolhar de solidiedade.

Por essas onze horas, com a Joana a cabecear sobre mais um capítulo da «Vida e Aventuras do Padre Quilhó de Alvarado», levei uma bucha, pé-ante-pé, ao inventor. Como se uma mola o mudasse, truca, de posição, o inventor sentou-se na cama, esfregou energeticamente os olhos e fez questão de saber:

— Então, gostaste do H-327?

— Passei-lhe a códea:

— Muito! Mas já estou a pensar no H-1000...

Trincadela e pergunta:

— No H-1000?

Festa na cabeça e resposta:

— Sim! No H-1000 com motor atómico!

O inventor pôs-se de pé na cama:

— Motor atómico!

Obriguei-o a deitar-se e não levei muito tempo a satisfazer-lhe a expectativa:

— Imagina um submarino como o H-327, mas com um compartimento extra. Nesse compartimento mete-se uma pastilha de Alka-Seltzer. O H-1000 submerge. Tira-se a roldana à sala do reactor que é a da pastilha, claro... Que achas que acontece?

Não sei se o inventor conseguiu dormir naquela noite. Eu não. Nem o Gobineau me fez esquecer o longo abraço quente de admiração com que o inventor saudou, na pessoa do seu pai, o aparecimento, no horizonte dos génios, dessa nova maravilha: o H-1000.

podia continuar sozinho na sua dignidade recuperada. Comecei a abordar o tema do diálogo entre os homens. Era o problema do quotidiano. Relações entre pessoas, entre casais.

E durante oito meses Anísio abandona a pintura. Fez decorações de rua para o Carnaval, decorações para a TV, foi «reteirista» de cinema.

Aqui acaba a pré-história e começa a história de Anísio: com a descoberta da linguagem.

O BRAÇO MECÂNICO

Quando voltei a pintar foi retomando o problema do diálogo. Outra maneira. O gozado é que depois do retrato apareceu a máquina muito seca, sem calor humano. Depois veio o homem. Depois voltou a máquina com o homem.

A máquina aí aparece numa maneira simbólica. A máquina é a estrutura em que o homem vive. Quando represento um ho-

mem com um braço mecânico isso representa o processo a que o homem se sujeita por rotina, tendo perdido toda a liberdade.

De Anísio, quis aprofundar, para complemento da sua ainda curta história, o significado desse simbolismo. De algum modo me pareceu excessivamente evidente. Ai calmos de novo sob o domínio da agressão; da agressão do braço mecânico.

Anísio, o homem tranquilo não tem descanso. Mas a agressividade do princípio está moderada. Já não quer destruir o homem. Creio que verdadeiramente ele gostaria de destruir o braço mecânico.

O CHOQUE

Não tenho intenção nenhuma de ser profeta. Não denuncio coisa nenhuma, não dou nenhum passo em frente como diz o WALMIR AYALA. Podia botar um letrinho ou escrever um livro. Um escritor, queira ou não queira, está lançando uma mensagem. Eu apenas uso um tema para desenvolver o meu trabalho. Mas pode

ser que se escrevesse um livro acabasse por cair em simbolismos para esconder o que quero dizer. Não escolhi esta atitude. Foi um processo de elaboração. É talvez timidez. Quero fazer-me entender sem chocar demasiado. Quando faço uma combinação de cores, um contraste violento, é certo que procuro chocar. Quando esquematizo a estrutura dum quadro eu possa chocar. Talvez seja essa a minha maneira de chocar, sem atingir o espectador num plano vital.

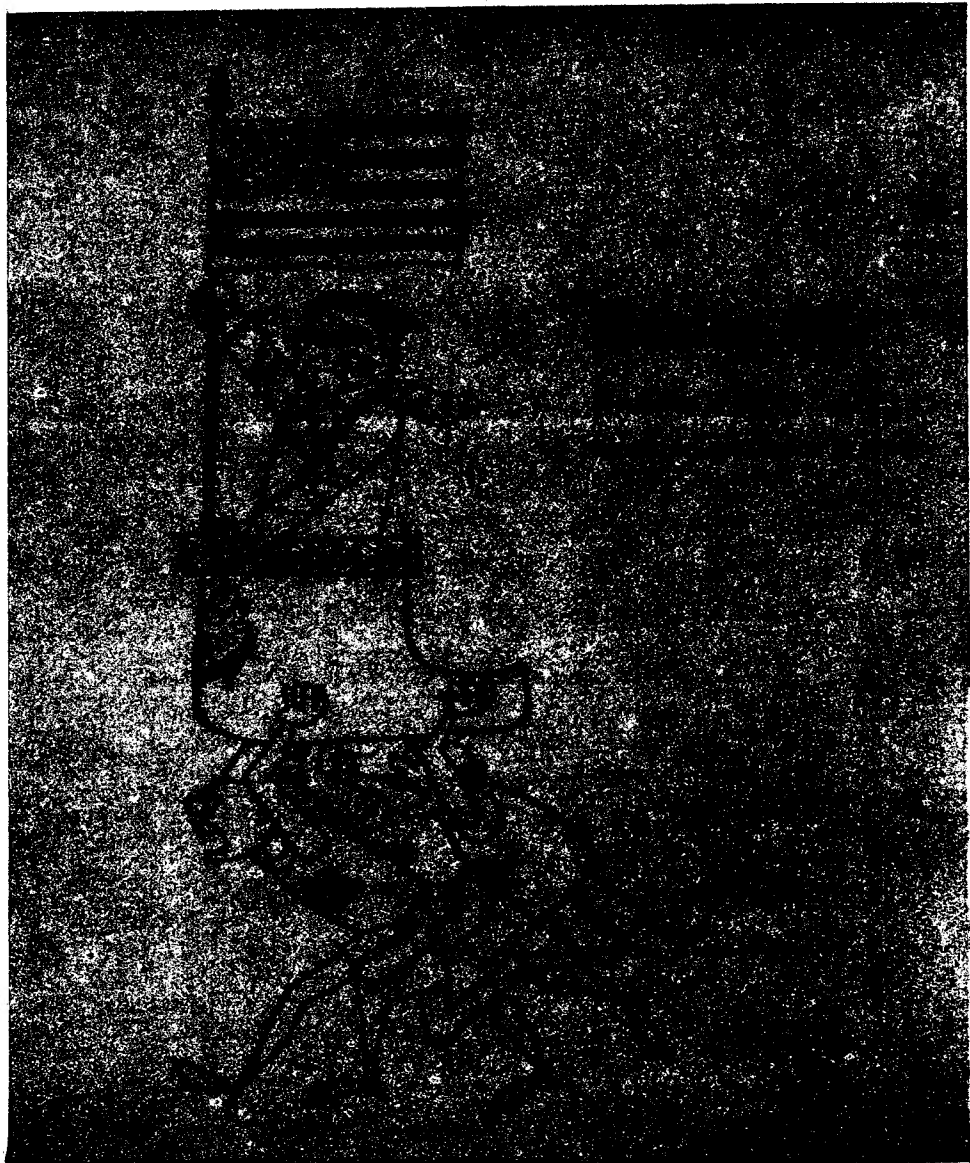
Não posso saber se as pessoas estão preparadas. Parto do princípio que não estão. Então prefiro prepará-las para receber o choque.

DA CRÍTICA

Diz Walmir Ayala no Jornal do Brasil, caderno B, de 8 de Outubro:

Podemos dizer, sem medo de errar que nesta exposição se inaugura, inelutavelmente a carreira pública de um grande pintor.

A história de Anísio não acabou.



As «Situações» de Sartre

(Continuação da 1.ª página)

pela afirmação do riso, da arte, do jogo e do erotismo. A título de curiosidade, lembre-se que a resposta de Bataille a Sartre aparece incluída no volume *Sur Nietzsche — Volonté de chance*, que a Gallimard reeditou há pouco.

Mas nada disto diminui o imenso interesse que nos deve merecer esta edição portuguesa de *Situações-I*. Lamentemos apenas que

somente vinte anos depois ela surja entre nós. E assinalamos o nosso espanto: quando tantas traduções invadem as livrarias, o ensaísmo de Sartre, a meditação filosófica de Heidegger, a obra científica de Freud, os textos de Bachelard, e a sociologia de Max Weber (para dar alguns exemplos), estão ainda, na sua quase totalidade, por traduzir em português.

EDUARDO P. COELHO

Ouvir para julgar

(Continuação da 1.ª página)

rimentada universalmente por todos os indivíduos.

Não será isto que leva Malamud a pôr na boca de uma das suas personagens de *The Fixer* (Trad. port. «Será Crime ser Judeu?», Edit. Minerva, 1968): «Num país doente tudo quanto se fizer para lhe restabelecer a saúde constitui um insulto para aqueles que vivem da sua doença?»

A doença a que Bernard Malamud se refere é o anti-semitismo. O notável escritor americano podia escolher um tema do seu próprio país, mas foi buscar um caso especialíssimo dele, e estudá-lo num país europeu: a Rússia.

Porquê a Rússia? Só para fugir à acusação-cliché de que é a Alemanha quem, muito recentemente, encarnou o papel de *cínico* na longa fita de episódios que tem sido a perseguição (ou a discriminação) contra os judeus na Europa? Ou para mostrar que uma das potências que lutou contra ela (a União Soviética) sofrera, em data não muito mais distante, do mesmo mal? Penso que a resposta não interessa muito. Porque quem está em xexque em *The Fixer* é o cristão anti-semita que numa das mãos empunha o crucifixo, símbolo da Redenção ou do Perdão, e na outra a espada afiada para decapitar as cabeças do gentio heterodoxo originário de Sion. Se Cristo foi crucificado pelos judeus, estes, por seu turno, encarnaram milhões de vezes um papel semelhante numa crucificação aureolada de muito menos glória. Penso que devemos simbolicamente entender alguns dos episódios de *The Fixer* como outros tantos passos da Paixão de Cristo, nomeadamente a cena impressionante em que Yakov Bok é obrigado a dirigir-se, de joelhos ensanguentados, ao gabinete do director da penitenciária onde injustamente se encontra, ou aquela em que, no fim, se

dirige entre apupos e gritos de encorajamento e de esperança para o julgamento que o há-de condenar ou libertar.

Mas será a Yakov Bok reconhecida a sua inocência? O romance acaba neste passo, porque se Malamud o terminasse com o perdão do judeu que foi arbitrariamente acusado de matar uma criança russa não poderia significar tal desfecho que, reabilitado Yakov Bok, também estaria simbolicamente reabilitados todos os outros judeus do mundo?

Vejamos: também Dreyfus foi reabilitado, o que nada valeu aos milhões de judeus que foram executados na Segunda Grande Guerra. O que acontece, ensina-nos Malamud, é que as pessoas, os grupos sociais, as raças, as nações estão todas mergulhadas na História, mas umas mais que outras, e acontece que os judeus estão mais mergulhados nela do que a esmagadora maioria das outras.

Penso que a tese de Malamud atinge o coração de todos os racismos. E a vítima do racismo coincide com o perseguido nas línguas mais civilizadas. E quem ignora que é precisamente o racismo um dos cânceros que rói lentamente esse grande colosso que é os Estados Unidos? Os americanos que têm cabeça para pensar, lançam mão do primeiro estetoscópio, convencidos, com efeito, de serem a caricatura duma utopia, cujas traves (aparentemente tão sólidas) se encontram resumidas nas desprezadas sete teses de Jefferson, atravessam o Atlântico, põem o pé na Europa e vão descobrir o bacilo que, pelo caminho que as coisas levam, os levará à destruição inevitável.

E pode estar-se destruído embora com o ar de se gozar da mais promissora saúde deste mundo e do outro.

ALEXANDRE PINHEIRO TORRES

NOVA YORK, Centro da maior área urbanizada dos E. U. A. é uma metrópole americana típica, mas polarizada numa cidade singular com a maior variedade urbana deste país.

São sobretudo os cidadãos que concedem a Nova York um carácter dinâmico e urbano (excepção nos E. U. A.) que a tornam lugar eleito para troca de opiniões num ambiente estimulante, rico em museus, teatros, auditórios e bibliotecas, onde as personalidades das artes, música, política, ciência e literatura se tornam anónimas e desaparecem perante a dimensão da cidade e o elevado número e nível dos seus profissionais.

Estas características não são de estranhar, sabendo-se que quantidade é geralmente, em termos urbanos, sinónimo de qualidade e que a região de Nova York, com 160 km de comprimento e 17 664 km² tem cerca de 16 milhões de habitantes, população da qual só a região de Tóquio, com 10 milhões de habitantes, se aproxima, mas que é bastante superior a Londres (região de 8 milhões), Paris, Buenos Aires e Xangai (regiões de 7 milhões).

Com a actual tendência para a dispersão, é pouco provável que a densidade de Nova York seja alguma vez igualada nos E. U. A.; em Manhattan (apesar de extensas áreas de escritórios) a densidade média é de 390 habitantes/ha, sensivelmente igual à de Lisboa (320 habitantes/ha excluídas zonas de recente desenvolvimento e baixa densidade).

No plano económico Nova York é singular: com 9 por cento da população do país, a região polariza 40 por cento dos empregos dos E. U. em vendas a grosso, 30 por cento na finança, negócios e serviços e 12 por cento na manufatura. Metade desses empregos estão num raio de 8 quilómetros de Times Square, o ponto focal de Manhattan; mais de 3 milhões se deslocam para trabalhar em Manhattan nas actividades dominantes: finanças, rádio e TV, publicidade, editoriais, modas e grandes empresas.

Nova York documenta também a dualidade centro-subúrbio que referimos, mas o centro não é apenas um bairro, como noutras metrópoles americanas, mas uma cidade, Manhattan, onde se reside, trabalha e vive intensa e urbanamente. A minoria activa aí concentrada é um núcleo não preguiçoso que irradia ideias e realiza imaginativamente, distinguindo-se da maioria suburbana, situada longe dos conflitos sociais, mas condicionada pelo consumo e padrões de comportamento social.

Um planeamento regional para uma metrópole como Nova York ou outras interessadas num crescimento harmonioso, exigiria:

- um governo único metropolitano abrangendo toda a região;
- propriedade pública do solo a desenvolver;
- impostos ou leis permi-

Concentração urbana ou

por Raul Hestnes Ferreira

tindo ao governo adquirir o solo e controlar a execução de obras para o seu desenvolvimento; — política residencial de grande alcance e não discriminatória.

Estas medidas, que nada têm de novo, são radicais na política americana, embora tenham sido levadas a cabo parcialmente em países europeus mesmo com estrutura democrática capitalista.

MEGALÓPOLIS, ACME DO CRESCIMENTO URBANO

Nova York, além do seu enorme desenvolvimento metropolitano, é o centro duma unidade regional ainda mais vasta, complementar no aspecto económico, que se estende de Boston a Washington e cuja densidade varia de 800 habitantes/ha, densidade da zona mais densa de Manhattan (equivalente às densidades da freguesia do Socorro, com 880 habitantes/ha, por exemplo, em Lisboa) até densidades da ordem dos 0.8 habitantes/ha no limite dessa extensão territorial.

Embora existam ainda intervalos entre as regiões metropolitanas de Washington, Baltimore, Filadélfia e Nova York, as cidades de Connecticut e Boston, essa região possui já características próprias que a vivificam e revelam a homogeneidade e complementariedade de funções. Esta área intensamente urbanizada, numa extensão de 1000 kms, bem longe da cidade murada tradicional, é o núcleo urbano de maior vitalidade dos E. U. A. e talvez da nossa época, constituída por aglomerados com densidades disparadas ligadas por um sistema viário esmagador que se sobrepõe a linhas divisórias arbitrárias entre regiões e cidades.

Megalópolis (nome proposto por Gottman para este complexo territorial de 37 milhões) comparável apenas a duas ou três faixas industrializadas do globo, constitui uma concentração única de salários, produção industrial, transportes marítimos ou terrestres, conhecimentos técnicos e artísticos, universidades, administração e finanças, etc., testemunhando que a cidade é hoje uma entidade inteiramente nova, um complexo sem dimensão definida difícil de apreender.

Urbanização, metropolização e megapolização são, portanto, formas com raiz no embrião urbano a que já nos referimos, constituindo etapas no alargamento da utilização especializada do solo.

Com as comunicações actuais, a distância física já não é hoje sinónimo de isolamento, sendo agora uma questão académica o decidir-se se os aglomerados actuais devem ser grandes ou pequenos, se devem estar mais ou menos interligados; a metrópole deixou de estar ligada a conceitos de ordem dimensional ou populacional, ficando antes dependente da eficiência administrativa, da estrutura de transportes e da organização do território no sentido de facilitar o trabalho, o agrupamento e a recreação dos seus habitantes que dispõem cada vez mais de tempo livre.

A discussão de conceitos físicos, como a dimensão óptima dos centros ou das cidades, tinha razão de ser enquanto estas estavam limitadas por muralhas ou por transportes que condi-

O HOMEM, O FUTURO NÚCLEO HABITACIONAL E O LAZER

A forma da cidade futura dependerá das preferências que os núcleos sociais com influência política manifestaram por esta ou aquela forma de agrupamento. Hoje nos E. U., o habitante mais influente política e socialmente é o suburbano típico, escravidado consciente ou inconscientemente da máquina publicitária, substituindo a visão real do mundo pela visão mítica da TV e assim não poderá haver grande optimismo se pensarmos a cidade futura em função da actual estrutura dos E. U.

Sempre houve elites que se apercebiam das subcorrentes predominantes na época e lhes concediam forma filosófica, literária ou artística e as elites intelectuais dos E. U., hoje em grande parte abominando valores ligados ao conforto conformista, cumprem a função crítica e criadora que lhes cabe. O que é, afinal, inédito e ambíguo, por outro lado, é que uma escolarização de grande nível (43% dos jovens americanos vão à Universidade) não se traduzia numa actividade cultural superior, o que é singular se pensarmos na força cultural manifestada

DE NOVA YORK PARA ONDE?



A proposta do arquitecto americano para Filadélfia com as vias de acesso desembocando em enormes edifícios (contendo silos para carros e actividades para escritórios) que rodeiam o centro da cidade

por povos mais atrasados técnica e economicamente.

Importaria, pois, poder antecipar se a melhoria da técnica e dos meios de comunicação será como até agora utilizada para a difusão de «cultura» (a partir de centrais onde está «armazenada») entre uma população passiva ou se, pelo contrário, fará entrar em contacto directo milhares de centros culturais autónomos e cheios de vitalidade criadora com base em instituições dedicadas ao estudo, característica que está hoje também implícita mas menos evidentemente na sociedade americana.

O aumento do tempo livre garantido pela redução da semana de trabalho, aumento de feriados e outros benefícios resultantes da automatização, com o constituir um factor fundamental para a definição da futura estrutura das metrópoles. Não estará talvez longe o dia em que as máquinas,

O PARAÍSO À BEIRA DO INFERNO

por Hubert Von Breisky

Um fresco animado da Indochina de hoje

Volume de 384 páginas: 65\$00

Do mesmo autor:

O COLOSSO: 60\$00

A GRANDE CALEMA: 55\$00

Colecção AUTORES UNIVERSAIS

Série Monumental

LIVRARIA BERTRAND

dispersão? (2)

nas sociedades industriais, executarão sôzinhas a maioria dos trabalhos de produção (alargando cada vez mais o fosso que as separa das sociedades subdesenvolvidas) mas permitirão que todos os seus elementos beneficiem do labor das máquinas para forjar novas formas e padrões de vida e divertimentos dignos da nossa época.

A estrutura residencial da cidade futura será na sua forma arquitectónica uma entidade nova, hoje difícil de antecipar, e reflectirá, decerto, a organização social da comunidade e a sua forma de convívio.

Novas instituições poderiam surgir das novas disponibilidades de tempo por parte das forças criadoras da sociedade: a Universidade actual poderia constituir o fulcro de regiões administrativas onde a população, criando uma nova Escola Pública, se pudesse dedicar a actividades culturais, estudando, forjando novas elites e fazendo assim evoluir o conhecimento humano.

Tudo nos leva a crer — até o absurdo de se perpetuar o dispêndio de energia duma população espectral de milhões — que novas formas de vida irão surgir traduzidas fisicamente pela fusão de belos espaços urbanísticos e arquitectónicos, inovadores, que rompam validamente com a avenida Hausmaniana do século XIX, conceito mais divulgado e característico do urbanismo desta última centena de anos.

Nos E. U., como primeiro passo para essa evolução teríamos de assistir a uma elevação do nível cultural e à formação de novas elites num processo lento de caldeamento de várias etnias, consolidadas com a melhoria do nível educacional ao longo das gerações. O aumento da escolaridade e a utilização imaginativa do equipamento pedagógico e laboratorial das edificações escolares americanas acabará por criar uma nova mentalidade, sendo evidente, através de acontecimentos recentes, que dentro de algumas décadas os jovens rejeitem a simplificação de valores que a grande maioria das actuais camadas americanas aceita.

A incógnita da evolução social traduz-se em várias possibilidades: a forma da cidade americana futura tanto pode derivar da primazia dada à produção — com as actividades centralizadas em cidades, como hoje, e as habitações em vastas áreas em redor — o que reforçaria o actual tipo de vida suburbana ou a factores sociais — o que poderia conduzir à dispersão das actividades coordenadas por centros electrónicos, em centros atomizados onde o trabalho seria um apêndice da habitação e do lazer — o que reduziria as deslocamentos físicos dos habitantes, agrupados em núcleos sociais democráticos e fecundos.

Em qualquer dos casos, as urbes americanas — enregues hoje à delapidação — terão de sofrer enormes transformações para jogarem como centros de

vida; as enormes extensões de tecido urbano exigem operações radicais que deem lugar a novas realizações que a capacidade técnica dos E. U. (hoje desviada para outros fins menos construtivos) justifica e a estrutura social fatalmente exigirá.

NOVAS FORMAS DE TRANSPORTE E A CIDADE FUTURA

Não é demais acentuar, por último, a importância dos transportes na forma da cidade futura.

Peritos advogam a adopção de transportes individuais drasticamente diferentes dos actuais, mas sem perder as suas vantagens, pois não é realista retroceder neste campo.

Vários estudos têm sido promovidos por entidades governamentais, universitárias, industriais, etc., sendo o mais recente elaborado para a Universidade de Stanford, S. Francisco, por 26 sociólogos, arquitectos, advogados e psicólogos que prevêem transformações radicais neste campo com a introdução do automatismo até ao fim deste século. O laboratório Cornell, por seu lado, propõe um sistema que combina a versatilidade do automóvel com algumas vantagens do trânsito de carris.

Esse sistema seria uma auto-estrada automática controlada, que elevaria a sua capacidade para o nível dos sistemas de carris sem sacrificar as vantagens, de recolher e distribuir passageiros à porta, de automóvel.

Utilizar-se-iam carros pequenos, eléctricos, que podem viajar sob controlo, juntos ou isolados, e ser facilmente arrumados no seu destino. A energia eléctrica faria diminuir a poluição atmosférica, melhorando também a economia dos veículos, enquanto a ligação dos veículos permitiria utilizar o controlo automático nas auto-estradas.

Estes sistemas ou outros igualmente engenhosos não se encontram ainda prontos mas isso não justifica a imobilidade revelada nas propostas dos novos transportes colectivos, pois mesmo os mais evoluídos ultimamente propostos nos E. U., embora positivos, são muito inferiores ao que a tecnologia do nosso século possibilita e está testemunhada pelos progressos no campo da electrónica e pesquisa espacial.

A tecnologia dos veículos do futuro é, no entanto, apenas uma parte do problema, sendo necessário ainda criar, como dissemos, um ambiente para os sistemas de transportes poderem funcionar harmonicamente. Propostas recentes em Boston, Nova York, Filadélfia e Chicago, para integração de várias companhias de trânsito, caminhos de ferro, pontes e túneis, etc., são um passo importante no reconhecimento da necessidade de um planeamento total dos transportes integrados organicamente na estrutura física da metrópole, para impulsionar novas formas de cidade aptas a corresponder a uma vida social e cultural plena.



A ambiguidade do mal

(Continuação da 1.ª página)

que circulava à vontade pelo *underground* da Gestapo...

«IM NAMED DES FÜHRERS»...

Quando em Maio de 1933, o jovem engenheiro de minas Kurt Gerstein, de 28 anos, adere ao partido de Hitler, a sua escolha é resultado de uma educação autoritária, de uma tradição nacionalista e de uma influência religiosa (protestante) de grande rigidez. Numa viagem à América descobre que o seu apelido é judeu e não se furta a esse complexo que procurará vencer por uma dedicação fervorosa à Igreja de Cristo e à paz da família. O seu primeiro acto público será o de protestar em abaixo-assinado contra a usurpação da juventude evangélica pelas organizações hitlerianas. O segundo — a organização de um congresso de minei-

ros — levá-lo-ia aos cárceres dos SS em Sarrebruck. Quando sai, o Partido Nacional-Socialista estabelece um compromisso com a Igreja confessionalista e é então que Gerstein toma a decisão definitiva:

«Ouvindo falar dos massacres dos judeus e alienados em Grafenek, Hadamar, etc., chocado e ferido no meu íntimo, só tinha um desejo: ver, ver claro todo esse mecanismo e então gritá-lo ao povo inteiro!» — Relatório Gerstein.

Em 1941 é admitido, por proposta da Gestapo, a servir na organização e meses depois promovido a tenente. Entretanto, numa carta à mulher, declara-se «numa posição em que na verdade lhe é possível ser extremamente útil e impedir muitas coisas. Viu realmente: foi ferido na frente russa, tomou parte em interrogatórios, conheceu antecipadamente os projectos de exterminações dos judeus polacos, como chefe dos serviços de de-

sinfeção SS visitou os campos de concentração e lãnder. Gerstein volta-se então para as embalagens estrangeiras e principalmente para Pio XII. Em pormenorizadas que fez passar em parte aos aliados e ao Vaticano. O seu encontro com o diplomata sueco, o barão von Otter, é quase patético: fardado de SS e correndo os maiores riscos, informa-o detalhadamente de tudo, mas é tomado como provocador. Dirige-se a missões dos países neutros, contacta com o Vaticano mas está votado à desconfiança ou à indiferença dos comodistas.

O PREÇO DA DUPLICIDADE

O livro de Friedländer é um bem documentado estudo da tortura íntima que domina Gerstein e de que existem documentos comprovativos quer em cartas para a mulher, quer em notas diplomáticas. Este pai de sete filhos, exemplar chefe de família, cristão convicto e «patriota incorruptível» — como se classificou a si próprio, virá-se para a Igreja e, fardado de SS, encontra-se com o bispo de Upsala e grita com a voz estrangulada: «Ajudem-nos! É preciso que no estrangeiro saibam destes crimes!»

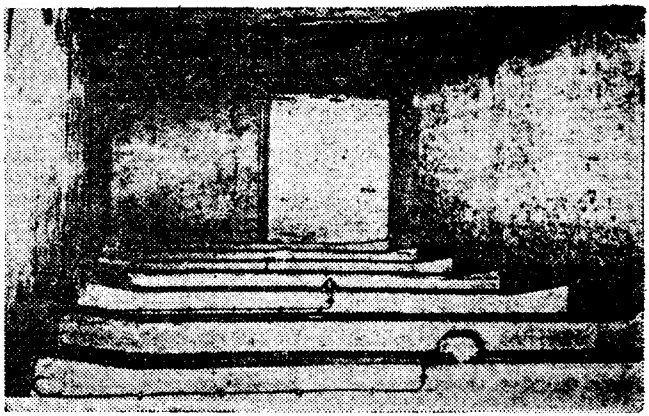
Mas «publicamente os pastores e os bispos guardam silêncio frente ao extermínio dos prisionei-

ros» — comenta Saul Friedländer. Gerstein volta-se então para as embalagens estrangeiras e principalmente para Pio XII. Em pormenorizadas que fez passar em parte aos aliados e ao Vaticano. O seu encontro com o diplomata sueco, o barão von Otter, é quase patético: fardado de SS e correndo os maiores riscos, informa-o detalhadamente de tudo, mas é tomado como provocador. Dirige-se a missões dos países neutros, contacta com o Vaticano mas está votado à desconfiança ou à indiferença dos comodistas.

O jogo duplo prossegue até à ocupação da Alemanha pelas forças aliadas. Nessa ocasião, Maio de 1945, Gerstein apresenta-se à Polícia francesa e de interrogatório em interrogatório vai-se apercebendo da intimidade da sua aventura. O sentimento de culpa avassala-o e acaba por se enforcar na cela da prisão de Cherche-Midi.

Um outro historiador — Leon Poliakov — ao estudar, por seu turno, o caso Gerstein, comenta: «O destino histórico deste homem perpetua a ambiguidade engendrada pelo despotismo» — e é esta a síntese mais concreta de *Entre o Homem e a Gestapo*, de Saul Friedländer. Livro do maior interesse, a muitos títulos (pela informação histórica que contém, pela moralidade que traz e pelo caso humano que descreve) esta obra com que se inicia a Coleção *A Marca do Tempo* é indiscutivelmente um dos mais significativos e estranhos documentos do nosso século.

SHEPPARD DE MORAES



Auschwitz: forno crematório

Caminhando para 1984

(Continuação da 8.ª página)

donou a geração Pepsicola para instalar a sua maturidade desenganada na tepidez confortável dum casamento rico que não lhe destruiu a inquietação nem lhe trouxe qualquer tranquilidade. Joseph Cotten e Richard Chamberlain marcam a um ponto tal certos personagens crónicos dos filmes americanos que os conseguem tornar verosímeis e, aqui e ali, divertidos na sua insensatez.

Temos, pois, uma força formidável acumulando-se, concentrando-se mas que

se comporta um pouco como um bôlide de 3 mil cilindradas que, em vez de seguir por uma super auto-estrada, se lança num atalho impraticável para a sua potência. Mesmo assim, Petúlia consegue iluminar o caminho, consegue-nos maltratar e insistir no carácter grotesco da imitação da vida.

É uma mulher encostada à porta olhando o homem deitado, o homem fumando no fundo do apartamento enquanto a mulher fixa os olhos não sei onde, Petúlia e Archie no motel, na casa do médico sem comunica-

rem como dois seres a quem fornecessem, por engano telefónico, direcções erradas. Mas que, mesmo assim, continuam a ser atraídos um pelo outro, a entredevorarem-se. Lado a lado, com a vulgaridade agressiva de certos tons de S. Francisco, o romance Archie-Petúlia lembra uma embalagem de cromatismo gritante. Trata-se de gente apressadamente nervosa, com tiques mesmo quando os rostos permanecem plácidos, cuja humanidade é constantemente agredida, traída por um meio-ambiente sem alma: Archie

reage à conspiração plegas preparada pelos amigos que lhe projectam os slides dum passado próximo como a uma enfiadonha partida de bridge com parcelas mal preparados, Petúlia imita as Anas Kareninas ao entrar com o médico num motel com circuito interno de TV e ar condicionado, lugubrememente cómodo.

Uma bela embalagem, não se discute... Mas olhem para dentro, senhoras e senhores; e lê-se aí a mensagem: a embalagem vem oca.

JOSÉ VAZ PEREIRA

Encontro com Claude Michel Cluny

(Continuação da 5.ª página)

— Sim, mas o cinema é um meio de comunicação que actua instantaneamente, imediatamente, enquanto que o livro pode ler-se lentamente ou rapidamente, segundo o gosto ou as possibilidades de cada qual. Há aí, desde logo, uma diferença digamos, de «mensagem».

Literatura portuguesa: aberta e universal

— Passemos agora para a literatura portuguesa. Você tem-se interessado muito por Portugal. Diga-me: o que acha da literatura portuguesa actual?

— Apesar de tudo, conhe-

ço-a mal. Por um lado, a literatura francesa tira-me muito tempo...

— O que em si não é uma questão de chauvinismo, creio...

— ... Por outro lado, há falta de traduções, o que é pena. Os livros que li deram-me a ideia de que a literatura portuguesa é abundante e rica. Para o público francês, infelizmente, continua a ser uma literatura regionalista, pelo próprio facto de não ser conhecida. O que, creio, é absolutamente falso. Pelo contrário, acho que a literatura portuguesa, sobretudo depois de Fernando Pessoa, está voltada para os problemas que preocupam o homem contemporâneo onde quer que ele viva. Penso

que, de facto, a literatura portuguesa actual é uma literatura aberta, universalista. Infelizmente, como lhe digo, em França continua a ser muito pouco conhecida.

— E porque? Não percebo, há em França uma espécie de preconceito contra a literatura estrangeira, excepto a literatura estrangeira que os franceses tornam uma moda, como acontece actualmente com a literatura latino-americana...

— Tem razão. Sabe, os franceses são realmente chauvinistas. Além do mais, ignoram completamente a geografia. Assim, mesmo quando vão passar as férias a Portugal, não se interessam por conhecer o país. Depois, há ainda o problema

da língua.

— Diga-me, Claude Michel: quais são os escritores portugueses contemporâneos que você conhece e admira mais?

— Conheço-os mal, como lhe disse. Li o romance *Hóspedes de Job* de Cardoso Pires traduzido na Gallimard, conheço também algumas obras de Urbano Tavares Rodrigues. Dos poetas, excepto Fernando Pessoa, não conheço quase nada. Creio que se poderia publicar em França uma excelente antologia da poesia portuguesa contemporânea, mas a verdade é que não tenho um conhecimento exacto do que se tem publicado.

ALVARO MANUEL MACHADO



Richard Lester, ou o medo da banalidade

Caminhando para 1984

por José Vaz Pereira

POSSIVELMENTE, uma das coisas mais detestáveis no cinema é o recurso à habilidadezinha, ao exercício superficial que se esforça por deitar poeira nos olhos, à receita sempre infalível do que «está em voga», à segurança cobarde do hermetismo. Todas essas soluções meramente expeditivas poderão ter tentado Richard Lester no quadro que nos traça, em *Petulia*, dos estratos superiores da fauna afluente de S. Francisco. E é claro que essas pechãs seriam facilmente servidas por um talento que gosta de utilizar planos rápidos, bombardear o público com *fondus*, cruzamento de imagens, ziguezagues de imagens e uma ferocidade rítmica própria dos grandes realizadores de TV que não podem perder tempo.

Petulia irrita e subjugava a um ponto tal que não parece prudente rotulá-la de insignificância oculta por uma caligrafia sofisticada. Lester, com a desconfiança instintiva dum cineasta original mas que receia a banalidade em cada enquadramento, consegue um filme duma densidade, duma respiração plano a plano raramente vistas. Se acrescentarmos que uma nervosidade sincopada torna essa densidade filmica mais febricitante e mais corrosiva, podemos tomar nota da obra presente como um potente manifesto contra a incomunicabilidade das *Petúllas* e dos *Archies* que, enfastiados em motéis, com a televisão atirando imagens para apartamentos vazios que eles abandonaram, olhando os *slides* dum vida irreversível, fotocopiando os gestos duma convivência humana para sempre malograda, se limitam a esperar a chegada dos marcianos, a entrada dum esquadrão de motociclistas tipo anjos do inferno na cafeteria dum hotel de luxo em que eles estejam a tomar um primeiro almoço desalentado.

O diabólico de *Petulia* reside nisso: quanto mais os seus movimentos se tornam convulsivos e que os gritos dos personagens lhe parecem assegurar o anarquismo duma certa liberdade emocional, mais sentimos o círculo de ferro dum horizonte inexoravelmente cerrado, dum micro-universo concentracionário, dum nivelamento de opções tão rígido que, amanhã, um homem não pode-

rá escolher a cor do seu carro, assim como não poderá recusar uma estufa dentro do seu próprio quarto. É com um movimento profundamente livre que Lester denuncia a grande ameaça: a desumanização da vida por um meio-ambiente que não reconhece a personalidade, a destruição dos sentimentos por um utilitarismo conformista que já faz parte da paisagem cotidiana.

E aqui chegamos ao ponto essencial: interessa mais o que Lester conta do que a maneira como o conta, quer no estilo dos filmes que realizou em Inglaterra quer nos saltos de memória que entram a funcionar como *flash-backs* sem aviso prévio e que lembram o Alain Resnais de *Muriel* e de *Marienbad*.

Mas mesmo dentro deste esquema há sempre peças susceptíveis de mau funcionamento. Lester é um homem fascinado pelo espectáculo exterior do mundo e pela sua possibilidade de transformar esse fascínio numa torrente avassaladora de imagens. E todas elas assinadas por uma pessoa para quem as técnicas de fotografia, de iluminação, de encenação, de montagem não têm segredos. Esta facilidade torna-se perigosa na medida em que, em Lester o fogo de artifício visual tende, às vezes, a substituir uma profundidade psicológica que, no caso de *Petulia*, é indispensável à modernidade e à ambição do tema. Lester não resiste à deambulação do ser humano, ao conforto misterioso da decoração moderna, à beleza dos objectos, aos movimentos respiratórios das cidades, à melancolia vanguardista dos recintos nocturnos. A parte visual representa para ele um papel importantíssimo e no dia que a conseguir identificar com o que pensa ou com o que quer dizer, o autor de *Petulia* será, sem dúvida, um dos mais penetrantes e mais inovadores cineastas do nosso tempo — passe o cliché.

O filme sustenta-se também com duas interpretações poderosas de Julie Christie e George Scott. Ambos se encontram, além disso, magnificamente dirigidos. O Archie de Scott retrata um médico, progressivamente esmagado por continuas contradições, experimentando um matrimónio an-

terior desastroso, iludido pelo masochismo cosmopolita de *Petulia*, presidindo aos desmoronamentos mais absurdos com um sorriso de pessoa razoável, uma espécie de ficha-robot dum homem caminhando para um 1984 orwelliano. Ao seu lado, Julie Christie personifica admiravelmente a gazela de luxo que aban-

(Continua na 7.ª página)

GERSTEIN

ou a ambiguidade do mal

por Sheppard de Moraes

QUEM FOI Kurt Gerstein, essa enigmática personagem que se alistou voluntariamente na Gestapo para testemunhar «por dentro» os crimes nazis e informar o mundo «com conhecimento detalhado e sentido objectivo», como ele disse? Que ambiguidades de comportamento revelou para poder subsistir até ao seu suicídio na prisão de Cherche Midi? Que resultados conseguiu na sua tarefa de sabotar e prevenir?

Saul Friedlander, doutor em ciências políticas, autor de *Hitler e os Estados Unidos* e, sobretudo, do desassombrado estudo sobre *Pio XII e o III Reich*, analisa este caso único no nosso século, através de uma exaustiva e documentada investigação e acaba por concluir que o verdadeiro drama de Gerstein foi o da solidão na sua empresa (...) como os seus apelos não tiveram eco e a sua dedicação foi solitária, o seu sacrifício pareceu inútil e tornou-se culpabilidade.

O CRIMINOSO INOCENTE

«Na tarde de 25 de Julho de 1945 foi encontrado morto na sua cela da prisão militar de Cherche Midi, em Paris, o tenente das SS, Kurt Gerstein. Tinha-se entregue três meses antes às autoridades para prestar declarações.»

A biografia que Friedlander nos revela em *Entre o Homem e a Gestapo*, principia neste tom «oficial» que se manterá como

determinante de objectividade até ao fim da obra.

Gerstein, «cristão convicto» — como lhe chamaria o bispo de Dibelius ao depor em sua defesa, tinha entrado para as SS e serviria até ao fim a guarda negra do regime hitleriano, participando em morticínios em massa e servindo, inclusivamente, de portador de gases tóxicos para o extermínio dos prisioneiros. «Cristão convicto»... franco atirador escarneci-

do... homem de vida cristã, ele era todavia uma personalidade dúbia que o pastor Wehr definiu nestes termos em si mesmo equívocos:

«Uma figura como a de Gerstein, julgada à luz dos nossos critérios, só pode parecer inverosímil. A inquietante habilidade que tinha para dissimular sob uma máscara a sua vida cristã íntima, com o único objectivo de servir e de ajudar constitui um desafio a todos os juízos.»

A declaração foi feita em 1950 no julgamento póstumo de Kurt Gerstein no tribunal de desnazificação de Tübingen e repetida 14 anos depois na sessão de recurso do tribunal de Baden Wurtemberg onde Gerstein foi considerado inocente. Durante esse período descobriram-se provas, ouviram-se testemunhas, e de tudo isso principiava a surgir um estranho e complexo indivíduo

(Continua na 7.ª página)

OIÇA o que têm para lhe CANTAR os NOVOS de Espanha!

A autenticidade da canção «folk». Um importante trabalho de investigação levado a cabo por um jovem universitário.

Disco LP / S-21.026

JOAQUINDIAZ

Os poetas espanhóis clássicos e contemporâneos através de uma selecção séria, responsável e rigorosa. Incluída no álbum «A Poesia de hoje e de sempre».

Disco LP / S-20.044

PACO IBÁÑEZ

Um tipo de canção imediata e directa. O «retrato» de um povo ao ritmo da música actual.

Disco LP / S-30.000

MANOLO DIAZ

1.º Prémio 1968 atribuído pela revista «Jazz» ao melhor LP de interpretação de música espanhola.

discos



à venda nas discotecas